UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM LETRAS

MARCAS DE ORALIDADE NA PRODUÇÃO TEXTUAL DE DISCENTES NO 1° ANO DO ENSINO MÉDIO DO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO AMAZONAS – CAMPUS MANAUS ZONA LESTE (IFAM/CMZL)

Manaus
2021

FRANCISCO BRITO PINTO

MARCAS DE ORALIDADE NA PRODUÇÃO TEXTUAL DE DISCENTES NO 1° ANO DO ENSINO MÉDIO DO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO AMAZONAS – CAMPUS MANAUS ZONA LESTE (IFAM/CMZL)

Dissertação submetida ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Amazonas-UFAM, para a obtenção do título de Mestre em Linguística, sob a orientação do Prof. Dr. Orlando da Silva Azevedo.

Manaus

2021

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

P659m

Pinto, Francisco Brito
Marcas de oralidade na produção textual de discentes no 1° ano do Ensino Médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – Campus Manaus Zona Leste (IFAM/CMZL) / Francisco Brito Pinto . 2021
136 f.: il.; 31 cm.

Orientador: Orlando da Silva Azevedo
Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Oralidade e escrita. 2. Ensino de Língua Portuguesa. 3. Sociolinguística Variacionista. 4. Sociolinguística Educacional. 5. Linguística Textual. I. Azevedo, Orlando da Silva. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

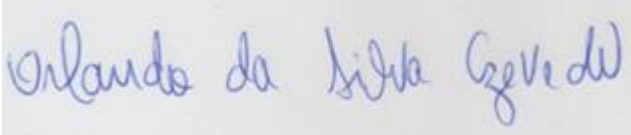
FRANCISCO BRITO PINTO

MARCAS DE ORALIDADE NA PRODUÇÃO TEXTUAL DE DISCENTES NO 1° ANO DO ENSINO MÉDIO DO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO AMAZONAS – CAMPUS MANAUS ZONA LESTE (IFAM/CMZL)

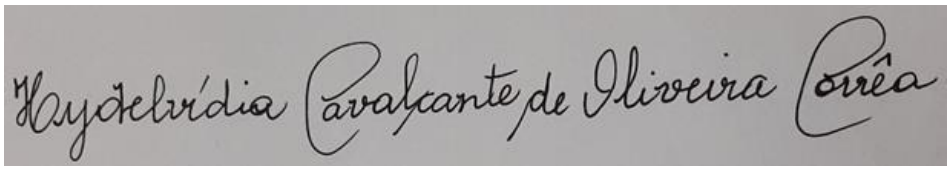
Dissertação submetida ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Amazonas-UFAM, para a obtenção do título de Mestre em Linguística, sob a orientação do Prof. Dr. Orlando da Silva Azevedo.

Aprovada em 30 de setembro de 2021

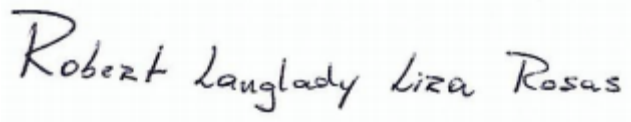
Banca examinadora



Prof. Dr. Orlando da Silva Azevedo (UFAM)



Profa. Dra. Hydelvídia Cavalcante de Oliveira Corrêa (UFAM)



Prof. Dr. Robert Langlady Lira Rosas (UFAM)

Manaus

2021

DEDICATÓRIA

Ao meu pai e à minha mãe, pessoas simples e humildes, que não tiveram a oportunidade de estudar, mas jamais desistiram do papel de educar.

AGRADECIMENTOS

À minha família pelo apoio e motivação;

Aos meus amigos pelo apoio no momento pandêmico;

Ao meu orientador pela constante orientação;

Aos membros da banca examinadora pelas contribuições para melhoria deste trabalho;

À Universidade Federal do Amazonas por me possibilitar progredir na vida acadêmica;

Ao Instituto Federal do Amazonas/ IFAM – Campus Manaus Zona Leste/CMZL por me oportunizar e progredir nos estudos acadêmicos;

Aos informantes pelas disponibilidades em contribuir com esta pesquisa em meio um momento pandêmico;

A todos que contribuíram de alguma forma para a realização desta pesquisa.

RESUMO

O estudo presente tem como objetivo analisar as marcas de oralidade no gênero textual redação escolar escrito por discentes do 1º ano do Ensino Médio do Instituto Federal do Amazonas, localizado no Campus Manaus da Zona Leste e situado no bairro Zumbi dos Palmares. Além do objetivo geral, a pesquisa pretendeu: I) Registrar desvios do padrão ortográfico a partir das categorias postuladas por Bortoni-Ricardo (2005); II) Identificar, no gênero textual redação escolar, a modalidade tipológica mais predominante; III) Verificar, nas produções escritas, as ocorrências de expressões coloquiais, repetições e/ou anáforas, clichês, gírias, marcadores conversacionais, construções de anacolutos e/ou frases inacabadas, modalizadores e formas verbais subjuntivas; IV) averiguar se o parâmetro sexual (feminino e masculino) exerce influência no que diz respeito à apropriação de traços da oralidade nas produções textuais. A pesquisa se fundamenta nos estudos de Variação Linguística propostos por Labov (2008 [1972]); nos estudos de Marcuschi (2010), Bortoni-Ricardo (2005), Bagno (2007, 2015, 2017), Calvet (2002), Koch (2010), Castilho (1998) e Soares (2000). Este estudo foi realizado através da plataforma educacional *google meet* durante a ministração das aulas de Língua Portuguesa com os respectivos alunos do 1º ano do Ensino Médio. Os parâmetros para análise das interferências da oralidade nos textos dissertativo-argumentativos dos alunos foram: tipologia textual dissertativo-argumentativa, desvios ortográficos, ocorrência coloquial, ocorrência de anáfora ou repetição, ocorrências de clichês, ocorrência de gíria, ocorrência de marcador conversacional, ocorrência de elipse, ocorrência de anacoluto ou de frases inacabadas, ocorrência de modalizador e ocorrência de formas verbais subjuntivas. Os resultados mostram traços linguísticos característicos da oralidade nas produções escritas dos discentes.

Palavras-chave: Oralidade e escrita. Ensino de Língua Portuguesa. Sociolinguística Variacionista. Sociolinguística Educacional. Linguística Textual.

ABSTRACT

The present study aims to analyze the marks of orality in the textual genre composition written by students in the 1st year of high school at the Federal Institute of Amazonas, located on the Manaus Campus in the East Zone and located in the Zumbi dos Palmares district. In addition to the general objective, the research intended: I) Record deviations from the spelling pattern from the categories postulated by Bortoni-Ricardo (2005); II) Identify the most predominant typological modality in the textual genre composition; III) Verify, in written productions, the occurrences of colloquial expressions, repetitions and/or anaphoras, clichés, slang, conversational markers, constructions of anacoluttos and/or unfinished sentences, modalizers and subjunctive verb forms; IV) investigate whether the sexual parameter (female and male) exerts influence with regard to the appropriation of orality traits in textual productions. The research is based on the Linguistic Variation studies proposed by Labov (2008 [1972]), in the studies of Marcuschi (2010), Bortoni-Ricardo (2005), Bagno (2007, 2015, 2017), Calvet (2002), Koch (2010), Castilho (1998) and Soares (2000). This study was carried out through the educational platform google meet during Portuguese language classes with the respective 1st year high school students. The parameters for analyzing the interference of orality in the students' essay-argumentative texts were: essay-argumentative textual typology, spelling deviations, colloquial occurrence, occurrence of anaphora or repetition, occurrences of clichés, occurrence of slang, occurrence of conversational marker, occurrence of ellipse, occurrence of anacoluto or unfinished sentences, occurrence of modifier and occurrence of subjunctive verb forms. The results show characteristic linguistic traits of orality in the students' written productions.

Keywords: Orality and writing. Portuguese Language Teaching. Variationist Sociolinguistics. Educational Sociolinguistics. Textual Linguistics.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Características da fala e da escrita 36
Quadro 2 Características da cultura oral e da cultura letrada 37
Quadro 3 Resumo das características da fala e da escrita..... 45
Quadro 4 Perfil do informante da pesquisa..... 50

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Desvios ortográficos nas produções textuais 69
Tabela 2 Ocorrências coloquiais 72
Tabela 3 Ocorrência de anáfora ou de repetição 76
Tabela 4 Ocorrência de clichê 79
Tabela 5 Ocorrências de gírias 81
Tabela 6 Ocorrência de marcador conversacional 84
Tabela 7 Ocorrências de anacoluto ou ruptura de construção 86
Tabela 8 Ocorrência de modalizador 89
Tabela 9 Ocorrência de formas verbais do modo subjuntivo 91

Sumário

INTRODUÇÃO **12**

1. FUNDAMENTOS TEÓRICOS **15**

1.1 LINGUÍSTICA TEXTUAL 16

1.2 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E ENSINO DE LÍNGUA MATERNA (LÍNGUA PORTUGUESA) 19

1.3 ASPECTOS DA LÍNGUA FALADA E DA LÍNGUA ESCRITA NUMA PERSPECTIVA DE *CONTINUUM* 26

1.4 MARCAS DA FALA NA ESCRITA E A RELAÇÃO COM OS ESTILOS MONITORADOS E NÃO MONITORADOS 29

1.5 UM BREVE HISTÓRICO DA SOCIOLINGUÍSTICA 32

1.6 CONTRIBUIÇÕES DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA PARA O ENSINO DE PRODUÇÃO TEXTUAL 34

1.7 SOCIOLINGUÍSTICA EDUCACIONAL 34

1.8 LÍNGUA FALADA E LÍNGUA ESCRITA 36

1.9 ESPECIFICIDADES DA LINGUAGEM 39

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS **48**

2.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA 49

2.2 LOCAL DA PESQUISA. 49

2.3 HISTÓRICO DO IFAM 49

2.4 PERFIL DO INFORMANTE 50

2.5 CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS* E ORGANIZAÇÃO DE CÉLULAS 50

2.6 COLETA DE DADOS 52

2.7 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE 54

2.7.1 TIPOLOGIA TEXTUAL DISSERTATIVO-ARGUMENTATIVA 54

2.7.2 DESVIOS ORTOGRÁFICOS 55

2.7.3 EXPRESSÕES COLOQUIAIS 56

2.7.4 ANÁFORA OU REPETIÇÃO 56

2.7.5 CLICHÊ 57

2.7.6 GÍRIA 58

2.7.7 MARCADOR CONVERSACIONAL 59

2.7.8 ELIPSE 60

2.7.9 ANACOLUTO OU CONSTRUÇÕES INACABADAS 60

2.7.10 MODALIZADORES 61

2.7.11 FORMAS VERBAIS SUBJUNTIVAS 62

3. ANÁLISE DE DADOS, DISCUSSÃO DE RESULTADOS E ASPECTOS DE ORALIDADE NO *CORPUS* **67**

3.1 TIPOLOGIA TEXTUAL: DISSERTATIVO-ARGUMENTATIVO 67

3.2 DESVIOS ORTOGRÁFICOS 68
3.3 OCORRÊNCIA COLOQUIAL 71
3.4 OCORRÊNCIA DE ANÁFORA OU DE REPETIÇÃO 74
3.5 OCORRÊNCIAS DE CLICHÊS 79
3.6 OCORRÊNCIA DE GÍRIA 80
3.7 OCORRÊNCIA DE MARCADOR CONVERSACIONAL 83
3.8 OCORRÊNCIA DE ELIPSE 85
3.9 OCORRÊNCIA DE ANACOLUTO OU DE FRASES INACABADAS 86
3.10 OCORRÊNCIA DE MODALIZADOR 89
3.11 OCORRÊNCIA DE FORMAS VERBAIS SUBJUNTIVAS 91

CONSIDERACOES FINAIS 94

REFERÊNCIAS 99

ANEXO A- TEXTOS DOS INFORMANTES 103

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa possui como escopo principal analisar, com base nos pressupostos teóricos da sociolinguística variacionista, da sociolinguística educacional e da linguística textual, as marcas de oralidade[1] em textos produzidos por alunos do 1º ano do Ensino Médio do Instituto Federal do Amazonas-IFAM, Campus Manaus Zona Leste, os quais discorreram sobre o tema *O Brasil é, de fato, um país racista?* O gênero textual selecionado foi a redação escolar de tipologia dissertativo-argumentativa.

Para o alcance do objetivo geral, foram traçados os seguintes objetivos específicos: I) Registrar desvios do padrão ortográfico decorrentes da arbitrariedade do sistema de escrita e da transposição dos hábitos da fala para escrita a partir das categorias postuladas por Bortoni-Ricardo (2005); II) Identificar no gênero textual redação escolar a modalidade tipológica mais predominante; III) Verificar, nas produções escritas, as ocorrências de expressões coloquiais, repetições e/ou anáforas, clichês, gírias, marcadores conversacionais, construções de anacolutos e/ou frases inacabadas, modalizadores e formas verbais subjuntivas; IV) averiguar se o parâmetro sexual (feminino e masculino) exerce influência no que diz respeito à apropriação de traços da oralidade nas produções textuais.

Para a composição da amostra, foram selecionadas 50 produções na modalidade tipológica dissertativo-argumentativa, cuja escolha se justifica porque é o modelo que vem sendo trabalhado há muitos anos em virtude das exigências das bancas de concurso, de vestibulares, principalmente, dos mais tradicionais como forma de ingresso ao Ensino Superior. Por exemplo, os processos seletivos da Universidade Federal do Amazonas exigem de seus candidatos o domínio da modalidade formal da língua portuguesa. Por isso, precisam escrever um texto dissertativo-argumentativo defendendo seus pontos de vista e obedecendo aos parâmetros textuais, tais como a textualidade e as correções gramaticais padrão da Língua Portuguesa.

---

[1] Esta pesquisa foi submetida ao conselho de ética – CEP da UFAM, cuja análise ainda está em andamento.

A concepção de que existe supremacia da escrita em relação à fala é muito antiga. Saussure (2012, p. 58), por exemplo, afirma que “a palavra escrita se mistura tão intimamente com a palavra falada, da qual é a imagem, que acaba por usurpar-lhe o papel principal”. Diante dessa concepção saussureana, indaga-se: os discentes do 1° ano do Ensino Médio do IFAM transcrevem traços da oralidade em suas produções textuais? A resposta é que, ao escreverem, acabam se utilizando de recursos linguísticos da oralidade nas próprias produções textuais. Além disso, os alunos utilizam mais aspectos linguísticos próprios da fala durante a produção textual do que as alunas. Segundo Labov (2008 [1972]), na dimensão diassexual, as mulheres tendem a valorizar as formas linguísticas consideradas mais prestigiosas, que circulam no meio social.

Por sua vez, a Sociolinguística educacional, que é uma subárea da linguística, estuda os fenômenos de variação linguística no português brasileiro, principalmente no que diz respeito ao aprendizado de Língua Portuguesa na Educação Básica. Compreende-se que este estudo, à luz da sociolinguística educacional, da Linguística Textual e da Sociolinguística variacionista, pode contribuir para o processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa, porque trabalha a diversidade linguística no contexto escolar.

Segundo Labov (2008 [1972]), a variação linguística é um processo natural, pois tal fenômeno é inerente ao sistema linguístico, ocorrendo, dessa forma, na fala de uma comunidade, e, inclusive, na fala de uma mesma pessoa. Isso significa que a variação linguística sempre existiu e sempre existirá, independente de qualquer ação normativa. Logo, quando se refere à Língua Portuguesa, refere-se a uma unidade linguística que se constitui de muitas variedades dialetais.

Por fim, este trabalho é composto pela introdução, fundamentação teórica, procedimentos metodológicos, análise de dados, considerações finais, referências e anexo.

Na *Introdução,* são apresentados o fenômeno investigado, os objetivos, a sua importância e o contexto da pesquisa. Na *Fundamentação Teórica* são

trabalhados os seguintes assuntos: Linguística Textual; variação linguística e ensino de língua materna (Língua Portuguesa)**;** os aspectos da língua falada e da língua escrita numa perspectiva de *continuum;* as marcas da fala na escrita e a relação com os estilos monitorados e não monitorados; um breve histórico da sociolinguística; as contribuições da Sociolinguística Variacionista para o ensino de produção textual; a Sociolinguística Educacional; língua falada e Língua escrita; e especificidades da linguagem. Nos procedimentos metodológicos, são descritas as etapas da pesquisa, tais como escolha do *corpus e* do local da pesquisa*,* da seleção dos participantes, da coleta de dados e da descrição dos fenômenos a serem investigados. Na análise de dados, são apresentados os resultados em tabelas com os devidos comentários, verificando-se possíveis interferências da oralidade nas produções textuais dos alunos do 1° ano do Ensino Médio do IFAM. Nas considerações finais*,* são retomados os objetivos, e são apresentadas as limitações da pesquisa. Nas referências, são listadas as obras usadas no corpo deste trabalho. Por último, no anexo, há os textos produzidos pelos informantes, os quais foram transcritos na íntegra.

1. FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Os fundamentos teóricos, que sustentam esta pesquisa estão desenvolvidos em nove partes, a saber: I) a Linguística Textual; II) a variação linguística e os pressupostos de ensino de língua materna; III) os aspectos da língua falada e da língua escrita numa perspectiva de *continuum*; IV) a marca da fala na escrita e a relação com estilos monitorados e não monitorados; V) um breve histórico da sociolinguística; VI) as contribuições da sociolinguística para o ensino de produção textual; VII) a sociolinguística Educacional, VIII) a língua falada *versus* Língua escrita; e IX) as especificidades da linguagem.

A partir do período de democratização do processo educacional no Brasil, vivencia-se o paradoxo inclusão e exclusão, quando os sistemas de ensino universalizam o acesso, mas continuam excluindo jovens, adolescentes e indivíduos por considerarem grupos fora dos padrões homogeneizadores da escola. Nesse sentido, a exclusão ratifica a segregação e a banalização do fracasso escolar, uma vez que a produção escrita do discente pode apresentar marcas típicas da oralidade. Diante da diversidade linguística existente na sala de aulas, as produções escritas que estão fora do padrão normativo são desprestigiadas na escola, sendo por isso, tratadas de forma marginal. Costuma-se, na escola, valorizar o padrão escrito, pois não existe preocupação com quem a produz, excluindo-se, dessa forma, o registro oral no processo de aprendizagem da língua.

A modalidade oral e a escrita não constituem uma dicotomia do certo e do errado que muitas vezes é postulada e ensinada na escola. Conforme Marcuschi (2008), essas duas modalidades se realizam por intermédio de textos em um *continuum* linguístico das práticas sociais de produção textual, pois se influenciam mutuamente e estão imbricadas uma na outra, de tal modo que se têm textos orais muito próximos da modalidade escrita, e textos escritos que se aproximam da fala.

Certamente, o professor de Língua Portuguesa, durante a prática docente, junto aos alunos do Ensino Médio, por exemplo, tem a obrigação de trabalhar nas produções textuais essas duas modalidades. Para tal tarefa, o docente deve orientar os alunos para a produção de gêneros textuais próprios

da fala e da escrita, pois cada texto é produzido dentro de um contexto e desempenha uma função social diferenciada. O importante é que o discente se envolva em práticas de letramento cada vez mais avançadas para que, assim, domine as diferentes modalidades textuais.

No tópico seguinte, aborda-se o histórico da linguística textual e seu campo de atuação.

1.1 Linguística Textual

Conforme Fávero e Koch (1988), a linguística textual surge no início da década 60, na Europa, principalmente, na Alemanha, despertada por grandes pesquisadores como Thummel, Harweng, Petofi, Van Dijk, Heidolph, entre outros.

À época, o método da Linguística Textual se apresentava inovador, porque os estudos linguísticos focavam apenas os elementos morfológicos, sintáticos e fonético-fonológicos; enquanto os aspectos semânticos e contextuais que envolvem a produção textual eram desconsiderados.

Assim sendo, depreende-se que o objetivo da Linguística Textual corresponde ao estudo da língua como foco de análise o texto, por acreditar que “o texto é uma unidade linguística hierarquicamente superior à frase. E uma [...] gramática de frase não dá conta do texto”. (MARCUSCHI, 2012, p. 16) Desse modo, a linguística textual foi muito importante para o estudo científico da língua, porque preencheu

> As lacunas das gramáticas de frase no tratamento de fenômenos tais como a correferência, a pronominalização, a seleção dos artigos (definido ou indefinido), a ordem das palavras no enunciado, relação tópico-comentário, a entoação, as relações entre sentenças não ligadas por conjunções, a concordância dos tempos verbais e vários outros que só podem ser devidamente explicadas em tempos te texto ou, então, com referência a um contexto situacional. (FAVÉRO, KOCH, 1988, p. 12)

A Linguística Textual aborda assuntos que antes não tinham relevância e não eram objeto de estudos linguísticos. Logo, “um dos motivos para o surgimento da Linguística Textual é a lacuna apresentada pela gramática de frase, pois não havia respostas significativas para grande parte dos problemas existentes na morfologia, fonologia e lexicologia” (ALMEIDA, 2019, p. 19).

A Linguística Textual possui três trajetórias diferentes. Na primeira, o texto era definido como uma sequência lógica de enunciados, cujos objetivos eram estabelecer sentidos entre os enunciados. Nesse caso, é importante destacar que nessa etapa não faz uma abordagem autônoma do texto, mas se discutia para que se pudesse superar as fronteiras das construções das frases e das orações. Ainda nessa primeira etapa, destacaram-se os estudiosos como Harweg, para o qual o texto era uma sequência de unidades linguísticas formada por um conjunto pronominal constante; Harris, o texto era composto de uma sequência de expressões, podendo ser um só verbete ou uma obra; e para Weinrich, o "texto é uma sequência ordenada de signos linguísticos entre duas interrupções comunicativas importantes" (WEINRICH, 1976, p. 186-187, apud MARCUSCHI, 2012)

Na segunda, o texto é visto sob a ótica mais qualitativa, sendo constituído por um aglomerado de frases, cujas compreensões partem de algumas competências específicas apresentadas pelos falantes. Por isso, o texto é observado como "uma unidade comunicativa e não correlação entre a produção, a constituição e recepção de textos" (MARCUSCHI, 2012, p. 26).

Os pesquisadores foram importantes para construção da Linguística Textual nessa segunda fase, principalmente, Petofi, que definiu o texto como uma sequência de elementos linguísticos orais e escritos, os quais são incorporados a partir de critérios, principalmente, extralinguísticos. Porém, essa abordagem não dava mais conta da complexidade existente no texto, sendo necessária uma nova abordagem de análise textual.

Na terceira, os pesquisadores passaram analisar o texto e o contexto de produção textual, no qual perceberam um espaço extratextual de produção, de recepção e de interpretação. Desse modo, o texto é visto como um meio de comunicação que leva em consideração os pressupostos inseridos em uma dada situação comunicativa.

> Para Schmidt, o ato de comunicação, como forma específica de interação social, toma-se o *explicandum* da linguística, de teoria de texto deixa de ser a competência textual, passando a ser a competência comunicativa (capacidade de o falante de comunicação) (FÁVERO e KOCH, 1988, p. 15-16, grifos das autoras)

Nessa terceira trajetória, o texto é analisado a partir dos elementos lexicais, sintáticos e semânticos, envolvendo uma situação comunicativa, não podendo ser tratado “simplesmente como uma unidade maior que a sentença, pois ele é uma entidade de outra ordem na medida em que é uma ocorrência na comunicação” (MARCUSCHI, 2012, p. 30).

Apesar do avanço nas abordagens da Linguística Textual, adeptos da corrente estruturalista excluíam o texto e a frase dos estudos linguísticos, destacando que ambos não fazem parte da língua, mas da fala. Para Marcuschi (2012), a corrente gerativista considerava os estudos da Linguística Textual irrelevantes, porque as gramáticas de frase se aplicariam em construções linguísticas mais extensas.

Essas manifestações começaram a mudar depois das afirmativas de que o objetivo da linguística era o texto, “contudo, essa proposta foi insuficiente explorada pelos próprios glossemáticos e não passou de um programa” (MARCUSCHI, 2012, p. 18).

A Linguística Textual dividiu opiniões até dominar seu espaço na década de 60, devido haver estudiosos que se opuseram com suas concepções. Alguns aceitavam em partes tais perspectivas, outros radicalizavam suas ideias. Para a consolidação da linguística textual, foram importantes os estudos na área da retórica, da estilística e do formalismo russo.

Segundo Fávero e Koch (1988), a definição de microestrutura e macroestrutura da retórica contribuiu para o desenvolvimento da Linguística Textual sobre os elementos linguísticos presentes no texto e a localização deste durante o processo comunicativo.

A estilística, à época, considerava a frase o elemento linguístico mais alto e era objeto de estudo do texto. A Linguística Textual ofereceu à estilística os fundamentos necessários ao estudo da frase, bem como do texto, oportunizando observar em que medida um aspecto surge da liberdade do autor ou da exigência gramatical.

Por sua vez, o formalismo russo, à época, contribuiu para estudo do discurso, cujos estudiosos, como V. Sklovsky e R. Jakobson, buscavam

estudar a estrutura do texto em si, por si, sem dá margem aos aspectos exteriores a ele, visando à liberdade.

Ao discorrer sobre todas as manifestações históricas da Linguística Textual, observa-se com clareza que essa ciência evoluiu e modificou a abordagem sobre o texto. Atualmente, trabalha-se com uma visão bem mais contextualizada, observando-se os elementos intrínsecos à estrutura/composição textual, assim como os fenômenos extratextuais.

A Linguística Textual adota uma leitura mais sociocognitiva e "as pesquisas da área passam a examinar como o aspecto extremo relaciona-se com processos internos e constroem, através de uma ação compartilhada, uma visão das coisas do mundo" (ALMEIDA, 2019, p. 22)

A Linguística Textual considera o texto como unidade linguística maior composta por recursos da textualidade.

1.2 Variação linguística e ensino de língua materna (Língua Portuguesa)

Se a língua é heterogênea, significa que ela é constituída de variação linguística. Segundo Labov (2008 [1972]), a variação linguística é um processo natural, e essencial à linguagem humana. A heterogeneidade na língua é o principal objetivo de estudo da Sociolinguística cujo foco está na relação entre a linguagem e a sociedade, a heterogeneidade linguística e heterogeneidade social.

Relacionar língua e sociedade é para sociolinguística uma ação imprescindível, para entender os fenômenos linguísticos, pois é impossível "estudar a língua sem estudar ao mesmo tempo a sociedade em que essa língua é falada" (BAGNO, 2007, p. 38). Isso significa que é importante estudar as relações linguísticas das pessoas que vivem em sociedade, como sugere Calvet (2002, p.12) "[...] as línguas não existem sem as pessoas e a história de uma língua é a história de seus falantes". A noção de fato social já estava presente nas discussões de Meillet, em 1906, pois mesmo com sua visão estruturalista, já defendia o fato social como elementos motivadores das alterações linguísticas. Calvet (2002, p. 15) afirma que:

> Quando Saussure opõe linguística interna e linguística externa, Meillet as associa; quando Saussure distingue abordagem sincrônica da abordagem diacrônica, Meillet busca explicar a estrutura pela história. Realmente tudo opõe os dois homens tão logo os situamos no terreno da linguística geral. Enquanto Saussure busca elaborar um modelo abstrato da língua, Meillet se vê em conflito entre o fato social e o sistema que tudo contém: para ele não se chega a compreender os fatos da língua sem fazer referência à diacronia, à história (CALVET, 2002, p. 15).

A noção de fato social há muito tempo já envolvia as discussões de muito teóricos, embora estes considerados estruturalistas não deram valor aos aspectos sociais. Apesar disso, a exemplo de Meillet, muitos compreenderam e defenderam que "a língua é um fato social e ao mesmo tempo um sistema que tudo contém" (CALVET, 2002, p. 16).

Essa mesma concepção de língua é vista por Labov (2008 [1972]) ao afirmar que

> Todo linguista reconhece que a língua é um fato social, mas nem todos dão a mesma ênfase a esse fato. Quando os linguistas escrevem sobre mudança linguística, encontramos um grau muito diferente de preocupação com o contexto social em que essas mudanças ocorrem. Alguns ampliam sua visão para incluir uma ampla gama de fatos sobre os falantes e seu comportamento extralinguístico, enquanto outros estreitam sua visão para excluir o máximo possível (LABOV, 2008, p.302 [1972]).

No que concerne aos trabalhos da Sociolinguística, estes enfatizam sobremodo o aspecto social e defendem que a diversidade é um fator próprio dos sistemas linguísticos. Assim sendo, cabe à Sociolinguística, como área de pesquisa sobre a linguagem humana, uma tarefa importante que se traduz no tratamento da estrutura e da evolução da linguagem relacionada ao contexto social da comunidade.

Labov (2008 [1972]) acrescenta, ainda, que:

> A existência da variação e de estruturas heterogêneas nas comunidades de fala investigadas está certamente bem fundamentada nos fatos. É a existência de qualquer outro tipo de comunidade de fala que deve ser posta em dúvida. Há um certo mito popular profundamente arraigado entre os linguistas de que, antes deles mesmos entrarem em cena, existia um grupo homogêneo, de estilo único, que realmente 'falava a língua'. Cada pesquisador acredita que sua própria comunidade foi de algum jeito desviada daquele modelo normal – pelo contato com outras línguas, pelos efeitos da educação e da pressão da língua-padrão, pelos tabus ou pela mistura de dialetos especializados ou jargões. Mas nos últimos anos fomos obrigados a reconhecer que essa é que é a situação normal – a heterogeneidade não é apenas comum, ela é o resultado

> natural de fatores linguísticos fundamentais. Argumentamos que a ausência de alternância estilística e de sistemas comunicativas multiestratificados é que seria disfuncional. (LABOV, 2008, p. 238 [1972]).

Ao compreender a exposição de Labov (2008 [1972]), depreende-se que a interação social dos sujeitos tem a linguagem como ferramenta fundamental nesse processo que não é imutável. E dessa forma, entende-se que o homem se modifica, modifica o seu meio, evolui, muda as suas crenças, ideias e, até mesmo sua aparência, logo é normal que aconteçam as variações linguísticas, por ser a língua parte construtiva dos seres humanos.

A variação linguística é inerente a todas as línguas, porque elas não são estáticas, imutáveis. À medida que o tempo passa, as línguas vão se transformando com uso. Sendo assim, segundo Bagno (2007), as sociedades complexas e letradas são formadas por dois polos: o polo da variação linguística, que apresenta a língua em seu estado permanente de transformação, de fluidez, de instabilidade e o polo da norma-padrão, produto cultural, utilizado como modelo a ser seguido para os comportamentos linguísticos considerados certos e adequados.

Bagno (2007, p. 40) afirma que “um dos postulados básicos da sociolinguística é o de que a variação não é aleatória, fortuita, caótica, muito pelo contrário, ela é estruturada, organizada, condicionada por diferentes fatores”. Isso significa que a variação linguística é um fenômeno sobre qual existem fatores internos e externos que a influenciam.

Ainda segundo Bagno (2007, p. 38), a “língua e sociedade estão indissoluvelmente entrelaçadas, uma influenciando a outra, uma construindo a outra”; e nessa construção, vários fatores são acionados, o que nos permite identificar diferentes marcas da linguagem. Desse modo, os sociolinguistas necessitam investigar nas práticas sociais dos sujeitos na sociedade para entender a ocorrência dos fenômenos linguísticos.

Coseriu (1980) afirmou que muitos são os fatores que determinam a diversidade linguística e propõe uma classificação para as diferentes formas de variação, quais sejam: diacrônica, diatópica, diastrática e diafásica. A variação diacrônica é a que se verifica na comparação entre diferentes etapas da

história de uma língua. No que concerne à variação diatópica, esta se verifica na comparação entre os modos de falar de lugares diferentes, tais como: nas grandes regiões, nos estados, na zona rural e na urbana, nas áreas socialmente demarcadas das grandes cidades. A variação diastrática é a que se verifica na comparação entre os modos de falar das diferentes classes sociais, considerando o nível de escolaridade, idade e sexo do falante, por exemplo. Já a variação diafásica ou de estilo acontece na fala de uma mesma pessoa, que se se utiliza de formas linguísticas diferentes para o mesmo sentido, alternando o uso linguístico para o mesmo referente de acordo com a situação comunicativa em que ela se encontra; em outras palavras, é o uso diferenciado que cada indivíduo que faz da língua de acordo com o grau de monitoramento que ele confere ao seu comportamento verbal.

Ilari e Basso (2011) apresentam, ainda, a variação diamésica, que pode ser observada nas diferenças existentes entre a língua falada e a língua escrita. Entre o escrito e o falado, há uma diferença irredutível de planejamento. Essa classificação nos interessa, pois nossa pesquisa centra-se na análise da marca da oralidade na escrita em textos escritos de tipologia argumentativo-dissertativa no gênero redação escolar.

É importante explicar que as variantes linguísticas das características regionais ou diatópicas podem ser observadas no campo fonético-fonológico no que se refere a diferentes sotaques como, por exemplo, a pronúncia do */r/* da palavra *portão* do português brasileiro. No nível lexical, a variável pode apresentar duas ou mais variantes para o mesmo referente extralinguístico. Por exemplo, o peixe *acari* pode ser chamado também de *bodó* aqui na região amazônica.

Já na variação diafásica ou estilística, os falantes diversificam sua fala usando estilos ou registro distintos. Assim, um falante pode conversar diferente com sua namorada, namorado ou amigo, enquanto numa palestra pode conversar de maneira mais formal. Nas produções escritas, quando o falante escreve um bilhete para uma pessoa amiga ou para mãe usa um tipo de registro específico, enquanto em uma tese, dissertação, artigo científico ou em

um relatório final de uma disciplina acadêmica irá usar outro registro de caráter mais formal.

Como se pode constatar, a língua é dinâmica e apresenta múltiplas variedades, que está diretamente relacionada ao seu contexto de uso. Labov (2008 [1972]), uns dos principais teóricos da sociolinguística variacionista, no seu trabalho *Estágios de Aquisição do Inglês Standard*, pesquisa sobre a comunidade de fala de Nova York, comparando a fala dos indivíduos em contextos diferentes, considerando o grau de formalidade.

Na época, Labov (1974, p. 50) afirmou que "uma das maiores questões que permanecem sem solução para os linguistas é o mecanismo pelo qual as línguas evoluem e mudam, e o processo que levou à grande diversidade de línguas no mundo atual". Atualmente, os sociolinguistas têm respostas para tais fenômenos, e essas respostas foram encontradas através de estudo e análise minuciosas das mudanças que se processam nas comunidades de fala, considerando inclusive os fatores extralinguísticos. A esse respeito, Labov (1974) afirma que:

> Investigadores anteriores escreveram que a extensa variação era "totalmente casual" e "produto do puro acaso. Nossos estudos sobre sobe fala de Nova Iorque mostraram que este não é de forma alguma, o caso: que o uso destas variantes linguísticas é determinado por um padrão (pattern) de normas sociais e estilísticas. Descobrimos que há influência contínua e mensurável de fatores sociais sobre a mudança linguística. Também descobrimos, neste trabalho, uma série de questões desafiadores que têm aplicação imediata aos problemas de educação: Porque é que os jovens, que são expostos ao inglês standard de seus professores por dez ou doze anos, não conseguem, ainda assim, usar esta forma de fala, não importando com que premência necessitem dela? Por que é que – perguntam-me os pais negros – os jovens negros educados no Norte, ou que têm pais oriundos do Norte, falam como sulistas? (LABOV. 1974, p. 50).

Essas questões, ainda, são pertinentes quando se trata de variação e ensino da Língua Portuguesa. Ao se pensar no caso das escolas brasileiras, observa-se que os estudantes passam de 12 (doze) a 14 (quatorze) anos na escola, considerando a Educação Básica, e mesmo assim não conseguem aprender a língua padrão, do modo como querem muitos defensores do ensino da norma padrão. Ou seja, muitos estudantes continuam usando a sua linguagem sem se preocupar com a norma padrão nas diversas situações

comunicativas. O que acontece, na verdade, no ensino de Língua Portuguesa? Como é realizado esse ensino? É ensinada apenas a norma culta sem relação com os diversos falares das diferentes situações comunicativas? Os estudantes têm a sua fala valorizada? É dada oportunidade de refletirem sobre seus processos linguísticos? É discutida a importância da adequação da linguagem falada ou escrita nas situações interativas?

Muitos estudos têm mostrado que ensinar a Língua Materna na perspectiva de ensinar a gramática normativa, prescritiva, como se a língua fosse apenas um conjunto de regras, não tem surtido efeito do ponto de vista da funcionalidade linguística. É preciso, pois, refletir sobre tais práticas e considerar o falante em toda sua dimensão social, cultural e linguística. É necessário respeitar a diversidade linguística em sala de aula. Além disso, segundo Cagliari (2009), conhecer a norma padrão é fundamental, mas ignorar a variação linguística é desconhecer que muitos dos problemas da fala e da escrita estão relacionados a esse fenômeno; e não saber tratar de questões dessa natureza para o desenvolvimento da linguagem nas diversas situações comunicativas pode gerar, em muitos casos, o fracasso escolar. É verdade que muitos docentes têm conhecimento dos fenômenos linguísticos, porém, o que ocorre muitas vezes, na prática docente, é que os professores nem sempre sabem fazer a transposição didática.

Segundo Soares (2000), muitas teorias foram apresentadas para explicar, por exemplo, o fracasso escolar dos estudantes das classes desfavorecidas, tais como: teoria da deficiência linguística, teoria da diferença linguística e teoria do capital linguístico escolarmente rentável. De acordo com autora, a teoria da deficiência afirma que a linguagem das crianças das classes populares, ao chegarem à escola, é deficiente, pobre, se tornando um empecilho para as crianças se desenvolverem e obterem sucesso nas atividades de aprendizagem. Já as crianças das classes favorecidas, por viverem em ambientes privilegiados, não apresentam *déficit linguístico*, porque participam de interações verbais e são estimuladas a pensar. Por isso, as crianças têm um bom desenvolvimento linguístico e cognitivo e não apresentam dificuldade na aprendizagem ao entrarem na escola. Por outro

lado, a teoria das diferenças linguísticas relaciona à ideologia das diferenças culturais, porque a linguagem das crianças das camadas populares é "[...] diferente da linguagem socialmente prestigiada, mas não inferior nem deficiente" (SOARES, 2000, p. 16)

Segundo Soares (2000), a escola pode trabalhar as deficiências linguísticas e as diferenças linguísticas, promovendo a educação linguística do discente, de forma que ele possa ser inserido na sociedade. Uma educação compensatória é a proposta educacional da teoria da deficiência linguística, porém tal proposta é inaceitável tendo em vista a falsidade de seus pressupostos. Já a teoria das diferenças linguísticas propõe o bidialetalismo funcional, designada como sendo a situação linguística em que os falantes utilizam alternativamente, segundo as situações comunicativas, dois dialetos sociais diferentes. Por sua vez, a teoria do capital linguístico escolarmente rentável,

> por ter sua origem na análise dos determinantes sociais e econômicos da escola numa sociedade estratificada em classes, nega a possibilidade de soluções educacionais reais para o problema da discriminação das camadas populares, na escola (SOARES, 2000, p. 67).

É importante salientar que a democratização do ensino oportunizou a entrada de milhares de crianças das camadas populares nas instituições escolares, e muitas delas, no início do movimento, não apresentaram êxito no que diz respeito ao ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa. O fracasso escolar pode ser explicado pelo fato de que as instituições escolares não estavam preparadas para receber alunos de grupos sociais tão diversificados. Apesar disso, não reformularam suas diretrizes e propostas educacionais para se adequarem à realidade linguística e sociocultural do aluno em um país com dimensões continentais como o Brasil. Isso não significa defender a teoria da deficiência linguística, como se as crianças das classes populares não fossem capazes de aprender, porém se enfatiza que a escola precisa compreender, especialmente no ensino de Língua Portuguesa, que os educandos utilizam diferentes falares, e essa diversidade linguística precisa ser considerada em suas propostas educacionais, para que a aprendizagem dos educandos seja, de fato, significativa.

Ainda, Soares (2000), afirma que é importante que a escola se engaje contra as desigualdades sociais e oriente os alunos a participar no processo de transformação social. É preciso que a escola tenha um perfil de transformação, uma escola transformadora, que seja

> consciente de seu papel político na luta contra as desigualdades sociais e econômicas, e que, por isso, assume a função de proporcionar às camadas populares, através de um ensino eficiente, os instrumentos [...] de reivindicação social (SOARES, 2000, p. 73)

Essa escola transformadora propõe para o ensino de Língua Portuguesa um bidialetalismo transformacional, que servirá como arma para as classes populares lutarem contra a discriminação social. Nesse sentido, a escola considera, além do dialeto padrão, o dialeto não padrão trazido pelo estudante.

Portanto, esses fatores sociolinguísticos são fundamentais para o desenvolvimento do ensino de língua materna, quer seja na perspectiva do bidialetalismo, quer seja na perspectiva do multidialetalismo. Na proposta de Soares (2000), o que se deve trabalhar em sala de aula é um multidialetalismo que é classificado pelo uso de múltiplas e diferentes variações linguísticas. Conforme a autora, o estudante é um caldeirão de dialetos, pois a sala de aula é formada por diferente estudantes de um determinado lugar em um determinado ambiente social, que usa a linguagem de acordo com a idade, com o sexo, e com outros parâmetros sociais.

1.3 Aspectos da língua falada e da língua escrita numa perspectiva de *continuum*

O discurso se realiza na alteridade. Logo, “a linguagem humana é fundamentalmente dialógica, mesmo em sua modalidade escrita.” (CASTILHO, 1998, p. 96). Língua falada e língua escrita servem para a integração e para o diálogo entre os sujeitos. Para Koch (2010), a concepção de linguagem como processo de interação

> É aquela que encara a linguagem como atividade, como forma de ação, ação interindividual finalisticamente orientada; como lugar de interação que possibilita aos membros de uma sociedade a prática dos mais diversos tipos de atos, que vão exigir dos semelhantes reações e/ou comportamentos, levando ao estabelecimento de

> vínculos e compromissos anteriormente inexistentes. (KOCH, 2010, p. 7, 8).

Na ação e na interação entre os sujeitos, a linguagem se realiza. Nesse processo, definem-se as regras e se estabelece o funcionamento adequado a cada situação comunicativa em que são utilizadas a linguagem falada e a linguagem escrita.

Mas desde quando as pessoas se comunicam? Desde quando os seres humanos interagem pela linguagem escrita? A linguagem escrita surgiu muito tempo depois da linguagem oral, cujas primeiras manifestações datam de milhões de anos, enquanto a escrita é muito recente na história, pois, segundo Marcuschi (2010, p. 23), "A escrita surgiu pouco mais de 3000 (três mil) anos antes de Cristo, isto é, há 5.000 (cinco mil) anos. No Ocidente, ela entrou por volta de 600 a. C, chegando a pouco mais de 2.500 anos hoje". Tal fato não pode conferir privilégios a uma modalidade em detrimento da outra, como se a oralidade fosse superior à escrita ou a escrita superior à oralidade, nem tampouco, "[...] a convicção, hoje tão generalizada quanto equivocada, de que a escrita é derivada e a fala é primária" (MARCUSCHI, 2010, p. 17). Se há algum privilégio entre fala e escrita trata-se da primazia cronológica da oralidade em relação à escrita. Logo, há que verificar que numa sociedade letrada, em que os usos da escrita nas práticas sociais são cada vez mais exigidos, a escrita, por sua vez, adquire um valor social diferente daquele dado à oralidade.

Em uma sociedade letrada, a escrita é muito valorizada e admirada. Esta admiração parte também das pessoas que não adquiriram a capacidade de escrever. Conforme Marcuschi (2010), os analfabetos estão sob influência das práticas de letramento, que deve ser entendido como a capacidade de compreender as diversas formas de sentido. No que diz respeito à fala, como manifestação oral, Marcuschi (2010) esclarece que:

> É adquirida naturalmente em contexto informais do dia a dia e nas relações sociais e dialógicas que se instauram desde o momento em que a mãe dá seu primeiro sorriso ao bebê. Mais do que a decorrência de uma disposição biogenética, o aprendizado e o uso de uma língua natural é uma forma de inserção cultural e de socialização. Por outro lado, a escrita (enquanto manifestação formal do letramento), em sua faceta institucional, é adquirida em contextos

> formais: na escola. Dai também seu caráter mais prestigioso como bem cultural (MARCUSCHI, 2010, p. 18)

Marcuschi (2010) afirma que a dicotomia da escrita fundamentou muitos livros didáticos usados até hoje nas instituições escolares. Marcuschi (2010) afirma ainda que há duas vertentes em relação à fala e à escrita: a variacionista e a sociointeracionista. A variacionista que, de acordo com Marcuschi (2010, p.31) "trata do papel da escrita e da fala do ponto de vista educacional cuja relação está entre a variação padrão linguístico nos contextos de ensino formal". Já a sociointeracionista "percebe com maior clareza a língua como fenômeno interativo e dinâmico, voltado para as atividades dialógicas que marcam as características mais salientes da fala, tais como as estratégias de formulação em tempo real" (MARCUSCHI, 2010, p. 33).

Portanto, na perspectiva variacionista, fala e escrita apresentam línguas padrão e variedades não padrão; língua culta e língua coloquial. Para a sociointeracionista, fala e escrita se realizam no diálogo, que envolve usos estratégicos, funções interacionais, envolvimento, negociação, situacionalidade, coerência e dinamicidade. A perspectiva variacionista pode contribuir com ensino da língua materna menos excludente que valorize os diferentes falares sem estigmatizar os falantes porque na perspectiva variacionista não há distinção entre fala de um lado e escrita de outro, mas de acordo com Marcuschi (2010), uma preocupação com regularidades e variação que requer uma observação de variedades linguísticas distintas.

Já Bortoni-Ricardo (2005) afirma que a interação verbal pode ser analisada em três *continuum:* rural-urbano, oralidade-letramento e o monitoramento estilístico. Quanto ao *continuum* rural-urbano, segundo a autora, há tipos de regras variáveis que são variáveis descontínuas e regras variáveis graduais. As regras variáveis descontínuas caracterizam as variações regionais e sociais mais escolarizadas, já as regras variações graduais definem uma estratificação contínua que fazem parte do repertório linguístico dos brasileiros. A descrição do português brasileiro, segundo a autora, consiste no *continuum* oralidade-letramento, constituído por práticas e oralidade e práticas sociais de letramento. Já o terceiro *continuum* refere-se à monitoração

estilística que se caracteriza pelo grau de atuação e de planejamento conferidos pelo falante e suas interações.

Essa perspectiva de *continuum* é também defendida por Marcuschi (2010, p. 37) ao afirmar que “as diferenças entre fala e escrita se dão dentro do *continuum* tipológico das práticas sociais de produção textual e na relação dicotômica de dois pelos opostos.”

O *continuum* é formado por diferentes tipos textuais, que configuram os “textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sociocomunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica” (MARCUSCHI, 2010, p.37). Portanto, os gêneros textuais são realidades empíricas, concretas, pois estão materializados em diversas formas, que circulam na sociedade.

Assim, observa-se que a relação entre fala e escrita é muito frágil e não dá conta das peculiaridades de cada unidade, não havendo limite entre elas, pois “as relações entre fala e escrita não são óbvias nem lineares, pois elas refletem um constante dinamismo fundado no *continuum* que se manifesta entre essas duas modalidades de uso da língua”. (MARCUSCHI, 2010, p.34).

Portanto, a fala e a escrita apresentam um *continuum* de variações. Assim sendo, os pressupostos da perspectiva variacionista afirma que a variação se dá tanto na fala como na escrita. Assim, ao analisar e comparar entre língua falada e língua escrita tomará como critério a relação no *continuum* dos gêneros textuais discursivos.

1.4 Marcas da fala na escrita e a relação com os estilos monitorados e não monitorados

Há muitas pessoas que acreditam ser a fala igual a escrita ou ser a escrita exatamente igual a fala. Há também da parte dos falantes a crença de que os textos escritos devem ser formais, enquanto a fala pode ser mais coloquial que a escrita.

As diferenças entre a linguagem oral e linguagem escrita estão ligadas a variedades linguísticas, pois as modalidades de língua escrita e de língua falada são diferentes. Bortoni-Ricardo (2004) propõe três contínuos para a

análise do português brasileiro. Quanto aos estilos monitorados e não monitorados, sobressai o contínuo de monitoração estilística que, segundo a autora, são as interações totalmente espontâneas até aquelas que não previamente planejadas e que exigem muita atenção do falante.

Quanto aos principais fundamentos de investigação sociolinguística, Labov (2003) considera que não há falantes de estilo único porque cada falante pode mostrar variação na fala que pode ser em nível fonológico ou sintático em determinado contexto. Labov (2003) ressalta que as mudanças estilísticas são condicionadas pelas relações entre falante e interlocutor, principalmente, as relações de poder e solidariedade; são condicionadas pelo contexto social que engloba casa, escola, trabalho, igreja, bairro; assim como pelo tópico discursivo em que os falantes podem variar, inclusive em função do gênero.

Para Bortoni-Ricardo (2004), em consonância com o que afirma Labov (2002), há fatores determinantes que levam os falantes a monitorar sua fala: o ambiente, o interlocutor e o tópico da conversa. Considerando esses três fatores, os sujeitos vão se comunicar nas diversas formas de comunicação. Isso porque os falantes adquirem, ao longo da vida, um estilo linguístico que varia de acordo com ambiente em que estão inseridos. É comum o uso da linguagem não monitorada entre amigos, familiares quando a situação comunicativa exige uma linguagem mais formal porque os falantes necessitam adequar-se à situação comunicativa e devem usar uma linguagem mais monitorada. É importante dizer que o monitoramento estilístico existe na fala e na escrita. Pode-se exemplificar que na escrita de um bilhete, gênero menos formal, para alguém da família ou amigo cujo grau de intimidade é elevado, será diferente da escrita de uma carta a uma empresa solicitando emprego ou a uma autoridade de uma Universidade, reitor, solicitando determinado anúncio. Portanto, cada falante, pessoa, varia a forma de falar. É claro que isto acontece também na escrita. Bagno (2007, p. 46) destaca que “no caso do monitoramento na escrita, ele vai depender, é claro, do letramento do indivíduo, isto é, o grau de sua inserção na cultura da leitura e da escrita”. Certamente, quanto mais alto for o grau de letramento de quem escreve um texto, maior será o monitoramento na produção textual.

Segundo Bortoni-Ricardo (2004), na língua falada, na forma não monitorada é comum os falantes suprimirem o fonema com som de /s/ cujo morfema marca o plural. Isso ocorre na concordância nominal cuja marca de plural dos elementos, artigos, pronomes, os chamados determinantes ficam à esquerda do nome. Na frase, o plural por várias vezes é reconhecido como plural redundante; já o uso do plural apenas num elemento do sintagma é reconhecido como marca não redundante. Essa marcação redundante é empregada na língua escrita oral mais monitorada.

Bortoni-Ricardo afirma que:

> A regra de concordância não-redundante ocorre com mais frequência nos estilos não-monitorados, isto é, quando não precisamos ser formais na nossa fala, mas chega, às vezes, até mesmo, aos estilos monitorados formais. Por estar tão generalizada na língua, é certo que nossos alunos vão empregá-la em seus textos escritos, que por sua natureza, exigem a regra da concordância redundante prevista na gramática normativa. Por isso, nós professores, temos que ficar muito atentos ao uso de regra de concordância nominal na produção (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 89-90)

Segundo a autora, a tendência, no Português do Brasil, é a flexão acontecer nos primeiros elementos à esquerda do núcleo do sintagma e a não marcar os demais. A explicação para esse fenômeno está na justificativa de que os sujeitos falantes dispensam e eliminam elementos redundantes na comunicação. Logo, é frequente encontrar frases escritas desta forma: *Os picolé, as casa, os menino* entre outros. Lembrando que cada falante, de cada região, tem marca linguística própria que o diferencia entre regiões. Há também os diferentes grupos que adquirem diferentes vocabulários que os caracterizam. No entanto, segundo Bortoni-Ricardo (2004), a fala de uma comunidade é uma atividade social e como qualquer atividade social está sujeito a normas e convenções de uso.

O uso inadequado das regras ortográficas caracteriza o desconhecimento do aluno em relação ao sistema da escrita que exige um trabalho por parte da escola sobre as questões relacionadas às regularidades e irregularidades do sistema da escrita. Em geral, o aluno se apoia no conhecimento que tem da língua oral e acaba escrevendo palavras como as pronuncia. Os alunos da Educação Básica, exemplificando de forma empírica, costumam pronunciar a vogal /o/, em posição final de sílaba, como /u/; os

ditongos /ej/ e /ow/ como [e] e [o]. Portanto, a competência da oralidade é importante na aprendizagem da língua escrita. É por esse motivo que a escola necessita reconhecer o seu verdadeiro papel para contribuir na ampliação comunicativa dos estudantes para assim desenvolverem as habilidades linguísticas e se adequarem às diferentes formas de comunicação monitorada ou não monitorada.

1.5 Um breve histórico da sociolinguística

A linguística iniciou como ciência no século XX e, através dos estudos de Saussure (2012), houve uma ruptura como os modelos comparatistas, porque se passou estudar os fatos linguísticos como fatos linguísticos. A partir da perspectiva do estruturalismo, a análise linguística passa a ser desenvolvida sobre o aspecto sincrônico que prevalecia sobre o diacrônico.

Na década de 50, ainda no século XX, surge Noam Chomsky, com ideias formalistas, chamadas gerativistas, cujas ideias se assemelham às ideias saussurianas, principalmente, em relação à abstração das considerações sociais no estudo da língua. Noam Chomsky priorizou a relação entre língua e mente, porque um falante em uma comunidade de fala eminentemente homogênea mostra uma concepção de língua independente do contexto social em que interage. Dessa forma, nem a ideia estruturalista nem a gerativista direcionam a língua a se relacionar com suas variações de heterogeneidade social.

As propostas estruturalistas e gerativistas consolidaram a linguística como ciência ao considerarem apenas o estudo imanente. William Labov (2008 [1972]), considerado pai da sociolinguística variacionista, quebra o paradigma da homogeneidade da Linguística contemporânea e inaugura a abordagem sociolinguística. Antes o termo sociolinguística foi discutido em 1964 em um Congresso organizado por William Bright, cuja discussão era uma reação em torno das duas correntes: estruturalista e gerativista, porque estas mantiveram fora de suas análises os aspectos extralinguísticos, isto é, a relação existente entre a língua, o contexto histórico e a estrutura da sociedade.

Segundo William Labov (2008 [1972]), a língua é parte de uma sociedade que tanto a influencia como é por ela influenciada. Por conseguinte, não há como compreender o funcionamento da língua se os aspectos sociais forem desconsiderados. Assim sendo, em qualquer estudo sobre a língua é imprescindível compreender a inserção dela na sociedade, pois língua e sociedade são sistemas que apresentam heterogeneidade. Isso Labov (2008 [1972]) demonstrou, em 1963, no primeiro estudo sobre inglês falado na ilha de Martha's Vineyard, no estado de Massachusetts, nos Estados Unidos. O autor comenta, nessa pesquisa, como são determinantes os fatores sociais na diversidade linguística em uma comunidade de fala. Afirma também, que fatores como sexo, idade, ocupação, origem étnica exerceram forte influência no comportamento linguístico dos vineyardenses, principalmente, em relação à pronúncia de certos sons do inglês. Labov (2008 [1972]) observou as mudanças sociais que ocasionaram mudanças linguísticas na fala dos moradores da ilha, quando analisou, por exemplo, as variações fonológicas dos ditongos [aw] e [ay]. Observou, também, que os falantes mais velhos usavam a variante local, a desprestigiada em relação à variante dos veranistas, considerada culta e, por isso, prestigiada. Segundo William Labov (2008 [1972]), essa relação entre variantes mostra um sentimento de rejeição à cultura dos invasores, diferenciando a comunidade da qual os veranistas pertencem da comunidade dos moradores locais da ilha como forma de identidade social.

Ao finalizar a sua pesquisa, Labov (2008 [1972]). determina um modelo conhecido como Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação em que descreve e interpreta a língua como fenômeno linguístico no contexto social. O objetivo dessa teoria é estabelecer a heterogeneidade entre língua e sociedade, ao analisar variantes usadas em uma comunidade de fala, também, compreende a relação entre variação e mudança linguística.

1.6 Contribuições da Sociolinguística Variacionista para o ensino de produção textual

A criança quando chega à escola já possui competência linguística, isto é, domina a língua materna. Significa que no falar da criança, do aluno, não há erro, porque ela é possuidora de uma gramática natural. Não obstante, as instituições escolares têm, algumas vezes, inibido a produção linguística dos educandos, que não possuem liberdade nas construções linguísticas, seja na oralidade, seja na escrita, rotulando-os de analfabetos, porque ainda não dominam a modalidade culta da língua.

É possível perceber que há entre professores e educandos uma relação desigual quanto à manifestação linguística, haja vista que os alunos das classes abastadas chegam à escola com domínio da linguagem culta, porque estão familiarizados com essa modalidade da língua em seu grupo social. Porém, os alunos das classes populares chegam à escola com pouco domínio da modalidade da linguagem culta, por isso fracassam porque sua linguagem não é reconhecida socialmente.

Os estudos sociolinguísticos têm contribuído para desmistificar os preconceitos existentes na sociedade em relação à fala e à escrita. Nesse sentido, é importante o papel da escola, através do corpo docente, promover a democratização linguística, eliminando a dicotomia de certo e errado, e possibilitar a dicotomia adequado e inadequado em relação à língua falada e à escrita. Quanto à linguagem escrita, o aluno tem dificuldade de escrever um texto por conta da apreensão da regra gramatical que a ele é imposta. Todavia, não se trata, de permitir que o aluno de classe baixa, popular use somente suas variedades linguísticas na escrita, mas o importante é ajudá-lo a compreender a funcionalidade da língua.

1.7 Sociolinguística Educacional

A sociolinguística educacional tem realizado pesquisas com objetivo de encontrar e construir novas metodologias que auxiliem os professores a melhorar os hábitos cognitivos dos seus alunos para que estes tenham uma aprendizagem de comunicação mais eficiente e a capacidade de desempenhar

as tarefas escolares cotidianas com mais facilidade. Porém, essas mudanças só acontecerão se professores e educadores, de modo geral, considerarem e compreenderem o conceito de “pedagogia culturalmente sensível” Erikson (1987, *apud* BORTONI-RICARDO, 2005), cujo objetivo é a interação na sala de aula valorizando a cultura do aluno. A compreensão do fenômeno da diversidade linguística na escola é importante para o processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa mais produtivo.

As pesquisas fundamentais na sociolinguística educacional revelam a possibilidade de desenvolvimento de práticas de linguagem significativa, quando inclui alunos das classes populares consideradas socialmente menos favorecidas. Essas práticas contribuem para que o educando não se sinta um estranho, ou estrangeiro em relação à língua utilizada na escola, isto é, na sala de aula. Isso contribui para que o aluno participe das práticas linguísticas diversas de modo satisfatório. Já os alunos das classes altas, cujas variações linguísticas são consideradas de prestígio, ou seja, culta, que já é ensinada na escola, se diferenciam dos educandos das classes baixas, porque estas têm que aprender quase uma nova língua e não têm sua variedade de língua valorizada e nem colocada em discussão como objeto de estudo em sala de aula. Isso significa que alunos usuários de variedades populares são discriminados na sala de aula por causa da forma de falar.

Borboni-Ricardo (2004), como afirmado anteriormente, classifica as variedades linguísticas no Brasil em relação à fala e à escrita das seguintes formas: i) contínuo de urbanização; ii) contínuo de oralidade-letramento; iii) contínuo de monitoramento estilístico. A autora afirma que no contínuo de urbanização, há falares rurais de comunidades isoladas e há falares de comunidades urbanas sujeitos à norma culta da língua. Também existem falares de comunidade de zonas urbanas, que a autora classifica como formação de migrantes de origem rural, os quais preservam as suas características culturais e linguísticas. O contínuo de oralidade-letramento está relacionado à comunicação da língua escrita. Segundo Bortoni-Ricardo (2004), é importante afirmar que há diferença entre letramento e oralidade. Letramento, de acordo com autora, é apoiado por um texto escrito. Já a oralidade pode ser

uma conversa não monitorada entre discentes, entre familiares e amigos. Por exemplo, um advogado proferindo uma palestra em um congresso usará uma linguagem monitorada; por outro lado, usará uma linguagem não monitorada quando estiver em casa conversando entre familiares.

1.8 Língua falada e Língua escrita

Os confrontos, as influências e a reciprocidade fazem a língua falada e a língua escrita se interpenetrarem a partir de seus usos. As teorias fomentam reflexões sobre a comunicação humana, na medida em que supõem que a oralidade se situa em oposição à cultura escrita, mas sempre num contexto de complementaridade. A língua falada e a língua escrita têm, evidentemente, histórias distantes, pois são duas modalidades que representam processos criativos diferentes, com resultados também diferentes, embora o sistema que as regem seja o mesmo. Há diversos estudos que visam analisar as diferenças que existem entre língua falada e língua escrita. Marcuschi (2007) e alguns estudiosos como Labov (2008 [1972]) veem as relações entre fala e escrita dentro de uma dicotomia. Nessa perspectiva dicotômica, fala e escrita são separadas em dois blocos, cada qual com suas propriedades, conforme visualização no Quadro 1, citado por Marcuschi (2007):

Quadro 1 Características da fala e da escrita

Fala	Escrita
contextualização	descontextualizada
dependente	autônoma
implícita	explicita
redundante	condensada
Não planejada	planejada
imprecisa	precisa
não – normatizada	normatizada
fragmentária	complexa

Fonte: elaborado pelo próprio autor.

Essas são as duas modalidades da língua, de acordo com esse estudo que mostra que não há nada em comum entre a fala e escrita. Pode-se

observar que a língua falada é tida, de acordo com a perspectiva dicotômica, como não planejada e não normatizada; enquanto a língua escrita é planejada e normatizada. A língua falada possui as próprias regras, com uma sintaxe mais flexível, mas não significa que ela seja fragmentada.

Marcuschi (2007) afirma que há outras perspectivas de análise diferenciando a escrita e a fala, como a visão culturalista, variacionista e a sociointeracionista. Presume-se que é importante para este trabalho a explicação de cada uma delas de forma objetiva. Pode-se dizer que essas três visões têm características de não serem radicais em relação à dicotomia entre língua falada e língua escrita.

A visão culturalista se preocupa com a oposição entre as culturas orais e letradas, "já que vê a questão em sua estrutura macro (visão geral) e com tendência a uma análise de formação da mentalidade dentro das atividades psicossocioeconômico culturais de um modo amplo" (MARCUSCHI, 2007, p. 29). No Quadro 2, podem ser visualizadas as oposições cultura oral *versus* cultura letrada.

Quadro 2 Características da cultura oral e da cultura letrada

Cultural oral	Cultural letrada
pensamento concreto	pensamento abstrato
raciocínio prático	raciocínio lógico
atividade artesanal	atividade tecnológica
cultivo da tradição	inovação constante
ritualismo	analiticidade

Fonte: elaborado pelo próprio autor.

Conforme leitura do Quadro 2, a escrita é um avanço na capacidade cognitiva dos indivíduos, assim, é uma evolução na formulação do pensamento, que intercedem entre a fala e a escrita.

Na visão variacionista, a fala e a escrita, cada uma delas, apresentam língua padrão e não-padrão, língua culta e língua coloquial, norma padrão e não padrão. Na visão variacionista, os falantes diferenciam as situações em que devem usar a língua culta ou a língua coloquial, a língua padrão ou a não padrão.

A visão sociointeracionista considera que a fala e escrita apresentam funções interacionais, tais como envolvimento, negociação, situacionalidade, coerência e dinamicidade. De acordo com Marcuschi (2007), essa visão trabalha fala e escrita dentro da perspectiva dialógica. O autor esclarece que esse modelo tem vantagem de perceber como maior clareza a língua como fenômeno interativo e dinâmico, voltado para as atividades dialógicas que marcam as características mais salientes da fala. Ressalta-se que essa perspectiva não apresenta os preconceitos mostrados pelas visões anteriores, todavia tem um baixo potencial explicativo e descritivo dos fenômenos sintáticos e fonológicos da língua. Essa perspectiva concebe a língua falada e escrita dentro de um *continuum*, tendo como principais representantes Preti (1991, 1993), Koch (1992) e Marcuschi (2010). Marscuschi (2007) esclarece que as diferenças entre essas duas modalidades de língua não são óbvias nem lineares, pois refletem um constante dinamismo fundado num *continuum.*

Compreende-se que as modalidades escrita e oral se caracterizam por intermédio de textos em um *continuum* das práticas sociais de produção textual. Dentro desse *continuum,* há modalizações chamadas de formalidade (+formal, -formal). Essas modalidades se influenciam mutuamente e estão imbricadas uma na outra, de tal modo que se têm textos orais muito próximos da modalidade escrita e textos escritos que se aproximam da fala. Essa observação está ligada à prática social de cada falante. Por exemplo, um orador de uma turma de formatura de curso superior, no seu discurso, traz uma fala carregada de marcas da escrita padronizada. Já um escritor pode estar preocupado em captar na escrita a vivacidade da fala. A aula ministrada na universidade ou a conversa entre amigos são exemplos de uso da modalidade falada. No entanto, cada qual com suas próprias peculiaridades.

Sobre essa complementaridade entre fala e escrita, Marcuschi (2007, p. 16) faz a seguinte consideração:

> Hoje [...] predomina a posição de que se pode conceber oralidade e letramento como atividades interativas e complementares ao contexto das práticas sociais e culturais. Uma vez adotada a posição de que lidamos com práticas de letramento e oralidade será fundamental considerar que as línguas se fundam em usos e não o contrário. Assim, não serão primeiramente as regras das línguas nem a morfologia os merecedores de nossa atenção, mas os usos da língua,

> pois o que determina a variação linguística em todas as suas manifestações são os usos que fazemos da língua.

Para Marcuschi (2005), estudos que concebem a relação entre fala e escrita num *continuum* são mais coerentes, pois não têm a preocupação apresentada pelas perspectivas dicotômicas: o de apenas apontar as diferenças existentes entre elas. A perspectiva que considera a fala e a escrita como partes de um *continuum,* considera, que dependendo da situação de uso, essas modalidades de língua podem estar mais próximas, sem deixarem de apresentar as próprias especificidades.

É justamente sob a perspectiva apontada acima sobre os usos e não sobre as regras de língua, que se pautará o nosso trabalho. As modalidades oral e escrita não se excluem, nem formam uma dicotomia. Escrita e oralidade são, portanto, práticas e usos da língua com características própria, mas não são dois sistemas diferentes. Assim sendo, este trabalho busca fundamentar a importância do estudo da oralidade para ratificar as diferenças entre língua falada e língua escrita.

1.9 Especificidades da linguagem

A linguagem é uma faculdade humana que tem caráter social, porque é por meio dela que o homem se comunica para se relacionar e conviver com seus pares e para se afirmar em meio à sociedade. Nesse sentido, a linguagem está sujeita, em relação ao seu funcionamento, à mudança a regras estruturais e às interferências sociais.

Como afirmado anteriormente, a linguagem é uma faculdade humana e, por isso, apresenta duas modalidades especificas: a fala e a escrita. Estas pertencem ao mesmo sistema que, no nosso caso, é o sistema da Língua Portuguesa. Durante o processo de produção textual, geralmente o discente não tem a preocupação com as regras impostas pela gramática culta, que foi criada de forma artificial para moldar a fala do indivíduo no contexto social. O usuário da língua, no momento de fala, não se prende à gramática artificial, porque ele se faz compreender, utilizando-se de recursos linguísticos verbais e de outras expressões faciais e/ou de gestos. Por isso que um texto falado é diferente do texto escrito, pois não é o mesmo processo de criação linguística.

Nesse sentido, pode-se dizer o resultado entre fala e escrita é diferente. Segundo Fávero, Andrade e Aquino (2003), discute-se que tanto a fala quanto a escrita apresentam distinções porque diferem nos seus modos de aquisição; nas condições de produção, transmissão e recepção; nos meios através dos quais os elementos estruturais são organizados. Então, tem-se que a escrita é uma modalidade artificial da língua, se assim não fosse, a criança já nasceria, por exemplo, sabendo codificar o signo linguístico, o que não é isso que acontece. Vive-se numa sociedade letrada, que não percebe essa artificialidade na escrita. Isso pode parecer quando se pensa que muitas línguas no mundo são grafocêntricas. O aprendizado dessa modalidade escrita artificial da língua não é natural, porque exige destreza e técnica no seu uso e não apresenta recursos extralinguísticos, os quais estão disponíveis na fala. Na língua escrita, tudo poder ser disponibilizado, tudo pode ser explicado para que o leitor entenda o texto. O escritor usa a pontuação, por exemplo, para tentar representar o texto falado no texto escrito. A pontuação sugere algumas características da língua falada como pausa, entonações, modalidade da frase e, dessa forma, contribui para efeitos expressivos.

A língua falada obedece às regras gramaticais padronizadas ou não padronizadas. Quando se afirma que o homem é possuidor de uma linguagem natural, constata-se a realização da oralidade existente em todas as línguas. Nesse sentido, a linguagem é um patrimônio e privilégio de todos os seres humanos, mas a língua escrita não é assim, é muito diferente. Pois, a fala é a forma mais primitiva da comunicação humana, foi através dela que o homem teve contato e tem contato como o mundo, interagindo com seus semelhantes; já a escrita, só terão acesso a ela aqueles que sabem codificar o signo linguístico porque, mais comumente, ingressaram na escola.

As duas modalidades, escrita e oral, pertencem ao sistema da Língua Portuguesa que têm suas próprias especificidades. Kato (2003) afirma que a linguística moderna surgiu com o objetivo de mostrar a importância de estudar a linguagem oral para se opor à gramática tradicional. Kato (2003, p. 41) esclarece que:

> A escrita apresenta similaridade e diferenças formais com a fala, sendo estas de correntes das diferentes condições de produção e aquelas devidas ao fato de serem ambas – a escrita e a fala – realizações de uma mesma gramática, e de poderem codificar os mesmos objetivos retóricos.

O contexto de uso da língua falada e da escrita é fundamental para a compreensão da mensagem pelo interlocutor. A fala tem uma importante vinculação com a situação em que é usada. Isso porque, a comunicação oral que se desenvolve entre os interlocutores é direta, isto é, os interlocutores estão em contato ou próximos um do outro, em um lugar, em um determinado momento. No momento que se diz *ali, lá, aqui, eu, agora*, o ouvinte sabe o que está falando, que lugar é *aqui,* o momento é *agora* e a pessoa que fala é *eu*. São reflexões que se manifestam no conteúdo da mensagem. Significa que a fala acontece em um contexto de situação específica em que se pode classificar como situação ou meio oriundo da comunicação extralinguística. Já a língua escrita precisa direcionar para o leitor todas as informações em relação a essa situação específica, necessitando recriar a cena enunciativa para que o interlocutor leitor possa saber quem fala, quando fala, quem diz, *ontem, hoje, agora* para que, assim, compreenda os significados relacionados à situação de uso. Em seus comentários, Faraco & Tezza (1992) afirmam que a fala acontece diante de alguém, e a simples presença física desse alguém determina grande parte do que é falado. Na escrita, os interlocutores estão ausentes, mesmo assim, o escritor imagina a presença do leitor.

A fala é constituída de um vasto repertório de recursos extralinguísticos, tais como mímica, expressões faciais, corporais, gestos e os olhares. Todos esses recursos podem ser mais significativos à luz da semântica, do que qualquer palavra proferida. Na fala, usam-se recursos gramaticais, na maioria das vezes, muito diferentes da escrita, como: frases inacabadas, repetições, exclamações, onomatopeia, rupturas de construção ou anacoluto, omissão de termos, vocabulário coloquial ou familiar, etc. Isso mostra uma despreocupação com uso normativo. Porém, o falante sabe como usar essa linguagem formal, mesmo não tendo consciência das regrais gramaticais. Portanto, a língua falada possui o livre arbítrio para proferir, transmitir seus pensamentos e suas ideias. Essa liberdade e esse livre arbítrio não acontecem na língua escrita. Na

fala, os períodos são mais curtos e simples, já na escrita são mais longos e complexos, porque o texto se divide em parágrafos, capítulos e possui unidades de sentido. Para Marcuschi (1997), o texto falado é recortado em turnos, isto é, nas interversões de cada interlocutor, e ainda apresenta falas simultâneas e sobreposições.

Na literatura linguística, constata-se a distinção entre fala e escrita, porque há aspectos específicos que dizem respeito ao modo de organização dessas modalidades. O autor do texto escrito organiza o que vai escrever e o faz sem a interferência do leitor, que está distante dele. O escritor do texto se organiza sobre o que vai escrever, selecionando termos que serão usados, sempre imaginando uma situação de comunicação. Isso ocorre porque a língua escrita pressupõe a articulação de ideias, pensamento e aspectos linguísticos. No texto falado, a sua produção se dá no momento da interação entre o falante e o interlocutor.

No que se refere à interação entre falante e interlocutor em relação àquilo se vai ser dito, Urbano (2006, p. 133) comenta:

> [...] no texto falado, na fala de um intervalo temporal entre a produção cognitiva e a oral, não há, em princípio, como planejar previamente o texto, sendo ele planejado apenas localmente, durante sua própria produção, de forma geralmente imperceptível ao ouvinte, enquanto, em relação ao texto escrito, havendo um intervalo de duração teoricamente opcional, há suficiente possibilidade de planejamento prévio do texto antes da sua execução.

No texto escrito, o autor, o produtor ou escritor dispõe de mais tempo para pensar sobre algo que vai escrever e como vai escrever, assim como a pessoa que lê vai dispor de mais tempo para compreender o que foi escrito. O escritor tem espaço temporal para elaborar, rascunhar, pensar, revisar até reescrever quantas vezes achar necessário. Nesse sentido o leitor encontrará um texto acabado, organizado sem o leitor conhecer as formulações que se passaram na elaboração do texto escrito. Essas vantagens proferidas acima sobre texto escrito não acontecem no texto falado, que é espontâneo e está sempre em andamento, pois não possui reformulação ou rascunho na fala.

Urbano (2003) argumenta que o planejamento de produção do texto escrito subdivide-se em duas etapas e em dois tempos: o tempo da atividade

mental (geração ou busca de ideias) e o tempo da prática verbal (realização linguística efetiva), e o texto assim produzido é transmitido a *posteriori.*

Na visão de Fávero, Andrade e Aquino (2003), a distinção entre as duas modalidades difere no processo de escrever e falar. A língua escrita é um ato lento, editável e planejada que se caracteriza pelo distanciamento do leitor; por outro lado, a língua falada é planejada localmente, de forma espontânea, acontecendo em um ambiente de interação social. Por esse motivo, há envolvimento maior da participação do interlocutor no texto dos outros interlocutores. Estes participam e colaboram no processo de elaboração do texto, dizem que compreendem, concordam com a continuidade da fala oral.

Portanto, é na língua falada que a interação se realiza completamente, pois os interlocutores estão ocupando o mesmo espaço, ao mesmo tempo, e essa interação ocorre por meio do diálogo. Quem dialoga quer ser entendido imediatamente por parte de quem ouve, e, para que isso aconteça, é necessário que haja interação entre emissor e receptor. Sobre esse aspecto, nada nos parece mais claro para explicar a noção de interação verbal do que o trecho que se segue de Bakhtin (2006. p. 117):

> Essa orientação da palavra em função do interlocutor tem uma importância muito grande. Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra se apoia sobre meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor.

A linguagem, na realidade, envolve interação entre fala e escrita, porque não há como organizar o discurso sem a interação. Ela (a linguagem) é fundamental na vida das pessoas, porque a conversação natural tem como objetivo principal a interação entre o falante e o ouvinte para estabelecer a compreensão da mensagem.

Quando os interlocutores participam da conversação em condições de igualdade, escolhem o assunto e direcionam o tempo de participação. Dessa forma, acontece um diálogo simétrico, porque os interlocutores procuram

contribuir efetivamente para o desenvolvimento desse ato dialógico, pois há engajamento em relação ao objetivo e ao assunto exposto. É o caso das conversações do dia a dia. As condições de igualdade no diálogo simétrico, pois há condições socioeconômicas e culturais ou de poder entre os indivíduos deixa-os em diferentes condições de participação no diálogo. Logo, se um dos interlocutores domina a conversação, nesse caso, a conversação é assimétrica porque um deles não faz o revezamento de fala, mas assume uma posição de ouvinte, concorda com o outro e acompanha o desenvolvimento do falante que comanda o diálogo. Esse diálogo no momento dos interlocutores domina a conversação e acaba conduzindo o diálogo.

Segundo Marcuschi (1997, p. 16), diálogos assimétricos são aqueles "em que um dos participantes tem o direito de iniciar, orientar, dirigir e concluir a interação e exercer pressão sobre os outros participantes. É o caso das entrevistas, dos inquéritos e da interação em sala de aula". É uma modalidade textual muito utilizada nesses contextos.

É importante observar que a modalidade falada e a modalidade escrita não são construções de frases caóticas, sem nenhuma ligação e sentido entre si; pelo contrário, ambas modalidades possuem elementos de coesão para que as frases tenham sentido. Porém, existem diferenças entre esses elementos de ligação que são empregados na língua falada e na língua escrita. Na língua escrita, os elementos que dão coesão ao texto são recursos verbais lexicalizados e têm função sintática e semântica. Eles são representados por conjunções, advérbios e verbos. Esses elementos podem, na língua falada, perder a sua função original e assumirem função de interação, passando a serem denominados, ao lado de outros, marcadores conversacionais. Na fala, há diversos tipos de marcadores conversacionais os quais é possível classificá-los como linguísticos e não linguísticos, porém aqui se subdividem em verbais e prosódicos. Os verbais são lexicalizados como: *mas, certo? Verdade? Eu penso, eu imagino, eu acho que*, ou não lexicalizados como: *Ah! Hum! Oh!* Já os prosódicos correspondem à pausa, à entonação, à mudança de ritmo e altura por exemplo. Além desses elementos, as manifestações corporais como

olhos, risos, gestos, meneio de cabeça, gesticulação que constituem os elementos não linguísticos.

Para Urbano (2003), tais elementos são de grande frequência, de grande recorrência, convencionalidade, idiomaticidade e significação discursivo-interacional. Não integram propriamente o conteúdo cognitivo do texto, pois a maioria deles são vazios ou esvaziados de conteúdo semântico, portanto, irrelevante para o processamento do assunto, porém ajudam a construção, a coesão e a coerência do texto falado, especialmente conversação. São altamente relevantes para manter a interação. A gramática tradicional classifica esses elementos como palavras denotativas ou expletivas, expressões de realce, palavras de difícil classificação, apesar da grande ocorrência deles na língua falada como elementos de organização do texto.

É importante ressaltar que são relevantes as condições de produção para o estabelecimento das relações entre fala e escrita. Claro, sem que haja distorções. Para Fávero, Andrade e Aquino (2003), são estas condições que possibilitam a efetivação de um evento comunicativo e são distintas em cada uma das modalidades de uso da língua. Nesse sentido, as autoras apresentam o seguinte no Quadro 3:

Quadro 3 Resumo das características da fala e da escrita

Fala	Escrita
- Interação face a face	- Interação à distância (espaço- temporal)
- Planejamento simultâneo ou quase simultâneo à produção.	- Planejamento anterior à produção.
-Criação coletiva: administrada passo a passo.	- Criação individual.
- Impossibilidade de apagamento.	- Possibilidade de apagamento.
- Sem condições de consulta a outros textos.	- Livre consulta.
- A reformulação pode ser promovida tanto pelo falante como pelo interlocutor.	- A reformulação promovida apenas pelo escritor.
- Acesso imediato às reações do interlocutor.	- Sem possibilidade de acesso imediato.
- O falante pode processar o texto, redirecionando-o a partir das reações do interlocutor.	- O texto tende a esconder o seu processo de criação, mostrando apenas o resultado.

Fonte: elaborado pelo próprio autor.

Tais condições de produções são especificadas em cada tipo de texto produzido (falado ou escrito) e determinam as formulações linguísticas apropriadas a cada modalidade. Essas condições revelam aspectos próprios de um tipo de texto em comparação a outro e não especificamente a diferenças entre essas modalidades.

Considerando ainda sobre a escrita e a fala, é bom frisar que muito já se discutiu que a escrita reproduz a fala. No entanto, como afirmado anteriormente, a escrita está longe de representar a fala, embora ambas pertençam ao mesmo sistema. Em contrapartida a esse pressuposto, seria impossível ao linguista, por exemplo, estudar as línguas mortas como o latim, sem o contato com os antigos textos escritos deixados por esse povo.

Nesse contexto, a escrita adquire uma importância que, talvez, ela não mereça, graças justamente ao poder de sua perpetuação. A fala é menosprezada por ser passageira, e, por este aspecto, é vista como negativa. A perpetuação da escrita, de um lado, e a dinamicidade da fala, de outro, permite com que o que pareça fraqueza seja retomado com força, e a efemeridade da língua falada transforme-se em uma crítica da perenidade da língua escrita.

Em qualquer língua e em épocas distintas, a língua falada sempre foi diferente da escrita pela sua vivacidade, espontaneidade, pela força de expressão e pela liberdade. A escrita esteve presa às regras, aos preconceitos, enfim, às normas de cada língua. Assim, essa modalidade tem sua liberdade criadora limitada, pois não possui os recursos expressivos da língua falada, que, por ser mais livre, pode subverter essa exigência de correção que tolhe a língua escrita e a impede de ser mais espontânea.

Embora a língua escrita goze de prestígios, ela recebe influências da língua falada, sobretudo quando há certo afrouxamento em relação à gramática prescritiva. Porém, a escrita é menos maleável e criativa do que a fala, que é mais natural e dispõe de outros recursos não verbais que a escrita não tem. Urbano (2006) considera que a língua falada e a língua escrita, com exceção do traço sonoro/gráfico, não representam, de maneira generalizada, uma dicotomia, mas sim um *continnum*, que faz da linguagem oral e da linguagem

escrita terem influências mútuas entre si que se interpenetram. Não se pode pensar em língua escrita sem antes pensar na língua falada, que é o princípio de tudo. As condições de existência de ambas, já vistas acima, são diferentes, pois se escreve o texto para ser lido, e costuma-se falar para ser ouvido.

Desse modo, existem influências entre elas que apontam para uma reciprocidade, isto é, existem traços de oralidade na escrita, e peculiaridades da escrita na fala. Em certos momentos, há até dificuldades de distinção entre ambas e, a respeito disso, Marcuschi (2007, p. 9) afirma que:

> Em certos casos, as proximidades entre fala e escrita são tão estreitas que parece haver uma mescla, quase uma fusão de ambas, numa sobreposição bastante grande tanto nas estratégias textuais como nos contextos de realização. Em outros, a distância é mais marcada, mas não a ponto de se ter dois sistemas linguísticos ou duas línguas, como já se disse por muito tempo. Uma vez concebidas dentro de um quadro de inter-relações, sobreposições, gradações e mesclas, as relações entre fala e escrita recebem um tratamento mais adequado, permitindo aos usuários da língua maior conforto em suas atividades discursivas.

Nessa linha de pensamento e de investigação, para Marcuschi (2007) existe uma concordância sobre a distinção absoluta entre fala e a escrita, e considera que, embora haja um vasto elenco de diferenças possíveis de serem apontadas entre ambas as modalidades, a existência de textos que se situam na faixa do *continuum* é fato, pois:

> O contínuo dos gêneros textuais distingue e correlaciona os textos de cada modalidade (fala e escrita) quando às estratégias de formulação que determinam o contínuo das características que produzem as variações das estruturas textuais discursivas, seleções lexicais, estilo, grau de formalidade etc., que se dão no contínuo das variações, surgindo semelhanças e diferenças ao longo de contínuos sobrepostos (MARCUSCHI, 2007, p.42)

Portanto, os gêneros textuais orais e escritos estão distribuídos por toda a faixa do *continuum* linguístico. E pode haver fusão das duas modalidades. Por exemplo, durante o estilo de época chamado Romantismo, os escritores reivindicavam mais liberdade criadora e usavam, na escrita, os recursos expressivos da fala para tornar a escrita mais viva, apresentando os elementos da língua falada nas suas respetivas obras. Nesse período, José de Alencar é considerado o fundador da literatura brasileira por manifestar os traços de oralidade presentes nos próprios romances com temáticas diversificadas.

Ao concluir, percebe-se que esses fenômenos de entrelaçamento entre língua falada e língua escrita são cada vez mais comuns tanto em textos literários como em textos de circulação em jornais em que há preocupação com a gramaticalidade que cede espaço à espontaneidade e à subversão das regras. Tudo que foi proferido reflete apenas alguns pressupostos sobre as relações entre língua falada e a língua escrita. Toda essa dinâmica, em constante mutação, faz com que a língua falada seja o objeto mais estudado nas pesquisas linguísticas.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Como afirmado anteriormente, esta pesquisa busca analisar as marcas de oralidade nas produções textuais de alunos do 1º ano do Ensino Médio do Instituto Federal do Amazonas, que está localizado no Campus Manaus na Zona Leste.

Os procedimentos metodológicos são explicitados inicialmente a partir da caracterização da pesquisa, seguida da descrição do local da pesquisa, do contexto da escola (Histórico da escola), do perfil do informante, da constituição do *corpus*, da coleta de dados e, por fim, dos procedimentos de análise.

A análise das marcas de oralidade nas produções textuais dos alunos do 1º ano do Ensino Médio se baseia nos estudos de Marcuschi (1993, 2007, 2010), Travaglia (2000), Castilho (2004), Bortoni-Ricardo (2005), Labov (2008 [1972]), Bagno (2007, 2015, 2017), Calvet (2002), Koch (2010) e Soares (2000) entre outros, que argumentam a favor da utilização da língua falada como base para uma nova metodologia de ensino de Língua Portuguesa. Castilho (1990, p.121), por exemplo, sugere que "uma ênfase particular deveria ser dada à língua falada, porque esta modalidade retém muitos dos processos de constituição da língua, os quais não aparecem na língua escrita". Tal modalidade está em constante variação e mudança linguística.

Quanto à metodologia empregada, consiste nos estudos das teorias linguísticas, envolvendo a Linguística Textual, a Sociolinguística Educacional e a Sociolinguística Variacionista. Essas correntes são necessárias porque estão correlacionadas ao abordarem a mesma temática desta pesquisa.

Foram selecionadas 50 produções textuais, de alunos do 1º ano do Ensino Médio, os quais escreveram sob a forma tipológica dissertativo-argumentativa, na modalidade redação escolar. Na parte prática, foi feita a descrição das marcas da oralidade que apareceram nas produções textuais. Como dito anteriormente, o *corpus* foi analisado à luz das teorias elencadas em tópicos anteriores.

Por conta da situação pandêmica, não foi impossível a realização de pesquisa de campo. Por isso, a coleta de 50 produções textuais foi feita via

sala virtual do *google*, e a realização das aulas virtuais aconteceram com a utilização da plataforma *google meet,* com a turma de 1º ano do Ensino Médio do IFAM/Campus Manaus Zona Leste.

2.1 Caracterização da Pesquisa

Com base nos objetivos propostos, a presente pesquisa define-se como descritiva, pois conforme Gil (2002), "as pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno". Além disso, ela é também explicativa haja vista que os fenômenos linguísticos, por exemplo, não somente são descritos como também são explicados.

2.2 Local da pesquisa.

Como mencionado anteriormente, esta pesquisa foi realizada com 50 (cinquenta) alunos do 1º ano do Ensino Médio do Instituto Federal do Amazonas, através da plataforma *google meet*, no Campus Manaus Zona Leste, bairro Zumbi dos Palmares.

2.3 Histórico do IFAM

Criado pelo Decreto Lei no. 2.225 de 05/1940, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – Campus Manaus Zona Leste (IFAM/CMZL) surgiu da Escola Agrotécnica Federal de Manaus (EAFM), que era uma instituição de Ensino Médio e profissionalizante, voltado para o ensino de agricultura. Primeiramente, sua sede era em Rio Branco, capital do Acre. Mais tarde, conforme decreto Decreto Lei no. 9.758, de 05 de setembro 1946, passou a ser escola, e a sede mudou-se para o Estado do Amazonas, onde foi denominada de Escola de Iniciação Agrícola do Amazonas. Inicialmente, o IFAM recebeu o nome de Ginásio Agrícola do Amazonas; posteriormente se tornou Colégio Agrícola do Amazonas; depois Escola Agrotécnica Federal de Manaus; virou autarquia educacional regida pela Lei no. 8.731, de 16 de novembro de 1993, sendo vinculada ao Ministério da Educação e do Desporto,

através da Secretaria de Educação Tecnológica - SETEC, nos termos do art. 2°, do anexo I, do Decreto N° 2.147, de 14 de fevereiro de 1997.

Posteriormente, tornou-se o atual Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Amazonas (IFAM). E o Campus Manaus Zona Leste surgiu da antiga unidade da EAFM.

São curso técnicos, em Nível Médio, ofertados, de forma integral, pelo IFAM/CMZL: Agropecuária, Agroecologia, Paisagismo e Administração; e na forma subsequente: Agroecologia, Agropecuária, Recursos Pesqueiros, Florestas, Informática e Secretariado; e na forma integrada, na modalidade de Educação de Jovens e Adultos oferece, Manutenção e Suporte em Informática e Administração. Além desses cursos, há os de graduação como Tecnologia em Agroecologia, Licenciatura em Pedagogia (UAB/EAD), Bacharelados em Engenharia de Software e em Medicina Veterinária. Já na especialização, são ofertados os cursos Desenvolvimento, Etnicidade e Políticas Públicas na Amazônia.

2.4 Perfil do informante

Participaram da pesquisa 50 alunos do 1º ano do Ensino Médio do Instituto Federal do Amazonas. As aulas aconteceram de maneira *online* com a utilização da plataforma *google meet*. O professor pesquisador foi o responsável pela ministração de aulas síncronas, *on line,* junto aos alunos da turma do 1º ano do Ensino Médio – fato esse que facilitou a realização da pesquisa. A hipótese era encontrar as marcas da oralidade nos textos produzidos por esses alunos selecionados.

2.5 Constituição do *Corpus* e organização de células

Para constituição do *corpus,* foram organizadas as seguintes células:

Quadro 4 Perfil do informante da pesquisa

Local	Escolaridade	sexo	Tipologia	N° de informantes
IFAM-Campus Zona Leste	1º ano do Ensino Médio	F	Dissertativo-argumentativa	25
		M		25

Fonte: elaborado pelo próprio autor.

Conforme dados do Quadro 4, foram 50 produções na modalidade tipológica de texto dissertativo-argumentativo escritas por 50 alunos do 1° ano do IFAM, Campus Manaus Zona Leste, sendo 25 alunas e 25 alunos. O conhecimento da tipologia dissertativo-argumentativa diz respeito a uma das condições que estão pressupostas no currículo escolar. A escolha por essa tipologia textual se consolidou após leituras dos gêneros textuais na obra de Mascuschi (2010). Dessa forma, a produção escrita da tipologia dissertativo-argumentativa pode apresentar marcas de oralidade quando se faz a transposição da fala para o texto escrito. A atitude de dissertar e argumentar possibilita ao aluno usar a linguagem a fim de expor ideias, desenvolver raciocínios, encadear argumentos e atingir conclusões. A tipologia dissertativa se caracteriza dessa forma, sendo bastante exigida no quotidiano escolar. A elaboração dos textos argumentativos escritos implica o domínio das formas de funcionamento próprias da língua escrita, porque se deve levar em consideração a questão ortográfica e a necessidade de suprir recursos expressivos da fala com o uso de um vocabulário mais preciso e de construções sintáticas logicamente organizadas.

Tal tipologia exige conhecimento do aluno sobre o assunto que se vai abordar e uma tomada de posição crítica diante desse assunto, ou seja, o aluno precisa de dados, de informações, de ideias e, também, de opiniões.

Conforme Xavier (2006), o texto dissertativo-argumentativo apresenta três características principais:

> Introdução – apresenta o tema a ser discutido, criando condições para que o leitor acompanhe a evolução do texto de maneira gradual e ordenada.
>
> Desenvolvimento – expõe progressiva e encadeamento o tema através de dados, fatos e informações que vão alimentar os argumentos usados para defender o ponto de vista do autor do texto.
>
> Conclusão – fecha a sequência de ideias e opiniões desenvolvidas no corpo do texto, apresentando uma proposta de intervenção para a solução do problema discutido ou repetindo (com outro formulação linguística) a tese proposta na introdução (XAVIER, 2006, p. 16).

Os textos dissertativo-argumentativos, que compõem nosso *corpus,* apresentam essa estrutura, porque, nas aulas de Língua Portuguesa e são muito utilizados na Educação Básica.

O *corpus* deste trabalho, como afirmado anteriormente, é constituído de 50 produções textuais (redações) escritas por alunos de uma turma do 1º ano do Ensino Médio, no segundo semestre de 2020, para qual foi sugerido o tema *O Brasil é, de fato, um país racista?*

Optou-se pelo tema porque estava em voga a discussão sobre o assassinato por asfixia do cidadão negro, que aconteceu no dia 19 de novembro de 2020, em um supermercado da cidade de Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul e por acreditar que as marcas de oralidade permeiam no texto escrito, independentemente do tema a ser trabalhado, uma vez que o aluno, quando produz o seu próprio texto, algumas vezes não compreende as especificidades da escrita e, dessa forma, incorpora à escrita sua experiência com a fala.

É importante esclarecer que, por conta da pandemia, houve muitas dificuldades em finalizar a pesquisa. O tempo não foi suficiente para analisar todos os traços de oralidade nas produções escritas. Por isso, foi oportuno selecionar aqueles que mais chamaram atenção nos textos dissertativo-argumentativos, baseado em leitura dos seguintes autores: Bortoni-Ricardo (2005), Labov (2003), Travaglia (2000), Marcuschi (2007) e outros da linguística textual e da sociolinguística.

2.6 Coleta de dados

No primeiro momento, as atividades de produção textual foram divididas em duas aulas na turma do 1º ano do Ensino médio.

Na primeira aula, foram discutidas as características dos gêneros e tipologias textuais para leitura de texto argumentativo-dissertativo, para, assim, facilitar a compreensão de que a escrita tem função social.

Ainda na primeira aula, foi solicitado aos discentes que escolhessem um título proposto pelo pesquisador para a tipologia dissertativo-argumentativa. Foram sugeridos pelos informantes três sugestões: O impacto da Covid-19 na vida das pessoas; Política e politicagem na atual conjuntura; O Brasil é, de fato, um país racista?

Em votação, os informantes escolheram o tema: O Brasil é, de fato, um país racista? Essa temática estava em discussão na grande mídia, pois havia ocorrido o assassinato por agressão física e por asfixia de um cidadão negro, no dia 19 de novembro de 2020, em um supermercado na cidade de Porto Alegre, a capital do estado do Rio Grande do Sul. Não houve um texto motivador para produções textuais, porque a discussão sobre o tema da redação era assunto, em voga nas grandes mídias, revistas e jornais, que comovia os brasileiros.

Na segunda aula, o tempo de uma hora foi disponibilizado para os alunos desenvolverem o texto dissertativo-argumentativo, oferecendo sempre um ambiente de tranquilidade para que não pudessem perceber algum grau de monitoração. Ao término do horário estabelecido e combinado, todos os informantes tiveram que abrir as suas respectivas câmeras para responder as chamadas no *google meet* e fazer a entrega das redações via *classroom*. Os alunos destacaram nas produções próprias que no Brasil ainda não há respeito com as pessoas negras. Segundo eles, o racismo incita a desigualdade social. Além disso, afirmaram também que: os negros são vítimas violência física; há assassinatos de pessoas negras; os governantes não combatem o racismo; as leis antirracismo não funcionam; alguns governantes são racistas; entre outros tópicos.

É importante ratificar que foram aplicadas as atividades de produção escrita com todos os alunos matriculados na referida série, sempre objetivando de não passar a ideia de monitoramento. Os informantes discorreram a redação sabendo que não tinham o objeto de uma nota avaliativa, mas que estavam escrevendo para marcar os seus posicionamentos críticos diante do fato ocorrido naquele dia de19 de novembro de 2020 na cidade de Porto Alegre no Rio Grande do Sul.

Importante também comentar que as atividades de tipologia dissertativo-argumentativa foram aplicadas na aula de Língua Portuguesa pelo próprio pesquisador, que foi o professor da respectiva disciplina.

2.7 Procedimentos de análise

Para analisar as produções textuais, foram feitos os seguintes procedimentos:

De análise da tipologia dissertativo-argumentativa a fim de se verificar quais as sequências secundárias textuais predominam;

De quantificação e classificação dos fenômenos fonético-fonológicos, que representam a fala na escrita, proposta por Bortoni-Ricardo (2005);

De análise das expressões coloquiais, repetições, clichê ou chavão, gírias, marcadores conversacionais, elipse, anacoluto ou rupturas de construção, frases inacabadas, uso de anáfora, uso de modalizadores, uso de pronomes e/ ou verbos sem referência anterior explícita, uso do subjuntivo relacionado a um possível leitor de acordo com Koch (2010).

Portanto, diversos foram os recursos que representam e atestam as marcas de oralidade no *corpus*. A nossa intenção foi observar de forma sistemática as marcas de oralidade existente nos textos dissertativo-argumentativos, ~~e~~ destacando as suas respectivas expressividades. É importante enfatizar que há estruturas e construções de fenômenos próprios da língua falada, que acabam aparecendo no texto escrito, comprovando que há interação mútua entre as duas modalidades: oralidade e escrita.

Nos tópicos seguintes, são descritos os elementos encontrados na análise do *corpus.*

2.7.1 Tipologia textual dissertativo-argumentativa

Mesmo em textos dissertativo-argumentativos, é possível encontrar sequências tipológicas secundárias.

É importante mencionar a diferença entre Gênero Textual e Tipologia textual, porque tal discernimento melhora e direciona o trabalho do professor de Língua Portuguesa na leitura, na compreensão e na produção escrita. Nesse sentido, são apresentadas algumas considerações sobre Gênero Textual e Tipologia Textual usando, para isso, as considerações feitas por Marcuschi (2002) e Travaglia (2007).

Segundo Marcuschi (2002), há uma clara distinção entre tipologia textual e gênero textual. Estes são variados, entre eles destacam-se: redação, receita de bolo, carta, romance, bulas de remédios, etc.; enquanto aqueles compõem os enunciados encontrados no interior de um gênero textual.

Travaglia (2007) cita que há conjugação tipológica. Para ele, dificilmente são encontrados tipos puros. Realmente é raro um tipo puro. Num texto como a bula de remédio, por exemplo, que para Fávero & Koch (1987) é um texto injuntivo, ocorre a presença de várias tipologias, como a descrição, a injunção e a explicação ou exposição. Travaglia (2007) afirma que um texto se define como de um tipo por uma questão de dominância, em função do tipo de interlocução que se pretende estabelecer e que se estabelece, e não em função do espaço ocupado por um tipo na constituição desse texto.

2.7.2 Desvios ortográficos

Os desvios ortográficos são marcas ou erros decorrentes da própria natureza arbitrária do sistema de convenções da escrita, os quais podem ser encontrados nos textos produzidos pelos alunos e discutidos na análise de dados. Esses fenômenos constituem obstáculos para o desenvolvimento da escrita dos discentes.

A Sociolinguística descreve que a utilização de uma variante está agregada a fatores socioeconômicos, regionais, faixas etárias, entre outros. No Brasil, há variedades linguísticas, que caracterizam os dialetos do português. Por exemplo, em nível fonético-fonológico, pode haver a pronúncia *pranta* ao invés de *planta*, *framengo* em lugar de *flamengo*. Essas pronúncias são consideradas estigmatizadas e pertencem a grupos sociais sem prestígio e marginalizados, que geralmente não têm acesso à escola. Em decorrência disso, esse modo de falar é considerado *feio*; quando, verdadeiramente, para Bagno (2007) é só um falar diferente daquele imposto pela sociedade aculturada.

2.7.3 Expressões coloquiais

O termo coloquial designa, dentre outras definições, a “variante da língua falada usada em situações informais ou de pouca formalidade” (HOUAISS, 2001, p. 763) ou sem “planejamento prévio” (TRAVAGLIA, 2000, p. 54). A expressão *coloquial* designa a linguagem que o homem comum, do povo, utiliza para se comunicar em seu cotidiano.

As expressões coloquiais são usadas algumas vezes de forma inconsciente quando uma pessoa usa a língua oral informalmente, desde que o seu interlocutor entenda o que se está querendo dizer e o seu objetivo da comunicação foi alcançado.

2.7.4 Anáfora ou repetição

No Dubois et al. (2014), ~~a~~ anáfora é um termo usado para descrever uma palavra, em retórica, no início de enunciados sucessivos, sendo que esse processo visa a enfatizar o termo assim repetido. Por exemplo: *“Mas o Recife em história nem literatura/ Recife sem mais nada/ Recife da minha infância...”* (Manuel Bandeira, *Evocação do Recife)*.

Nesse sentido, anáfora é usado na descrição gramatical para dar uma unidade linguística que retoma, também, outra unidade ou significado previamente expressos. Logo, todos os termos que são usados para retornar outros, são chamados anafóricos, objetivando a evitar, por exemplo, a repetição de um mesmo termo ao longo do texto.

A anáfora remete para elementos presentes no texto ou que são inferíreis a partir deste. Concluímos afirmando que anáfora é uma estratégia que o falante lança mão para garantir unidade ao texto e atingir o objetivo que tem em mente numa determinada situação comunicativa.

A repetição é uma estratégia própria da oralidade, usada pelo falante quando se quer dar ênfase aquilo que está dizendo. Tal procedimento significa que enquanto repete, se cria um espaço de temporalidade para estruturar, organizar os seus pensamentos.

Bastos (2001) analisou a coesão e a coerência em narrativas escolares, elencando os seguintes tipos de repetição:

a) Repetições justificadas. Estas são para acréscimo de informações.

b) Repetições em vez do emprego de outros recursos anafóricos;

c) Redundância excessiva em vez de utilização de outros recursos expressivos, isto é, para dar ênfase ou explicação.

Em nosso *corpus*, as ocorrências correspondem ao segundo item, isto é, a letra *b*, por questão da ausência do emprego, do uso de recursos anafóricos para retomar o que foi dito. Por isso, muito cuidado com as repetições, porque se elas não estiverem a serviço de um efeito de sentido, de semântica, por exemplo, é considerada uma falha de estilo linguístico. Koch, (2021, p. 161) afirma que:

> a repetição ou recorrência de termos é uma das formas de progressão textual de que pode ser valer o produtor. Esse tipo de recorrência tem sido frequentemente considerado vicioso e, por isso, condenado. O que ocorre, na verdade, é que a repetição é também um poderoso recuso retórico. Portanto, há repetições "viciosas" e repetições enfáticas, retoricas.

Portanto, pretendeu-se encontrar nas produções textuais que fazem parte de nosso *corpus*, tal fenômeno, que pode ser substituído pelo sinônimo, hiperônimos e hipônimos ou anafóricos.

2.7.5 Clichê

Clichê é o recurso linguístico comum, sendo utilizado de forma automática pelo usuário da língua.

A utilização de clichê pode caracterizar falta de criatividade, inexpressividade e o lugar comum, pois a escrita fica previsível e sem originalidade.

Segundo o dicionário Houaiss (2001, p.163), a palavra clichê se remete a uma "frase frequentemente rebuscada que se banaliza por ser muito repetida; lugar-comum, chavão". Por exemplo, é comum encontrar na produção textual de alunos clichês como *hoje em dia*, *conseguimos triplicar o faturamento,* etc.

Ainda sobre o clichê, há aqueles escritores, os quais elaboram suas narrativas, seus textos, porém atentos a fugir de um ambiente ou um lugar-comum para que esse fenômeno, ou seja, o clichê, tenha uma expressividade mais artística.

2.7.6 Gíria

É um fenômeno linguístico comum, que ocorre em todos os seguimentos sociais. Patriota (2009) define ainda a gíria como

> fenômenos chamados de linguagens especiais: formas e expressões linguísticas que, motivadas por fatores como idade, sexo, profissão, condição social, escolaridade, surgem como variações próprias de grupos que compartilham uma forma particular de comunicação (PATRIOTA, 2009, p.31).

Conforme leitura da citação anterior, as gírias são influenciadas por fatores extralinguísticos, e estão muito presentes no dia a dia da sociedade. Elas são expressões do tipo popular e são comuns em grupos de indivíduos marginalizados. Entretanto, é importante salientar que aos poucos, muitas gírias deixaram o caráter marginal para se incorporarem à linguagem corrente no cotidiano dos falantes. Nesse sentido, tornando-se uso natural entre setores da sociedade em situação informal entre todos os tipos e níveis sociais.

Segundo Bortoni-Ricardo (2004, p.38),

> uma pedagogia que é culturalmente sensível aos saberes dos educandos está atenta às diferenças entre a cultura que eles representam e a da escola, e mostra ao professor como encontrar formas efetivas de conscientizar os educandos sobre essas diferenças (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 38).

O professor é o responsável por promover a educação linguística na sala de aula em respeito à diversidade linguística apresentada por cada aluno.

Preti (2004) afirma que, na linguagem falada espontânea, no dia a dia, a gíria constitui um recurso simples para aproximar os interlocutores, quebrando a formalidade e forçando uma liberdade de interação mais próxima dos interesses das pessoas que dialogam. O autor argumenta que a gíria é um recurso linguístico, porque esse fenômeno da linguagem revela, também, as diferenças sociais existentes nos vários agrupamentos humanos. Além disso, esse fenômeno linguístico vigoriza o léxico, penetrando na língua padrão como uma característica menos exigente, e sendo mais expressiva. A gíria, também, às vezes, é usada em certo contexto para chamar a atenção do interlocutor, no caso do texto escrito, chamar atenção do leitor.

2.7.7 Marcador conversacional

Marcadores conversacionais são elementos que ajudam a dar coesão e coerência ao texto falado, auxiliando e revelando suas condições de produção, articulando, ao mesmo tempo, suas unidades cognitivo-afirmativas e seus interlocutores. Para Urbano (2003, p. 98), "são elementos que amarram o texto não só enquanto estrutura verbal cognitiva, mas também enquanto estrutura de interação interpessoal". É a situação de interlocução face a face que determina sua utilização.

Para Urbano (2003) há três marcadores conversacionais:

1. Quanto ao aspecto formal, foram encontrados os marcadores linguísticos e não linguísticos os quais são considerados da seguinte forma: marcadores linguísticos de duas naturezas.

a. Verbais – podem ser lexicalizados (*sabe? eu acho que*) ou não lexicalizados (*ahn, ahn, eh, eh).*

b. Prosódicos – a pausa, a acentuação, o alongamento, a mudança de ritmo e altura.

c. Marcadores não linguísticos ou paralinguísticos – *o olhar, o riso, o meneio de cabeça, os gestos.*

Urbano (2003) apresenta, ainda, uma classificação dos marcadores em relação à forma:

a) Simples – em que há uma só palavra (*sabe?);*

b) Compostos ou complexos – formado por duas ou mais palavras (*quer dizer, no fundo*);

c) Oracionais – palavras compondo orações (*acho que, eu tenho a impressão de que*)

d) Combinados – formados pela utilização dos dois ou dos três tipos acima relacionados (*mas acho que*).

2. Quanto ao aspecto semântico, esses elementos são vazios de conteúdo semântico, no entanto, são importantes no que se refere à postura do falante em relação ao que está sendo dito, para o falante retomar o turno na conversação, ou para redirecionar o tópico sobre o qual discorre. É o caso de *bem, bom, certo*.

3. Quanto ao aspecto sintático dos marcadores dentro da estrutura, deve-se considerar primeiramente, os verbais, lexicalizados ou não, cujas emissões são completas por si só e, portanto, autônomos, adquirindo deste modo, total independência sintática (*sabe? certo, né? ah, eh, uhn uhn etc.*). Portanto, esses marcadores são estratégias próprias da oralidade. Apesar de serem dispensáveis no conteúdo do texto escrito, são capazes de modificar a forma do texto escrito sem os deixar com características de uma conversa oral.

2.7.8 Elipse

De acordo com Mattoso Câmara Jr (1985, p. 103), elipse "é a omissão, numa enunciação linguística de um termo presente em nosso espírito, porque se depreende do contexto geral ou da situação". Um termo pode ser omitido facilmente para manter a coesão textual

Ainda, de acordo com Mattoso, há elipse:

> 1) quando a omissão decorre da enunciação em frase anterior (como na resposta a uma pergunta) ou da presença numa situação; ex.: É belo? (Diante de um "quadro") – É (com a omissão de belo); 2) numa construção sintática em que um vocábulo omitido se deduz de outro vocábulo; ex.: "É, enquanto eu estes cantos e a vós não posso, sublime Rei, pois não me atrevo a tanto" (Lusíadas, 1, 15), com a omissão de "cantar".

Nesse sentido, a elipse retoma um termo que seria repetido, mas que é apagado, por ser facilmente depreendido no contexto. É um mecanismo muito utilizado pelos falantes, por isso, constituem uma característica essencial das conversas do dia a dia, mas as regras que regem sua ocorrência não foram estudas suficientemente.

Portanto, a elipse foi considerada como uma marca de oralidade, porque traz para o cerne do texto as supressões que não são aceitas na escrita, e, ao mesmo tempo, reflete o mecanismo conversacional da fala, ou seja, em um momento em que supõe a presença de um contexto oral.

2.7.9 Anacoluto ou construções inacabadas

As frases inacabadas são marcas próprias da oralidade em que o falante tem a possibilidade de mudar de assunto constantemente sem a preocupação

de concluí-lo. É considerado natural o falante usar essa estratégia sem problema algum em momento de fala. Já a língua escrita exige frases mais racionalmente construídas, porque todo texto exige coesão entre as partes, que interligam uma as outras, garantindo sua unidade geral. Não se pode construir frases inacabadas, na modalidade escrita, sob pena de reduzir a aceitabilidade do texto.

Quando ocorre a suspensão do pensamento, ocorre o anacoluto, cuja definição para Vanoye (1996, p. 40) “são rupturas de construção na língua falada: a frase desvia-se de sua trajetória inicial, o complemento esperado não aparece, a frase parte em outra direção”. É especificidade do texto eminentemente conversacional.

No Dubois et al. (2014), o anacoluto é a ruptura na construção de uma frase, sendo formada de duas partes que são sintaticamente corretas, mas cuja sequência forma uma frase complexa do ponto de vista sintático, anormal ou divergente. Assim, as sequências *aquele que ainda não se convenceu e é a ele que eu me dirijo* são sintaticamente corretas, mas as sequências *aquele que ainda não se convenceu, é a ele que eu me dirijo* constitui um exemplo de anacoluto.

É importante ressaltar que o anacoluto, quando usado de modo intencional, seu valor pode ser representativo.

2.7.10 Modalizadores

Segundo o Dubois et ali. (2014, p. 415), os modalizadores

> são os meios pelos quais um falante manifesta o modo como ele considera seu próprio enunciado, por exemplo, os advérbios *talvez, provavelmente,* as intercaladas *pelo que eu creio, conforme a minha opinião etc.*, indicam que o enunciado não está inteiramente assumido ou que a asserção está limitada a uma certa relação entre o sujeito e seu discurso.

Com isso, um traço modal pode representar diferentes sentidos como dúvida, probabilidade, possibilidade, etc.

A importância dos modalizadores, na afirmação de Koch (2013), é porque colaboram na construção do sentido do discurso e na sinalização do modo como aquilo que se diz é dito. Ainda na afirmação da autora, um mesmo

conteúdo proposicional pode ser veiculado sob modalidades diferentes, como se poderia observar, por exemplo, na gradação: "É necessário. É provável que a guerra termine. É certo que a guerra termine. É possível que a guerra termine" (KOCH, 2013. p. 1940). Pode-se observar, nessa gradação, o traço necessidade, probabilidade, certeza e possibilidade.

Portanto, os modalizadores manifestam o modo, o jeito e a tomada de atitude do sujeito agente em relação ao que se fala, também, os modalizadores referem ao engajamento do sujeito em relação ao que se diz.

2.7.11 Formas verbais subjuntivas

No Dubois et ali. (2014, p. 530), o subjuntivo

> é o conjunto de formas verbais que, em português, traduzem (1) nas frases diretas, o modo optativo *(Oxalá ele possa vir*), (2) nas frases indiretas e subordinadas, o modo do não assumido (por oposição ao indicativo, que é o modo da frase assumida): *Duvido que ele venha. Embora ele esteja enfermo.* (v. Modo) (DUBOIS et ali., 2014, p. 530)

Infere-se da leitura da citação acima que o subjuntivo é o modo verbal em que o sujeito participa efetivamente do processo verbal. É o modo de desejo, da hipótese, da dúvida, da irrealidade. Contrasta com *indicativo*, que é o modo da certeza, do existente, da realidade.

Portanto, o subjuntivo expressa desejo, dúvida e probabilidade. O termo *subjuntivo* se relaciona com o termo *subordinativo*, porque o modo subjuntivo indica, normalmente, uma ação concebida como dependente de outra. Por isso, ocorre, em regra, em orações subordinadas: *Quero que* ***estudes****. Era preciso que voltassem. Quando ele* ***vier****, nós o convidaremos. Se ele* ***quiser*** *viajaremos.*

Em nosso *corpus* o uso do subjuntivo instaura no texto um efeito de oralidade, visto que sugere a proximidade de um leitor, e essa proximidade é típica dos textos orais.

3. ANÁLISE DE DADOS, DISCUSSÃO DE RESULTADOS E ASPECTOS DE ORALIDADE NO *CORPUS*

Este capítulo está dedicado à análise do *corpus* do trabalho ora apresentado. Nesse sentido, foram elaboradas tabelas para facilitar a visualização das ocorrências dos traços da oralidade nas produções dos discentes. O uso de tabelas facilita a elucidação da análise. Nelas, são encontradas as ocorrências escritas, o número do informante, de 1 a 50, o número da linha em que são encontradas as ocorrências e a classificação das ocorrências na dimensão diassexual, cujo parâmetro é feminino (F) e masculino (M). Abaixo de cada tabela são feitos comentários sobre o fenômeno linguístico encontrado no *corpus*.

3.1 Tipologia textual: dissertativo-argumentativo

É importante diferenciar, embora já feito anteriormente, gênero textual de tipologia textual. Para isso, baseou-se nas definições de Marcuschi (2002) e de Travaglia (2007). Segundo Marcuschi (2002), a distinção entre esses dois termos é muito clara. Por um lado, são incontáveis os gêneros textuais, dentre os quais podem ser encontrados a redação escolar, a receita de bolo, a carta, o romance, as bulas de remédios, etc.; por outro lado, os tipos textuais são sequências linguísticas encontradas dentro dos gêneros textuais e são possivelmente contáveis e conhecidas como: explicação, argumentação, descrição, injunção e narração.

Travaglia (2007) defende o estudo com Tipologia textual. Para o autor, os diferentes textos são fundamentais para o desenvolvimento da competência comunicativa, pois cada gênero textual exerce uma função específica em determinado contexto social. Nesse sentido, a sequência argumentativo-dissertativa se caracteriza pela defesa de uma ideia ou pelo questionamento diante de uma temática proposta. Nessa tipologia, o objetivo é convencer o interlocutor ouvinte, apresentando argumentos de acordo com o assunto, com a situação ou com o contexto e com o interlocutor. Essa modalidade tipológica se caracteriza ainda pela progressão lógica de ideias e por apresentar uma linguagem referencial, sóbria, objetiva e denotativa. Nas 50 produções textuais

dos discentes (ver anexo), houve predominância de sequências tipológicas dissertativo-argumentativas. Apesar dessa predominância, foi comum encontrar sequências secundárias, tais como: descritivas, explicativas, injuntivas e narrativas. Dessa forma, o gênero escolar *redação* é caracterizado como tipologicamente heterogêneo.

3.2 Desvios ortográficos

A escrita de textos na sala de aula é uma ação muito significativa, pois é, nesse momento, que os estudantes colocam em práticas os saberes adquiridos durante o percurso da escolarização no que tange à leitura e à escrita. Para muitos alunos, que ainda não dispõem de conhecimentos básicos acerca da escrita, ou têm conhecimentos insuficientes, esse momento é um processo muito doloroso, o que leva alguns alunos a responderem enfaticamente que não gostam de escrever e optam pelo não envolvimento nas atividades de produção de escrita. O que acontece, na verdade, é que muitos educandos sentem dificuldades em escrever e, ao mesmo tempo, sentem-se intimidados no momento de uma produção escrita, a qual pode revelar muitas das suas limitações. Nesse sentido, muitos erros que cometem em suas produções escritas, sejam crianças, adolescentes ou jovens são decorrentes dos conhecimentos insuficientes do sistema de escrita da Língua Portuguesa; outros são decorrentes do próprio modo de falar que é transposto para escrita por desconhecimento das peculiaridades da linguagem escrita e da linguagem falada e de suas adequações nas diferentes situações comunicativas. Os erros decorrentes da própria natureza arbitrária do sistema de escrita não estão relacionados com a oralidade, ou seja, não são erros relacionados com a transposição da fala para escrita; mas são erros ligados ao sistema ortográfico da língua. Por isso, Bortoni-Ricardo (2005) classifica:

> Os erros que resultam do conhecimento insuficiente das convenções que regem a língua escrita. A maioria decorre das relações plurívicas entre fonema a letra. Há línguas, como o finlandês, por exemplo, em que a correspondência fonema e grafema é quase biunívoca. No português, há fonemas (principalmente os sibilantes) que possuem diversas representações ortográficas. Por outro lado, há letras que representam dois fonemas (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 54).

Por outro lado, há os casos de irregularidades ortográficas que, como visto anteriormente, são aprendidas por memorização. A verdade é que:

> o alfabetizando tem de aprender a grafia de cada palavra. Por exemplo: convencionou-se escrever "chuva" com "ch" por causa da forma dessa palavra no latim (pluvial). E "chave" por causa da forma dessa palavra no latim (*clovis*). Mas para quem não sabe que palavras iniciadas com "pl" ou "cl" no latim são escritas em português com "ch", a ortografia de "chave" e "chuva" é arbitrária e cada uma delas tem de ser aprendida, de preferência em um contexto. (BORTONI-RICARDO; SOUSA, 2008, p. 71).

Essas marcas ou erros foram analisados e elencados na Tabela 1 e refletem os aspectos de oralidade no *corpus*. Na Tabela 1, há o registro dos desvios ortográficos encontrados nas produções textuais dos discentes.

Tabela 1 Desvios ortográficos nas produções textuais

Ocorrências	**Informante**	**Linha**	**F**	**M**
previlegiado >> privilegiado	20	13	00	01
Brazil >> Brasil	33	09	01	00
ocuta >> ocultar	32	11	01	00
emtão >> então	23	20	00	01
infelismente >> infelizmente	18	01	00	01
ingnorante >> ignorante	18	11	00	01
poque >> porque	05	07	00	01
resposavel >> responsável	06	07	00	01
mixegenecões >> miscigenações	06	13/16	00	02
idependente >> independente	06	16	00	01
idependente >> independente	32	13	01	00
impresa >> imprensa	40	01	01	00
mertiço >> mestiço	40	03	01	00
coitidiano >> cotidiano	42	04	01	00
concientizar >> conscientizar	44	25	01	00
genocideo >> genocídio	49	07	00	01
icognitas >> incógnitas	06	03	00	01
difersicacão >> diversificação	06	12/20	00	02
egenho >> engenho	23	06	00	01
Total de ocorrências			07	14

Fonte: elaborado pelo próprio autor.

Os dados da Tabela 1 referem-se aos textos dos discentes com parâmetro feminino e masculino. Os alunos cometem mais desvios ortográficos que as alunas, sendo 14 erros registrados para eles contra 7 registrados para elas. Como afirmando anteriormente, os exemplos da Tabela 1 constituem erros decorrentes da própria natureza arbitrária do sistema de convenções da escrita. Nessa categoria, classificam-se os erros de cunho arbitrário. Assim sendo, as marcas encontradas nos textos dos discentes foram as seguintes:

a) Troca do grafema “i” pelo grafema “e”: privilégio >> previlegio;
b) Troca do grafema “s” pelo grafema “z”: Brasil >> Brazil;
c) Ausência do grafema “l”: ocultar >> cultar;
d) Troca do grafema “n” pelo grafema “m”: então >> emtão;
e) Troca do grafema “z” pelo grafema “s”: infelizmente >> infelismente;
f) Acréscimo do grafema “n”: ignorante >> ingnorante;
g) Ausência do grafema “r”: porque >> poque;
h) Ausência do grafema “n”: responsável >> resposavel;
i) Troca dos grafemas “sc” pelo grafema “x”: miscigenação >> mixegenação;
j) Ausência do grafema “n”: independente >> idenpendente ;
k) Ausência do grafema “n: imprensa >> impresa;
l) Troca do grafema “s” pelo grafema “r”: mestiço >> mertiço;
m) Acréscimo do grafema “i” cotidiano >> coitidiano;
n) Ausência do grafema “s: conscientizar >> concientizar;
o) Troca do grafema “i” pelo grafema “e” genocídio >> genocideo;
p) Ausência do grafema “n”: incógnitas >> icogonitas;
q) Troca do grafema “v” pelo grafema “f” diversificação >> difersicação;
r) Ausência do grafema “n”: engenho >> egenho.;
s) Ausência do grafema “n”: independente >> idenpendente.

O processo de escrita textual é muito importante e significativo em sala de aula, pois é o momento em que o aluno coloca em prática os saberes adquiridos durante o percurso da escolarização em relação à leitura e à escrita. Foram 21 inadequações de grafia influenciadas pela oralidade e decorrente da própria natureza arbitraria do sistema de escrita. Os desvios ortográficos não

estão relacionados com a transposição da fala para a escrita; mas são erros ligados ao sistema ortográfico da língua. Por isso, Bortoni-Ricardo (2005) classifica

> Os erros que resultam dos conhecimentos insuficientes das convenções que regem a língua escrita. A maioria decorre das relações plurívocas entre forma e letra. Há línguas como o finlandês, por exemplo, em que a correspondência fonema e grafema é quase biunívoca. No português, há fonemas (principalmente os sibilantes) que possuem diversas representações ortográficas. Por outro lado, há letras que representam dois fonemas (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 54)

Portanto, para compreender os erros é necessário refletir sobre o sistema de escrita, o processo de alfabetização e aquisição do sistema ortográfico da Língua Portuguesa na Educação Básica. O sistema de escrita da Língua Portuguesa é de base fonográfica, ou seja, as letras representam as unidades sonoras das palavras. Um grafema pode representar um ou dois fonemas, e dois grafemas podem representar um fonema.

3.3 Ocorrência coloquial

Ao produzir um texto falado ou escrito, a escolha ou manifestação lexical pelo aluno revela o ambiental social em que ele vive, a sua maneira de pensar, o seu modo de viver e, sobretudo os seus conhecimentos. Essa escolha lexical demonstra o interesse em selecionar certos vocabulários. Mas é o aluno quem decide, de acordo com o contexto, com o tema e nível linguístico, os termos que lhe são pertinentes à produção. Então, o aluno, ao escrever um texto de acordo com a norma padrão ensinada na escola, busca escolher a forma lexical adequada, respeitando as especificidades do texto.

A língua falada é classificada em seus registros em três categorias: culta, coloquial e vulgar. Segundo Travaglia (2000, p. 54), “Para efeitos de análise, utilizamos a terminologia tradicional. Supõe-se aqui que os graus de formalismo possam variar tanto na língua falada como na escrita”. Sendo assim, foi possível observar nas produções a oscilação entre as palavras e expressões mais utilizadas no registro culto e aquelas que são mais usadas no registro coloquial.

Com efeito, no *corpus,* a maioria dos termos pertence ao registro culto da língua escrita. Entretanto, os autores dos textos empregaram termos pertencentes ao registro coloquial oral, infringindo as regras do que houvera sido proposto a eles, já que as palavras e expressões coloquiais, próprias do uso oral, não são apropriadas à tipologia argumentativo-dissertativa. Essas palavras e termos são, portanto, mais adequadas aos textos orais informais. Na Tabela 2, há o registro das ocorrências coloquiais encontradas nas produções dos alunos.

Tabela 2 Ocorrências coloquiais

Ocorrências	Informante	Linha	F	M
...***fora*** vários atos em que a pessoa....	01	04	00	01
... entre ***pretos, brancos*** e índios ...	02	02	00	01
... **o preto tem cabelo duro** de pele ...	02	30	00	01
As pessoas **crescem vendo** uma grande de	04	01	00	01
Através da sua criação **desde de pequeno** as	04	09	00	01
... só **por conta do tom de pele** do nível social...	05	06	00	01
... os negros eram **visto** como inferior...	07	01	00	01
... a população negra **tá** tendo mais ...	08	15	00	01
.. a realidade era **pra** ser diferentes....	09	03	00	01
... como **cidadões** é abolir essa prática ...	15	12	00	01
... muito nesses últimos anos e são **causado**	16	04	00	01
... os negros sofrem e os brancos são	20	13	00	01
...permanece presente **nos dias atuais**...	23	07	00	01
A lei brasileira não **descrimina** o negro...	24	04	00	01
... diversos contextos **onde** ocorre...	31	08	01	00
... porque **tem gentes** que vão **ocutar**...	32	11	01	00
O **objeto** "Brasil" (sic) não é racista...	33	09	01	00
...o racismo, **mas mesmo assim** encontro alguns	35	06	01	00
... ainda deve-se **levar em conta**, principalmente...	37	01	01	00
Para evitar **esse tipos** de situação...	39	18	01	00
... eles não **tem** culpa de terem nascido...	40	16	01	00
...foi agredido e **o cara** ainda teve a **audácia de**	44	10	01	00
Alguns atos de racismo **pode ter** um final bom ou	44	19	01	00
... não desejo isso **pra ninguém.**	44	26	01	00
... chance de ser **descriminada**, ter...	48	03	01	00
... nenhuma justificativa para **o cara** fazer Isso.	44	11	01	00
... seguranças agridem **ele** de contê-lo com tantas	44	16/17	01	00
... já foi abolida **há muito tempo atrás...**	46	05	01	00
Total de ocorrências			14	14

Fonte: elaborado pelo próprio autor.

Pelos dados da Tabela 2, observa-se que as expressões coloquiais aparecem em quase todos os textos. Foram selecionadas e analisadas apenas 28 (vinte e oito) ocorrências que estão identificadas na Tabela 2 por meio do número do texto do informante, linha do texto e sexo: feminino e masculino. Para o parâmetro sexo, a incidência de ocorrências coloquiais foi a mesma, sendo 14 para cada.

As expressões coloquiais nos textos dissertativo-argumentativos revelam, por parte do discente, a falta de domínio das possibilidades linguísticas que a língua oferece e revelam, também, o desconhecimento das especificidades da norma padrão, prescritiva que caracterizam a escrita. A falta de familiaridade com essas modalidades de interação com a escrita torna o texto insuficiente. Quanto a essa insuficiência, Labov *apud Costa* (2006) aborda abertamente as influências sociais existentes em uma sociedade de fala e a sua influência no uso de uma variante:

> [...] a mudança linguística, advinda da variabilidade inerente a qualquer sistema linguístico, pode ser diretamente observada. Isto pode ser conseguido através de amostras da fala de uma comunidade, na qual se analisam as pressões estruturais e sociais que atuam no uso de determinada variável naquela comunidade. É aceito que a língua é afetada por fatores sociais, como, por exemplo, a etnia, a escolaridade e a faixa etária, porque a mudança linguística não ocorre no vácuo social [...] (LABOV apud COSTA, 2006, p. 77).

Assim, diante da tarefa de escrever, os alunos usam os recursos da língua oral, porque esses são bem familiares e os dominam muito bem. Exemplo dessa realidade é o uso das expressões mencionadas na Tabela 2, entre outras expressões que são típicas da língua oral. Para ilustração desse desconhecimento de modalidade escrita, fato que dificulta a vida escolar dos alunos, são transcritas abaixo 24 (quatro) ocorrências destacadas em negrito e analisadas como expressões coloquiais em que o informante se expressa, sem dúvida, como se estivesse falando:

(1)...***fora*** *vários atos em que a pessoa....* (Texto 01, linha 04)

(2)*... entre* ***pretos, brancos*** *e índios ...* (Texto 02, linha 02)

(3)*...* ***o preto tem cabelo duro*** *de pele ...* (Texto 02, linha 30)

(4) *As pessoas* ***crescem vendo*** *uma grande de pessoas ao seu redor...* (Texto 04, linha 01)

(5) *Através da sua criação* ***desde de pequeno*** *as pessoas...* (Texto 04, linha 09)

(6)*... só* ***por conta do tom de pele*** *do nível social...* (Texto 05, linha 06)

(7)*... os negros eram* ***visto*** *como inferior...*(Texto 07, linha 01)

(8)*... a população negra* ***tá*** *tendo mais ...* (Texto 08, linha 15)

(9)*... a realidade era* ***pra*** *ser diferentes....* (Texto 09, linha 03)

(10)*... como* ***cidadões*** *é abolir essa prática ...*(Texto 15, linha 12)

(11)*... muito nesses últimos anos e são* ***causado*** *principalmente..."* (Texto 16, linha 04)

(12) *...os negros sofrem e os brancos são* ***previlegiado****...* (Texto 20, linha 13)

(13) *...permanece presente* ***nos dias atuais****...* (Texto 23, linha 07)

(14) *A lei brasileira não* ***descrimina*** *o negro...* (Texto 24, linha 04)

(15) *... diversos contextos* ***onde*** *ocorre...* (Texto 31, linha 08)

(16) *... porque* ***tem gentes*** *que vão* ***ocutar****...* (Texto 32, linha 11)

(17) *O* ***objeto*** *"Brasil" (sic) não é racista...* (Texto 33, linha 09)

(18) *...o racismo,* ***mas mesmo assim*** *encontro alguns fatos...*(Texto 35, linha 06)

(19) *... ainda deve-se* ***levar em conta****, principalmente...* (Texto 37, linha 01)

(20) *Para evitar* ***esse tipos*** *de situação...* (Texto 39, linha 18)

(21) *... eles não* ***tem*** *culpa de terem nascido...* (Texto 40, linha 16)

(22) *...foi agredido e* ***o cara*** *ainda teve a* ***audácia de cuspir*** *no rosto do rapaz...*(Texto 44, linha 10)

(23) *... não desejo isso* ***pra ninguém****...* (texto 44, linha 19)

(24) *... seguranças agridem* ***ele*** *de contê-lo com tantas* ***porradas****...* (texto 44, linha 16/17).

Essas expressões coloquiais não poderiam ser classificadas como metáfora, como gírias, ou quaisquer outros tipos de ocorrências presentes na Tabela 2. Por isso, o emprego do termo coloquial serve para designar, dentre outras definições, a variante da língua falada em situações informais ou de pouca formalidade (HOUAISS, 2001, p. 763) ou sem planejamento prévio (TRAVAGLIA, 2000, p. 54). Portanto, Nesse caso, usou-se a expressão *coloquial* para designar a linguagem que o homem comum, do povo, utiliza para se comunicar em seu cotidiano.

3.4 Ocorrência de anáfora ou de repetição

No Dubois et al. (2014, p. 41), a anáfora é considerada um termo usado para descrever uma palavra, em retórica, no início de enunciados sucessivos,

sendo que esse processo visa a enfatizar o termo assim repetido. Por exemplo: *"Mas o Recife em história nem literatura/ Recife sem mais nada/ Recife da minha infância..."*. Esse fenômeno é mais um recurso utilizado na escrita, permitindo ao discente repetir palavras no texto com valor enfático.

De acordo com Marcuschi (2005), o termo anáfora, na retórica clássica, era usado para indicar a repetição de um elemento que havia sido mencionado no início de uma frase. No entanto, na atualidade, esse termo é usado para designar expressões que reportam a um referente, retomando-o e contribuindo para a continuidade tópica e referencial.

A anáfora tem seu sentido construído na relação com os demais elementos linguísticos presentes no texto, e reporta-se a um seguimento contextual inteiro ou se refere a um antecedente pontual.

Esse fenômeno é muito usado na escrita, porque auxilia na coesão das ideias no texto. Por isso, reside a importância de o aluno conhecer esse fenômeno fornecido pela língua para aplicá-lo adequadamente nas produções textuais. A anáfora quando mencionadas no texto, em geral, refere-se à pessoa, objetos, tempos, lugares e fatos. Podem exercer funções anafóricas os pronomes demonstrativos, os pronomes relativos, certos advérbios e locuções adverbiais e os verbos ser e fazer, o artigo definido e o pronome pessoal de 3ª pessoa. Quando esses fenômenos são usados inadequadamente prejudica a clareza das ideias do texto por não deixar explicito o termo ou expressão ao qual se refere ou ao qual retoma.

Verificou-se, no *corpus*, que alguns informantes não utilizaram adequadamente esse recurso tão importante na escrita, e os exemplos na Tabela 3 mostram as ocorrências de anáforas ou de repetições como mecanismos coesivos conversacionais. O uso de anáfora é frequente na língua falada como recurso linguístico expressivo ou enfático.

A repetição marca a oralidade e mantém uma constância na conversação do dia a dia em qualquer momento de fala, seja em uma palestra, numa sala de aula ou até mesmo com a interação com amigos ou com a própria família. Portanto, é uma estratégia básica de organização do discurso

oral. Contudo, no texto escrito, a repetição pode funcionar como elemento negativo, porque a coesão estabelece concisão no texto escrito.

Constataram-se no *corpus* desta pesquisa as seguintes ocorrências registradas na Tabela 3:

Tabela 3 Ocorrência de anáfora ou de repetição

Ocorrência	Informante	Linha	F	M
o **Brasil** necessita...o racismo no **Brasi**l...	01	12/13	00	01
As **pessoas** ...de **pessoas** ao seu redor...	04	01	00	01
O **Brasil** é uma país racista? Sim. Na primeira novela do **Brasi**l, os negros ...	07	01	00	01
No **Brasil**, o racismo... ao **Brasil**...	14	01/02	00	01
... os **brancos** são **previlegiado**, sim, os **brancos** são **previlegiados.**.. (sic)	20	13	00	01
O racismo ...**racismo** estrutural...	23	01/02	00	01
.....no **brasileiro**...**brasileiro.**..sociedade **brasileira.**	25	07/10	00	01
... de **negros**...pesquisadores **negros.**..	38	13	01	00
... que **você** ...**você** se torna **...você** ...	39	16/17	01	00
... **sociedade brasileira**... parte da **sociedade**	43	03/04	01	00
O **governo** ... é que o **governo..**	46	25/26	01	00
... racismo ...! Bom, o **racismo** é ...	49	02	01	00
...povo preto... **povo** indígena... **povo** branco	50	14/15	01	00
Persistência do racismo no **Brasil** é um problema muito presente, de fato, sim, o **Brasil** é um país racista...	01	01	00	01
Racismo não se refere somente a cor da pele, o **racismo** pode ser praticado ...	01	03/04	00	01
As pessoas crescem vendo uma grande diversidade de **pessoas** ao seu redor...	04	01	00	01
O **Brasil** é um país racista? Sim. Na primeira novela do **Brasil** os negros eram vistos inferiores ...No **Brasil**	07	01/04	00	01
... no cenário **brasileiro**... Segundo o fórum **brasileiro...**	25	06/07	00	01
... quantidade de **negros** na política; a falta de pesquisadores **negros...**	38	12	01	00
... racista que **você** partica (sic) **você se** torna ... que **você** ...	39	16/17	01	00
... na **sociedade brasileira** dificulta que boa parte da **sociedade brasileira** ...	43	03/04	01	00
Total de ocorrências			09	12

Fonte: elaborado pelo próprio autor.

A repetição, no *corpus*, de palavras consideradas expressões, evidencia uma marca da oralidade, isto é, da língua falada. Esse problema de repetição não seria relevante no texto se ocorresse num espaçamento, mas elas

acontecem nos mesmos parágrafos e com pouca diferença de linhas. Na linguagem oral, as repetições são recursos usados pelo falante para reforçar o que é dito ou para alcançar tempo para organizar o pensamento. No entanto, essa ocorrência, na linguagem escrita, não é aceitável, porque deixará o texto exaustivo, sendo preferível substituir as repetições por termos sinônimos ou anafóricos.

A maneira como foram usadas as repetições pelos discentes mostra a falta de argumento ou de utilização de outros recursos de coesão textual, ocasionando, dessa forma, prejuízo na progressão nos trechos em que elas ocorrem.

Koch (2021, p. 161) afirma que:

> A repetição ou recorrência de termos é uma forma de progressão textual de que pode se valer o produtor. Esse tipo de ocorrência tem sido frequentemente considerado vicioso e, por isso, condenado. O que ocorre, na verdade, é que a repetição é também um poderoso recurso retórico. Portanto, há repetições "viciosas" e repetições enfáticas, retóricas.
> Muitos textos são construídos tomando como base a repetição, que produz, nesses casos, não só efeitos estilísticos, mas, sobretudo, argumentativos. Daí a presença constante desse recurso em peças oratórias e textos em geral que destinem a persuadir os interlocutores.

Essa progressão foi observada nos textos dos alunos, mencionada na Tabela 3 e representada pelos fragmentos abaixo em que a repetição da expressão nominal em negrito assume função argumentativa na progressão textual.

(25) *.... o **Brasil** necessita...o racismo no **Brasil**...* (Texto 01, linha 12/13)

(26) *... As **pessoas** ...de **pessoas** ao seu redor...* (Texto 04, linha 01)

(27) *...O **Brasil** é uma país racista? Sim. Na primeira novela do **Brasil**, os negros ...* (Texto 07, linha 01)

(28) *... No **Brasil**, o racismo... ao **Brasil**...* (Texto 14, linha 01/02)

(29) *... os **brancos** são **previlegiado**, sim, os **brancos** são **previlegiados**... (sic)* (Texto 20, linha 13)

(30) *... **O racismo** ...**racismo** estrutural...* (Texto 23, linha 01/02)

(40) *.....no **brasileiro**...**brasileiro**...sociedade **brasileira**...* (Texto 25, linha 07/10)

(41) *... de **negros**...pesquisadores **negros**...* (Texto 38, linha 13)

(42)... que **você** ...**você** se torna **...você** ... (Texto 39, linha 16/17)

(43)*... **sociedade brasileira**... parte da **sociedade brasileira**..."* (Texto 43, linha 03/04)

(44) ... O **governo** ... é que o **governo**... (Texto 46, linha 25/26)

(45) **... racismo** ...! Bom, o **racismo** é ... (Texto 49, linha 02)

(46) **...povo** preto... **povo** indígena... **povo** branco..." (Texto 50, linha14/15)

Concluindo, as ocorrências de repetições verificadas no texto acontecem por falta de discernimento das especificidades desse tipo de texto, argumentativo, consequentemente levando o aluno a usar uma linguagem oral, adquirida fora da escola e, assim, escreve como se estivesse falando.

Conforme dados da Tabela 3, foram 21 ocorrências de anáfora ou de repetição, sendo que os alunos foram os que mais repetiram termos que apareceram anteriormente no período, sendo quantificadas 12 ocorrências para eles e apenas 9 paras as alunas.

Existem, atualmente, duas vertentes fortes na classificação desses elementos de referenciação, uma exposta por Marcuschi & Koch (2002), assumida neste trabalho e outra desenvolvida por Cavalcante (2004). Marcuschi & Koch (2002) tratam de dois processos referenciais: as anáforas diretas e as indiretas, apresentando como estratégias referenciais de progressão as anáforas nominais, as nominalizações, as descrições definidas, a hiponímia/hiperonímia, as relações indiretas e as definições/explicações e, como relações com o referente, a correferenciação, a categorização, a recategorização, a co-significação e a não-co-significação. Outros exemplos de anáfora ou de repetição retirados da Tabela 3 são transcritos abaixo.

(47) *...**Racismo** não se refere somente a cor da pele, o **racismo** pode ser praticado* ... (Texto 01, linha 01)

(48)*... racista que **você** partica (sic) **você se** torna ... que **você** ...* (Texto 39, linha 16/17)

(49) *... na **sociedade brasileira** dificulta que boa parte da **sociedade brasileira** ..."* (Texto 43, linha 03/04)

Nessas ocorrências, a retomada anafórica é um fenômeno comum na oralidade, sendo, portanto, muito utilizado pelos falantes no cotidiano para

reafirmar, enfatizar ou esclarecer o que está sendo dito. Mas, essa reassunção, no texto escrito, pode causar redundância, o que revela falta de familiaridade do discente com a escrita. Portanto, a utilização de anáforas nos textos escritos dos discentes caracteriza a manifestação de marca da oralidade.

3.5 Ocorrências de clichês

Clichê ou chavão são fenômenos linguísticos, do senso comum, manifestados de forma natural e usual na língua falada.

Conforme dados da Tabela 4, nos textos escritos foram registradas 13 ocorrências de clichês.

Tabela 4 Ocorrência de clichê

Ocorrências	Informante	Linha	F	M
...começando **pela hierarquia mais alta**...	01	02	00	01
... considerado **um dos maiores males** da humanidade...	01	11	00	01
...a escravidão como **mão-de-obra trabalhista...**	03	01	00	01
...**julgas as pessoas só pela** sua **aparência**, pois nem sempre a pessoa bonita aos olhos é **bonita por dentro...**	04	14/15	00	01
Hoje em dia **graça** a internet a população	08	13	00	01
...pelo país do que é **certo** e do que é **errado...**	12	12/13	00	01
...existem situações **gritantes** em que **claramente** os negros são desvalorizados	19	06/07	00	01
O racismo se **manteve de pé sempre**...	20	03	00	01
Na minha opinião, com diferença ou não..	28	09	01	00
...cada cidadão **fazer a sua lição de casa**	32	12	01	00
Até os dias de hoje, ainda precisamos...	36	12	01	00
O racismo... **desde muito tempo**...	45	03	01	00
E no nosso país o racismo **é visado** por muitas pessoas...	40	02	01	00
Total de ocorrências			5	8

Fonte: elaborado pelo próprio autor.

Os clichês caracterizam o repertório linguístico dos discentes ao utilizá-los no texto escrito. Sendo assim, essas expressões típicas da oralidade foram usadas para reforçar o ponto de vista no texto. Pela visualização dos dados na Tabela 4, as alunas usam menos clichês que os alunos, sendo registradas 5 ocorrências para elas e 8 para eles. Tais clichês são expressões prontas e não precisam ser elaboradas pelos informantes, porque é uma herança da

linguagem oral usada confortavelmente no cotidiano pelos discentes. Por isso, os clichês, por serem prontos, não exigem esforço cognitivo, até porque não são elaboradas pelos discentes. Essas expressões facilitam a comunicação diária por serem de fácil compreensão.

Nos fragmentos de textos transcritos e retirados das produções dos alunos, a expressão clichê em negrito é de uso comum no cotidiano.

(50) ...começando **pela hierarquia mais alta**...

(51) ... considerado **um dos maiores males** da humanidade...

(52) ...a escravidão como **mão-de-obra trabalhista...**

(53) ...**julgas as pessoas só pela** sua **aparência**, pois nem sempre a pessoa bonita aos olhos é **bonita por dentro...**

(54) Hoje em dia **graça** a internet a população

(55) ...pelo país do que é **certo** e do que é **errado...**

(56) ...existem situações **gritantes** em que **claramente** os negros são desvalorizados

(57) O racismo se **manteve de pé sempre**...

(58) Na minha opinião, com diferença ou não..

(59) ...cada cidadão **fazer a sua lição de casa**

(60) Até os dias de hoje, ainda precisamos...

(61) O racismo... **desde muito tempo**...

(62) E no nosso país o racismo **é visado** por muitas pessoas...

Sendo assim, os falantes, na comunicação diária informal, não usam expressões extensas e variadas, mas as expressões que são conhecidas por todos, que expressam as ideias com simplicidade e sem dificuldade.

Portanto, o uso dos clichês nos textos tipológicos dissertativo-argumentativos caracteriza influência da oralidade nas produções dos alunos.

3.6 Ocorrência de gíria

A gíria é o tipo de linguagem que surge restritamente a um determinado grupo, como um código, que com o passar dos tempos invade a sociedade, sendo utilizada pelas pessoas até de forma inconsciente, independentemente da idade ou do nível social do qual fazem parte, tornando o seu uso muito

frequente em qualquer situação de interação. Sobre essa utilização cada vez maior da gíria, Patriota (2009, p. 8) afirma: “É essa generalização de uso, que desconhece barreiras etárias, sociais, econômicas e culturais, que garante a gíria um lugar de destaque entre as outras variedades da língua”. Nas tipologias argumentativo-dissertativas, as gírias são usadas como recurso linguístico pelos alunos, porque é uma linguagem que está intrinsicamente ligada ao vocabulário de determinado grupo social e passou a fazer parte do linguajar cotidiano, e, nesse caso, se popularizou e passou a ser de domínio comum.

A descrição das gírias usadas pelos informantes pode ser visualizada na Tabela 5.

Tabela 5 Ocorrências de gírias

Ocorrências	Informante	Linha	F	M
... brincadeira **zoação** no trabalho	24	12	00	01
... foi agredido e o **cara** ainda teve audácia de **cuspir** no rosto do rapaz...	44	11	01	00
... não tinha nenhuma justificativa para o **cara** fazer isso...	44	13	01	00
...com tantas **porradas** o senhor morreu...	44	17	01	00
Total de ocorrências			3	1

Fonte: elaborado pelo próprio autor.

Como proferido anteriormente, as expressões de gírias estão intrinsicamente inseridas nos vocabulários diários dos informantes e acabam integrando os textos de tipologia dissertativo-argumentativa. Isso significa que o aluno acaba de se apropriar das gírias para produzir os seus próprios textos escritos, porque elas fazem parte de seu repertório linguístico e uso corrente, principalmente, entre os jovens que utilizam esses fenômenos em momento informais como se fossem formais. Contrariando à máxima de que as mulheres valorizam o que tem mais prestígio, na visualização dos dados da Tabela 6, desta vez, as alunas se utilizam mais das gírias que os alunos, apresentando 3 ocorrências contra apenas uma deles. As gírias pertencem à língua falada em uso comum e revitalizam o léxico ganhando mais expressividade e vivacidade influenciando a língua escrita. Além disso, podem ser usadas em vários contextos, principalmente, quando se objetiva chamar atenção do interlocutor

em texto escrito. Então, nas produções analisadas, o objetivo do informante ao usar esses fenômenos foi o de produzir efeito para chamar atenção do leitor.

Nesse sentido, Bortoni-Ricardo (2005) afirma que o ensino da língua culta para grande parcela da população tem pelo menos duas consequências desastrosas: não são respeitados os antecedentes culturais e linguísticos do educando, o que contribui para desenvolver nele um sentimento de insegurança, nem lhe é ensinada de forma eficiente a língua padrão. Nesse sentido, Bagno afirma que:

> Se você (...) decidir estudar os modos de falar das pessoas de um mesmo lugar- uma grande cidade, por exemplo, vai notar também que a variedade falada nesse lugar apresenta diferenças que correspondem às diferenças que existem entre as pessoas: grau de escolaridade, situação socioeconômica, faixa etária, origem geográfica, etnia, sexo etc. (BAGNO, 2004, p. 42).

Certamente, as gírias podem ser usadas em diferentes segmentos sociais, que se apropriam de expressões criadas em determinados contextos nos quais as pessoas fazem parte. No exemplo (63), o termo ***zoação*** significa zombar de alguém. Já nos exemplos (64), e (65), ***cara*** se refere a homem.

(63)*... brincadeira **zoação** no trabalho ....”*(Texto 24, linha 12)

(64)*... foi agredido e o **cara** ainda teve audácia de **cuspir** no rosto do rapaz...*(Texto 44, linha 11)

(65)*... não tinha nenhuma justificativa para o **cara** fazer isso...* (Texto 44, linha13)

(66)*...com tantas **porradas** o senhor morreu...* (Texto 44, linha 17)

No exemplo (66), o termo ***porradas*** significa pancadas, bordoadas, que caracterizam agressões sofridas por alguém.

A descrição das gírias na Tabela 5 revela que os informantes utilizam esses recursos próprios da linguagem oral na produção do texto escrito, porque são recursos com os quais os informantes estão familiarizados e dominam muito bem e com muita competência. Mesmo que se preconize a não utilização de gírias, mesmo assim, elas permeiam o texto escrito formal. Granatic (1988) afirma expressamente: “**O que você não deve fazer em uma dissertação {...}.** 1. *Jamais use gírias em sua dissertação”* (GRANATIC, 1988, p. 133). Entretanto, os estudos variacionistas possibilitam a compreensão de que a

língua apresenta variáveis linguísticas e variantes linguísticas, dentre as quais se destacam as gírias, que podem ser bem trabalhadas nas reproduções dos discentes.

3.7 Ocorrência de Marcador conversacional

Marcadores conversacionais servem como elementos de coesão e de coerência no texto falado e no texto escrito, auxiliando e revelando suas condições de produção, articulando, ao mesmo tempo, suas unidades cognitivo-afirmativas e seus interlocutores. Afirma Urbano (2003, p. 98) “são elementos que amarram o texto não só enquanto estrutura verbal cognitiva, mas também enquanto estrutura de interação interpessoal”. É a situação de interlocução face a face que determina sua utilização.

Ainda sobre marcadores, Bagno afirma:

> Na sociolinguística variacionista, um marcador é uma variável linguística que exibe estratificação social e estratificação estilística, ou seja, é uma forma linguística produzida abaixo do nível de consciência dos membros de um subgrupo da comunidade de fala. (BAGNO, 2017, p. 271)

Como já mencionado anteriormente, tanto o texto falado quanto o texto escrito não apresentam soma de frases, sem ligação entre si. Ambas as modalidades da língua recorrem a fenômenos de coesão para que as frases, tenham sentido.

No texto falado, denominam-se marcadores conversacionais os elementos que são responsáveis pela coesão nessa modalidade. Evidentemente, existem diferenças entre esses fenômenos de ligação empregados na fala e na escrita, no entanto, não cabe mencioná-las já que este não é o objetivo deste trabalho.

A Tabela 6 mostra as ocorrências dos marcadores conversacionais nos textos analisados.

Tabela 6 Ocorrência de marcador conversacional

Ocorrências	Informante	Linha	F	M
... de fato, **sim**, o Brasil é um país...	01	01/02	00	01
Portanto, sim, o Brasil é um país racista.	02	32	00	01
...**assim como** a taxa de desemprego é mais elevada entre os negros...	03	08	00	01
Viu? Sem conteste (sic) parecia ...	06	07	00	01
O Brasil é um país racista? **Sim.** Na primeira novela do Brasil ...	07	01	00	01
... é preciso, primeiramente, que a população ignore o passado ...	12	21/22	00	01
... há pessoas racistas, **então** porque Brasil não é uma país...	13	15	00	01
O Brasil ... negras **como exemplo.**	15	08/09	00	01
Então surgem as perguntas: **o por que** (sic) de tudo isso?	17	05	00	01
Assim com esse pensamento surgi casos de racismo, **que** eles as vezes levam a morte	18	08	00	01
O Brasil é, de fato, um pais racista? **Na Na minha opinião** não o Brasil em **si, mais** (sic) a maioria...	24	01/02	00	01
Bom, como vemos não existe...	28	01	01	00
O fato é que **sim**, ele existe...	35	03/04	01	00
E no Brasil não é diferente...	46	09	01	00
Eu sei que existem pessoas ...	46	16	01	00
Então respondendo à pergunta....	46	33	01	00
Bom, o racismo é uma forma ...	49	02	01	00
Como assim? Você deve ter...	50	06/07	01	00
Total de ocorrências			7	11

Fonte: elaborado pelo próprio autor.

Na classificação dos fenômenos na Tabela 6, todos os marcadores conversacionais pertencem ao aspecto formal e são considerados como marcadores simples. Ao analisá-los, percebe-se que os marcadores *bom* e *então,* no *corpus,* sempre ocorrem no início das unidades linguísticas. Essa ocorrência caracteriza no texto escrito um traço da oralidade. E os alunos são os que mais se utilizam dos marcadores, em cujas produções foram registradas 11 ocorrências, enquanto as alunas usaram os marcadores conversacionais 7 vezes.

Os discentes escrevem como se estivessem falando, como nos exemplos (67) e (68) em que utilizam o marcador ***bom*** característico da oralidade e usado para iniciar o discurso.

(67) ***Bom****, como vemos não existe...* (texto 28, linha 01)

(68) ***Bom****, o racismo é uma forma ...* (texto 50, linha 06/07)

Verifica-se também que a forma ***então*** é classificada na gramática normativa como advérbio de tempo, porém nas produções em análise, funciona como marcador na acepção do conectivo coordenativo, principalmente como aditivo e conclusivo, cujo objetivo é prover a coesão no texto. Tal marcador pode ser visualizado em ação nos exemplos (69) e (70), os quais foram retirados das produções dos discentes:

(69) ***Então*** surgem as perguntas... (texto 17, linha 05)

(70) ***Então*** respondendo à pergunta... (texto 46, linha 33)

Os alunos buscam esses fenômenos para construírem os seus textos, porque fazem parte dos seus conhecimentos linguísticos, os quais são próximos do texto falado. Conclui-se que os informantes usam esses elementos típicos do texto oral por falta de domínio dos recursos linguísticos empregados no texto escrito. Por isso, usam em seus textos escritos os recursos da língua falada. Urbano (2003, p. 103), esclarece-nos que: marcadores como: "*bom* e *bem* costumam iniciar turnos, enquanto outros como. *Sabe?* e *certo?* Costumam encerrar".

3.8 Ocorrência de Elipse

Foi encontrada apenas uma ocorrência de *elipse,* que caracteriza a oralidade e foi importante mencioná-la, porque apresenta complexidade de compreensão. Conforme exemplo (71), considerou-se a elipse como uma marca de oralidade que pode se relacionar com texto escrito com naturalidade, porque por se tratar de um elemento de coesão textual.

(71) *Na eleição muitas pessoas que são negras querem vender seus* ***votos*** *não sabem que* ***um*** *ajuda ter um mundo melhor e feliz...* (Texto 07, linha 04/05)

3.9 Ocorrência d**e anacoluto ou de frases inacabadas**

A Tabela 7 mostra os fenômenos de anacoluto ou de frases inacabadas usadas pelos discentes.

Tabela 7 Ocorrências de anacoluto ou ruptura de construção

Ocorrência	Informante	Linha	F	M
Racismo não se refere somente a cor de pele, **o racismo pode ser praticado mentalmente, fora vários atos em que a pessoa nem percebe...**	01	03/04	00	01
Brasil... como mão de obra trabalhista, **e o que acontece em maio de 1888, somente à partir (sic) da intervenção da Inglaterra.**	03	01/03	00	01
... julgar as pessoas só pela sua aparência, **pois nem sempre a pessoa bonita aos olhos, e bonita por dentro.**	04	14/15	00	01
Discriminação com povos como os negros e, índios ainda é **vista somado com o julgamento da população...**	11	06/07	00	01
Acredito que o Brasil não seja um país racista, **mas sim que há racismo no Brasil...**	13	05	00	01
... o Brasil não é um país racista, **mas que há racismo no Brasil!!**	13	29	00	01
Em universidade, com a criação de cotas raciais...	15	09	00	01
Manifesta-se de diferentes maneiras, **fazendo vítimas todos os dias.**	22	03	00	01
A diferença de acesso em universidade **... o racismo...**	23	08/09	00	01
Na minha opinião não o Brasil em sim, **mais (sic) a maioria da população sim,**	24	01/02	00	01
... os brasileiros são hipócritas, **e o sempre o outro.**	30	09	01	00
... do Brasil ser um país com tamanha diversidade, **ele é um país de origens e estrutura racistas...**	31	12/13	01	00
O racismo é um assunto que tem sido debatido **e fundamental no Brasil.**	32	01	01	00
... deduzir que uma pessoa é simples ou pobre; tratar um negro com exótico, **desigualdade nas cotas.**	33	08/09	01	00
Primeiro de tudo, a palavra negra é uma forma **é uma forma onde se refere as estas pessoas, pois ...**	39	04/05	01	00
Recentemente um dos assuntos mais comentado na sociedade brasileira, de forma generalizada, e a **diversidade**.	50	50	01	00
Ficar com medo de ser assaltado **apenas pela cor, ficar falando sobre cabelo crespo...**	01	05	00	01
... revisitado e ver não carrega objetos ilegais **de estática, o preto tem cabelo duro de sua pele se preta, de ser alguém com necessidade higiênica ...**	02	29/30	00	01
... abolição deixou valores racistas e preconceituosas, **que são persistentes hereditariamente...**	03	03/04	00	01
... devemos sempre olhar os diferentes **ponto de visão** em relação ao conteúdo.	06	02/03	00	01
Paralelo a isso está a ética **hereditária** que, basicamente **é o conhecimento moral passado ...**	12	11/12	00	01
Mas atualmente o racismo que havia ficado calado por muito tempo, não foi completamente extinto...	13	12/13	00	01
...o Brasil não é um país racista, **mas que há racismo no Brasil !!!**	13	28/29	00	01

Continuação da Tabela 7: Ocorrências	Informante	Linha	F	M
..violência e a desigual social. Manifesta-se de diferentes maneiras, **fazendo vítimas todos os dias...**	22	03	00	01
Sim, o Brasil é um país racista. **Não tem como abordar essa questão.**	30	01	01	00
O racismo é um assunto que tem sido muito debatido **e fundamentado no Brasil.**	32	01	01	00
Com a chegada do século XIX e a abolição da escravidão; **o racismo não acabou.**	33	03	01	00
Porém, há não só no Brasil, **mundo todo, há um ...**	41	03	01	00
... não há dúvidas de que essa injustiça é um desafio no Brasil, **o qual ocorre, infelizmente, pelo péssimo contexto histórico do país.**	43	05/06	01	00
... assuntos mais comentado na sociedade brasileira, **de forma generalizada, e a diversidade. (sic)**	50	01	01	00
Total de ocorrências			12	18

Fonte: elaborado pelo próprio autor.

No *corpus* em análise, aparece a utilização de um recurso típico da língua oral: o anacoluto ou ruptura de construção. Como já mencionado anteriormente, esses fenômenos ocorrem quando há interrupção da ordem lógica da frase, caracterizando-se como desvio no rumo do raciocínio, ou seja, a frase muda sua trajetória inicial e parte em outra direção. Essa é uma característica própria do texto conversacional.

Os exemplos da Tabela 7, os quais estão identificados em negrito, representam as marcas da oralidade nos textos dissertativo-argumentativos, que constituem o *corpus* deste trabalho. Os alunos são os que mais fazem a ruptura brusca de pensamento, apresentando 18 ocorrências de anacoluto ou de frases inacabadas, enquanto as alunas apresentaram 12 ocorrências. Quando há interrupção da ordem lógica da frase, acontece o desvio de raciocínio, ou seja, há mudança de ideia na frase. Segundo Bechara (2010), o anacoluto é a quebra da estruturação gramatical da oração. Para explicitar sua postulação, o autor cita esta definição de anacoluto:

> Resulta esta anomalia em geral do fato de não poder a linguagem acompanhar o pensamento em que as ideias se sucedem rápidas e tumultuárias. É a precipitação de começar a dizer alguma cousa sem calcular que pelo rumo escolhido não se chega diretamente a se concluir o pensamento. Em meio do caminho dá-se pelo descuido, faz-se pausa, e, não convindo tornar atrás, procura-se saída em outra direção (BECHARA, 2010, p. 484)

Desse modo, na escrita é aconselhável não mudar o rumo do raciocínio repentinamente, pois se ele não estiver a serviço de um efeito de sentido, é considerado um defeito de estilo, como se pode observar a partir dos exemplos

listados na Tabela 7. Caso contrário, se o uso for intencional, seu valor expressivo pode ser considerável. Bechara (2010, p. 485) postula ainda que o anacoluto “fora de certas situações especiais de grande efeito expressivo, é evitado no estilo formal”; no entanto, não especifica quais seriam essas situações. Já em outra passagem, o autor é mais categórico: “O anacoluto, fora de certas situações especiais, é evitado pelas pessoas que timbram em falar e escrever corretamente a língua”, assumindo, então, uma atitude prescritiva em relação ao uso do anacoluto no estilo formal, tanto na fala como na escrita. Nos exemplos (72) e (73), há incidência de ruptura brusca de pensamento.

(72) ... *julgar as pessoas só pela sua aparência,* ***pois nem sempre a pessoa bonita aos olhos, e bonita por dentro.*** (Texto 4, linha 14/15)
(73) *Discriminação com povos como os negros e, índios ainda é* ***vista somado com o julgamento da população...*** (Texto 11, linha 06/07)

Nos textos analisados, esse recurso não foi utilizado intencionalmente tampouco para obter expressividade, uma vez que seu uso mostra uma proximidade maior com o texto oral, haja vista esse desvio da trajetória final das orações ser um fenômeno recorrente e comum na língua falada. O uso desse recurso nos textos revela hábito recorrente e comum da língua oral. Revela ainda um desconhecimento de princípios básicos da sintaxe ou resulta em distrações do escritor ao produzir frases fragmentadas. Na oralidade, com frequência, o falante muda de assunto sem se preocupar de concluí-lo, o que não causa problema na compreensão do interlocutor, porque para ele é natural a situação imediata de fala e não percebe nenhum problema, nenhum prejuízo ao que está sendo tratado. No texto escrito, esse recurso não funciona, porque não se pode interromper aquilo que se escreve sem uma devida clareza de conclusão prévia. Souza (2017, p. 26) questiona

> A frase seria um nível de complexidade? A questão do texto foi colocada por Platão, no seu diálogo sofista, no qual o Estrangeiro explica a Teeteto que nomes pronunciados isoladamente, um após os outros, como leão veado cavalo (sic) e verbos enunciados separadamente dos nomes como anda corre dorme (sic), são incapazes de produzir algum *logos* (que aqui pode ser traduzido tanto por texto quanto por discurso) (SOUZA, 2017, p.26)

Platão faz sua definição do *logos*, isto é, do texto, definindo-o como um todo organizado de sentido e um conjunto de partes solidárias, em que o sentido de uma depende das demais. Por isso, não permite ao escritor produzir frases inacabadas, sob pena de prejudicar essa relação solidária entre as partes que o compõem. É preciso que os discentes dominem as especificidades dos textos escritos e dos textos orais, uma vez que as características de cada modalidade são trabalhadas com profundidade na escola. Nos exemplos (74) e (75), os discentes não evitam a suspensão do pensamento, não conseguindo, com isso, finalizar tais frases.

(74)... *Ficar com medo de ser assaltado* ***apenas pela cor, ficar falando sobre cabelo crespo...*** (Texto 01, linha 05);

(75) *... revisitado e ver não carrega objetos ilegais* ***de estática, o preto tem cabelo duro de sua pele se preta, de ser alguém com necessidade higiênica ...***(Texto 02, linha 29/30)

Portanto, os alunos transferem para escrita as suas vivências com a fala. Por isso, acabam escrevendo como falam, isto é, fazem uso dos recursos presentes na oralidade nas produções escritas.

3.10 Ocorrência de modalizador

São apresentados, na Tabela 8, os modalizadores.

Tabela 8 Ocorrência de modalizador

Ocorrências	Informant	Linha	F	M
Sempre tratados como animais pelos seus ...	02	13	00	01
Constantemente sofriam preconceito, violência ...	02	19	00	1
... que são **hereditariamente, ...**	03	04	00	01
... o Brasil **definitivamente** não é um país racista ...	06	18	00	01
É de conhecimento geral que, muitas pessoas no país e no ...				
Acredito que o Brasil não seja um país racista ...	13	05	00	01
... que o Brasil enfrenta **atualmente é** o racismo, que				
Automaticamente o país tentou criar uma autoimagem...				
Antigamente no Brasil, as causas do racismo...	40	09	01	00
Sim, o Brasil é um país racista...	44	01	01	00
mas antes de respondê-la **é preciso** saber o que é o racismo				
Naturalmente tudo o que é considerado diferente atrai a atenção de todos...				
... a palavra “racismo” **automaticamente** ela é associada ao “povo preto” de forma generalizada **é claro** ...	50	13/14	01	00
Total de ocorrências			5	8

Fonte: elaborado pelo próprio autor.

Machado afirma que “todos os atos de linguagem são, de uma forma ou de outra, modalizados.” (MACHADO, 2001, p. 64). Os modalizadores são fenômenos bastante comuns, sendo utilizados tanto na escrita quanto na fala.

Na visualização dos dados na Tabela 8, os alunos modalizam mais que as alunas, pois eles empregaram 8 vezes os modalizadores, enquanto elas empregaram 5 vezes.

Os modalizadores são, conforme Koch (2011)

> [...] todos os elementos linguísticos diretamente ligados ao evento de produção do enunciado e que funcionam como indicadores das intenções, sentimentos e atitudes do locutor com relação ao seu discurso. Esses elementos caracterizam os tipos de atos de fala que deseja desempenhar, revelam o maior ou menor grau de engajamento do falante com relação ao conteúdo proposicional veiculado, apontam as conclusões para as quais os diversos enunciados podem servir de argumentos, selecionam os encadeamentos capazes de continuá-los, dão vida, enfim, aos diversos personagens cujas vozes se fazem ouvir no interior de cada discurso (KOCH, 2011, p. 133).

A autora inclui os operadores argumentativos como modalizadores, ao apontá-los como um dos vários tipos de lexicalização das modalidades. Ademais, alguns deles marcam a atitude do locutor em relação ao seu discurso. Nesse sentido, foram selecionados esses fenômenos modalizadores descritos na Tabela 8.

(76) ... ***É de conhecimento geral que****, muitas pessoas no país e no ...* (Texto 10, linha 01)

(77)*... **Acredito que o** Brasil não seja um país racista ...* (Texto 13, linha 05)

(78)*... que o Brasil enfrenta **atualmente é** o racismo, que ....* (Texto 15, linha 01)

(79)*... **Automaticamente** o país tentou criar uma autoimagem...* (Texto 20, linha 08)

Nos exemplos (76), (77), (78) e (79), os informantes utilizam os modalizadores para expressar os seus conhecimentos em relação àquilo que está sendo dito, complementando, dessa forma, as suas ideias argumentativas no texto de tipologia dissertativo-argumentativa em questão. A maioria dos exemplos de modalizadores elencados na Tabela 8 é de origem epistêmica, expressando o comprometimento ou engajamento do locutor em relação ao enunciado, ao grau de certeza com relação aos fatos enunciado. A

modalização epistêmica, segundo Castilho (2003), diz respeito à noção de certeza ou de verdade presente no conteúdo do enunciado. Esses modalizadores ocorrem com maior frequência na língua falada.

O uso de modalização no texto pode ser uma aproximação dos informantes com tema ou conteúdo exposto, e, por esse motivo, aparecem com frequência no *corpus.*

Portanto, os modalizadores analisados nos textos dos alunos informantes, demonstram-se como marca da oralidade, visto que são palavras e frases usadas pelos falantes no seu dia a dia para se posicionar frente ao que está sendo dito.

3.11 Ocorrência de formas verbais subjuntivas

Como já proferido anteriormente, o modo subjuntivo expressa algo possível, hipotético ou duvidoso. Em geral, expressa fato que depende de outro que caracteriza oração subordinada. Na Tabela 9, são descritas as ocorrências presentes em nosso *corpus*.

Tabela 9 Ocorrência de formas verbais do modo subjuntivo

Ocorrências	Informante	Linha	F	M
... principalmente quando **poramos** (sic) para olhar para outros países ...	06	19	00	01
Mesmo assim ainda quem **jugue** as características física de uma pessoa ...	09	04	00	01
... que a população **ignore o** passado ...	12	22	00	01
Acredito que o Brasil não **seja** um país racista, mas sim que há racismo ...	13	05	00	01
... e mesmo que o paciente **se cure** o vírus continuará ...	13	32/33	00	01
... embora **tenha** igualdade jurídica ...	23	10	00	01
... que **entendamos** as suas particularidades em geral ...	32	15	01	00
... como **cheguemos** a esse ponto...	39	03	01	00
Total de ocorrências			2	6

Fonte: elaborado pelo próprio autor.

Os exemplos apresentados na Tabela 9 mostram que no parâmetro masculino há incidência maior do emprego de formas verbais subjuntivas, sendo 6 empregos pelos alunos e 2 empregos pelas alunas. Os dados

confirmam que o uso do subjuntivo pode ocorrer também em outros orações com, por exemplo, nas orações adverbiais condicionadas (80) e (81).

(80) .... *mesmo que o paciente* ***se cure*** *o vírus continuará ...* (Texto 13, linha 32/33)

(81) ... *embora* ***tenha*** *igualdade jurídica ...* (Texto 23, linha 10)

As formas verbais subjuntivas expressam hipótese ou irrealidade, ou seja, não exprimem um fato, mas algo que pode ocorrer ou não. As ocorrências proferidas, na Tabela 9, caracterizam o modo subjuntivo.

Além dessas orações, constatou-se também a presença de orações nos textos dos informantes, como por exemplo, *"... negro, lute pelos seus direitos...", "... viva sem racismo ..., "... lute por uma sociedade sem racismo"*. Assim, com verbos, nomes e expressões que indicam ordem, pedido, suposição ou possibilidade. Essas ocorrências não foram selecionadas na Tabela 9, por compreender fenômenos relacionados ao imperativo, que não é objeto deste estudo.

Desse modo, o uso do subjuntivo confere ao texto uma proximidade entre os interlocutores, típico da oralidade, como comprovam as ocorrências nos exemplos (82), (83), (84), (85) e (86).

(82)... *principalmente quando* ***poramos*** *(sic) para olhar para outros países ...* (Texto 06, linha 19)

(83) *... mesmo assim ainda quem* ***jugue*** *as características física de uma pessoa ...* (Texto 12, linha 22)

(84) ... *embora* ***tenha*** *igualdade jurídica ...* (Texto 23, linha 10)

(85) *... que* ***entendamos*** *as suas particularidades em geral* ... (Texto 32, linha 15)

(86) *... como* ***cheguemos*** *a esse ponto..."*(Texto 39, linha 03)

Desse modo, torna-se de grande importância que os professores de língua materna propiciem ao seu alunado o conhecimento que envolva as variadas possibilidades de realização do português falado no Brasil.

As teorias sociolinguísticas, nesse ponto, servem como um importante norte para quem se propõe a trabalhar a língua de modo a considerar as suas

múltiplas faces, na busca por romper com preconceitos que muitas vezes decorrem de um conhecimento simplista. Infelizmente, não é raro encontrar professores que acreditam ser o seu papel coibir qualquer desvio da norma padrão da Língua Portuguesa. Bortoni-Ricardo (2004, p. 9) observa, contudo, que “os chamados erros que nossos alunos cometem têm explicação no próprio sistema evolutivo da língua e, portanto, podem ser previstos e trabalhados com uma abordagem sistêmica”. Portanto, o uso de formas verbais do modo subjuntivo nos textos em análise pode ser considerado como uma marca da oralidade próximo do cotidiano do informante.

CONSIDERACOES FINAIS

Este trabalho, antes da pandemia, tinha um único foco: pesquisar as variações linguísticas na fala e na escrita, suas marcas morfofonêmicas, com foco nos fenômenos fonético-fonológicos a partir da compreensão de que a língua é um fato social, e, como tal, muda e varia de acordo com o contexto. A pesquisa seria de campo e o *corpus* para análise seriam textos de tipologias narrativas de alunos informantes das séries do 6º ao 9º ano do ensino Fundamental II da escola municipal Francisca Pergentina de Souza no bairro Zumbi dos Palmares II, localizado na Zona Leste da cidade de Manaus, Amazonas. Porém, devido ao contexto pandêmico, mudou-se o foco para analisar as marcas de oralidade presentes nos textos de tipologia argumentativo-dissertativa, os quais foram produzidos pelos discentes do 1º ano do Ensino Médio do Instituto Federal do Amazonas (IFAM), Campus Manaus Zona Leste, na cidade de Manaus Amazonas.

Os alunos produziram o gênero escolar redação nas aulas de Língua Portuguesa, as quais foram ministradas por meio das plataformas virtuais *google meet* e *classroom*.

Nossa hipótese era de que as marcas da oralidade, referentes aos erros decorrentes da transposição dos hábitos de fala para a escrita, poderiam ser manifestados no texto de tipologia dissertativo-argumentativa produzidos pelos alunos informantes do 1º ano do Ensino Médio.

Para se alcançar o objetivo geral desta pesquisa foi necessário:

I) Registrar desvios do padrão ortográfico decorrentes da arbitrariedade do sistema de escrita e da transposição dos hábitos da fala para escrita a partir das categorias postuladas por Bortoni-Ricardo (2005);

Foram registradas 21 ocorrências de desvios do padrão ortográfico. Isso acontece porque o aluno se baseia na pronúncia das palavras e, por não conhecer a ortografia padrão, acaba escrevendo indevidamente com grafia diversa a própria produção textual.

II) Identificar no gênero textual redação escolar a modalidade tipológica mais predominante;

A modalidade tipológica predominante foi a dissertativo-argumentativa conforme constado nas produções dos alunos. Foram encontradas riquezas de nuances apresentadas em cada texto dissertativo-argumentativo em que o aluno usa sua linguagem extremamente fácil e elementos da oralidade que facilitam o desenvolvimento do texto produzido por eles, havendo interação entre língua falada e língua escrita. Isso significa dizer que os alunos por falta de habitualidade com os recursos linguísticos específicos da modalidade escrita, incorporam em seus textos suas experiências linguísticas advindas da fala.

III) Verificar, nas produções escritas, as ocorrências de expressões coloquiais, repetições e/ou anáforas, clichês, gírias, marcadores conversacionais, construções de anacolutos e/ou frases inacabadas, modalizadores e formas verbais subjuntivas.

O uso frequente das expressões coloquiais, que é um recurso linguístico, manifesta, ou reflete o ambiente social em que vive o usuário da língua, caracterizando o modo de pensar, o modo de viver, o conhecimento, a espontaneidade e a naturalidade como elas são utilizadas nos textos, demonstrando essas expressões como recursos linguísticos mais acessíveis aos alunos, autores do próprio texto, afinal os estudantes usam esses recursos, porque dominam muito bem.

As repetições do fenômeno típico da língua falada, que estão presentes nos textos argumentativo-dissertativos dos informantes, na maioria dos textos analisados, comprovam as ocorrências citadas anteriormente nas tabelas. Esse fenômeno presente na maioria dos textos revela a ausência do domínio do uso de anafóricos e outros fenômenos que retomam aquilo que foi dito anteriormente. Isso acontece por falta de conhecimento dos elementos de coesão textual e por falta de familiaridade com a escrita.

Também foram encontradas no *corpus* muitas expressões coloquiais, isto é, expressões populares próprias da língua falada. Essas expressões, na maioria das ocorrências, são gírias e clichês corriqueiros utilizados com

frequências no cotidiano dos alunos, que acabaram incorporando-os em suas produções textuais, dando a elas um caráter de informalidade.

Analisou-se, também, nos textos a presença de outro fenômeno muito frequente na língua falada: os marcadores conversacionais. Como já mencionado anteriormente, eles se constituem como elementos de articulação do texto, à medida que seu encadeamento torna o texto coeso. Porém, o uso desse fenômeno, típico da língua falada, mostra que o aluno desconhece as especificidades do texto.

Foi constatada também, nas produções escritas, a utilização de fenômenos como elipse, anacoluto ou ruptura de construção e frases inacabadas, comuns na língua falada. Mais uma vez, depreende-se que, por falta de domínio dos recursos textuais da escrita, o educando usa expressões da oralidade, porque lhe é mais acessível e familiar.

Com referência ao uso de anáfora sem referência anterior explícita, verificou-se que o discente, desconhece a função desses mecanismos de coesão e ao utilizá-los, inadequadamente, acaba prejudicando, assim, a clareza do texto por não explicar que termo ou expressão está sendo retomado.

Quanto ao uso dos modalizadores, caracterizam-se como marca da oralidade, visto que são palavras e frases usadas pelos falantes no seu cotidiano para se posicionarem frente ao que está sendo dito.

Por fim, quanto ao uso de formas verbais subjuntivas, ressalta-se que seu emprego nos textos, que constituem o *corpus,* confere uma proximidade, um envolvimento entre os interlocutores, típico da oralidade, uma vez que o discente utiliza o recurso que lhe é mais acessível. Como esse é um recurso próprio da interação face a face, é natural que o discente, com dificuldades em diferenciar as modalidades orais e escritas, faça uso dele na produção escrita.

Ao finalizar a análise do *corpus*, mesmo sem ter esgotado a temática, pode-se afirmar que são evidentes as características próprias da linguagem falada nos textos dissertativo-argumentativos produzidos por alunos do 1º ano do Ensino Médio, ou seja, a oralidade da linguagem se manifestou de várias formas nas produções textuais dos alunos.

O tema, objeto de estudo, mostrou-se muito rico. Todavia, é importante destacar que restam, ainda, muitos aspectos da oralidade a serem examinados, uma vez que nem todos apareceram no *corpus* selecionado, o que dá margem para uma possível continuidade da pesquisa.

Assim sendo, foi possível analisar a presença de traços da oralidade nos textos dissertativo-argumentativos e ainda as relações estreitas e recíprocas que há entre a língua falada e a língua escrita. Além disso, constatou-se que os discentes, por falta de domínio e habitualidade com a escrita, incorporam em seus textos suas experiências com a fala.

IV) constatar se o parâmetro sexual (feminino e masculino) exerce influência no que diz respeito à apropriação de traços da oralidade nas produções textuais.

Segundo a dimensão diassexual (aluno X aluna), os alunos tendem a utilizar os traços de oralidade em suas produções textuais com maior incidência que as alunas. Dessa forma, a hipótese de que as mulheres se utilizam de variantes com maior prestígio social se confirmou também nesta pesquisa.

Baseado nos resultados alcançados, e, conforme dados constantes nas tabelas elencadas na análise dos resultados, constatando as marcas de oralidades nas produções tipológicas do gênero redação, a hipótese descrita anteriormente se confirmou. Dessa forma, os alunos trazem da sua estratificação social os traços linguísticos presentes em seu vernáculo para a escrita.

A fala e a escrita não estão dissociadas, mas se influenciam mutuamente e pertencem ao *continuum* linguístico.

Uma observação final deve ser feita: como se trata de um estudo pioneiro sobre o assunto, nesta perspectiva, alguns aspectos podem não ter sido analisados ou mesmo apontados. Ainda que aceitas possíveis falhas ou omissões, esta pesquisa pode despertar o interesse de estudos e de pesquisa similares porque, como se pode averiguar, ao longo desta dissertação, o fenômeno em estudo é um campo rico que pode ser ainda mais explorado por aqueles que se interessarem pelo assunto.

Diante da exposição e análise dos dados, esta pesquisa contribuiu, de certa forma, para o processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa através da produção textual.

As contribuições da sociolinguística sobre a dimensão diamésica são importantes no processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa, porque trabalha sobre a realidade do ensino da Língua Materna, levando em conta os fatores internos e externos, que influenciam o fenômeno da variação linguística. A variação linguística, como preconiza a teoria laboviana, é inerente a qualquer língua natural. Conforme Bortoni-Ricardo (2005), a sociolinguística veio para desmistificar a noção de erro tradicional, ao estudar de maneira científica o fenômeno da variação e da mudança linguística. Por isso, a compreensão do fenômeno da variação linguística é importante para a produção textual seja na modalidade oral, seja na modalidade escrita.

De acordo com Cagliari (2009), o discente precisa adequar seu discurso às normas estabelecidas em cada situação comunicativa, para que não conceba a linguagem escrita como sendo a correta, e a linguagem falada como sendo a confusa, incompleta. O professor e, consequentemente, os alunos precisam compreender o que propõe a perspectiva variacionista apresentada. Marcuschi (2010) considera que a abordagem variacionista ignora a visão dicotômica, defendendo, então, que fala e escrita apresentam: língua padrão, variedades não padrão, língua culta, língua coloquial, norma padrão e norma não padrão.

Finalmente, é necessário que, na escola, seja trabalhada a diversidade linguística paralela à variedade padrão da Língua Portuguesa. No percurso da escolarização, dependendo do trabalho realizado em cada instituição, novas habilidades devem ser adquiridas e/ou ampliadas, assim como muitas dificuldades devem ser sanadas durante o processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa, sobretudo, em relação à escrita e à oralidade. Em muitas situações, o alunado costuma produzir textos totalmente apoiados na fala, o que denota a falta de apropriação dos conhecimentos linguísticos que regem a produção escrita e sua adequação às diferentes situações comunicativas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Eianny Cecília de Abrantes Pontes e. Os processos referenciais na construção da argumentação textual: Um estudo do Gênero artigo de opinião. 2019. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós–Graduação em Letras - (PPGL) Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), 2019.

BAGNO, Marcos, **Nada na língua é por acaso:** por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2007.

_____. **A língua de Eulália:** uma novela sociolinguística. 17 ed., - São Paulo: Contexto, 2017.

_____. **Preconceito linguístico.** 56ª ed. Revista e ampliada. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BASTOS, L. K. **Coesão e coerência em narrativas escolare**s. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BAKHTIN, M. M. **Marxismo de filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BECHARA, Evanildo. Gramática escolar da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna:** a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola, 2004.

_____. **Nós chegamos na escola, e agora?** Sociolinguística & educação. São Paulo: Parábola, 2005.

_____. SOUSA, Maria Alice Fernandes. **Falar, ler e escrever em sala de aula:** do período pós-alfabetização ao 5º ano. São Paulo: Parábola, 2008.

CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetização e linguística. 11ª ed. São Paulo: Scipione, 2009.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística**: **uma introdução crítica**. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CAMARA JUNIOR, J. M. **Dicionário de linguística e gramática**: **referente à língua portuguesa**. 12. ed. Petrópolis: Voz, 1985.

CASTILHO, A. T. de. **A língua falada no ensino de português**. 1998 e 6. ed. São Paulo: Contexto. 2004.

_____. Português falado e ensino de gramática. Letras de hoje Letras *De Hoje*, *25* (1). Recuperado de https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/16140-1990.

CASTILHO, Ataliba T. de; CASTILHO, Célia M. M. de. Advérbios Modalizadores. In: ILARI, Rodolfo (org.) Gramática do português falado: a ordem. Campinas, SP: UNICAMP/FAPESP, 2003. v. 1.

CAVALCANTE, Mônica M. Processos referenciais e relações discursivas. /Comunicação apresentada por ocasição da XXII JORNADA NACIONAL DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS – Gelne. Maceió, 2004/.

COSERIU, Eugênio. **Lições de linguística geral.** Rio de Janeiro: Ao livro Técnico, 1980.

COSTA, Luciane Trennephol da. **Estudo do rotacismo: variação entre as consoantes líquidas**. Porto Alegre, 2006. 167 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós - Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

DUBOIS, Jean. **Dicionário de linguística**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2014.

FARACO, C. A.; TEZZA, C. **Prática de texto para estudantes universitários**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. C. V. O.; AQUINO, Z. G. O. **Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

FÁVERO, Leonor Lopes; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. Linguística Textual: introdução. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1988.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente:** a língua que estudamos a língua que falamos. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2011.

GRANATIC, B. **Técnicas básicas de redação**. São Paulo: Scipione, 1088.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Dicionário da língua portu**guesa. Rio de Janeiro: Objetivo, 2001.

KATO, Mary Alzawa. No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística. São Paula: Ática, 2003.

KOCH, Ingedore Villaça. Ler e escrever: estratégias de produção textual. 2ª ed., 6ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2021.

_____. **A inter-ação pela linguagem. São Paulo: contexto, 1987 e** 10. Ed. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. Argumentação e linguagem. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos.** Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo, Parábola, [1972] 2008.

_____ . **Estágios na aquisição do inglês standard.** In. FONSECA, M. S. V e NEVES, M. F (Org). **Sociolinguística.** Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

MACHADO, Ida Lúcia. Breves considerações sobre índices de modalização e práticas de Leitura. Caligrama, Belo Horizonte, v. 6, p. 63-77, jun. 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita:** atividades de retextualização. 10º Ed. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola ed. 2008.

_____. **Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras**. In: KOCH, Ingedore et al. Referenciação e discurso. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. Análise da conversação. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1997.

PATRIOTA, L. M. A gíria comum na interação em sala de aula. São Paulo: Cortez, 2009.

SAUSSURE, Ferdinand. Curso de linguística geral. 28ª ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola**: uma perspectiva social. 17. Ed. São Paulo: Ática, 2000.

SOUZA, Edson Rosa Francisco, **Linguística Textual:** Interfaces e delimitações: homenagem a Ingedore Grünfeld Villaça. 1ª ed. São Paulo: Cortez, 2017.

PRETI, D. **Estudos de língua oral e escrita**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

RAMOS, J. M. **O espaço da oralidade na sala de aula**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação: uma proposta para p ensino de gramática no** 1º e 2º do Ensino Médio. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2000.

URBANO, H. **Variedades de planejamento no texto falado e escrito**. In: PRETTI, D. (org.) et al. **Estudos de língua falada**: variações e conforme e confrontos. 2. ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

URBANO, H. **Marcadores Conversacionais. In: PRETI, D.** (org.) et al. *Análise de textos orais*. 6. Ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2003. V.1

VONOYE, F. **Usos da linguagem: problemas e técnicas na produção oral e escrita.** Traduzido por Clarice Madureira Saboia et al. 10. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

XAVIER, A. C. **Como se faz um texto: a construção da dissertação argumentativa**. São Paulo: Respel, 2006.

Translated with **www.DeepL.com/Translator (free version)**

ANEXO A- TEXTOS DOS INFORMANTES

Informante Masculino: 01 a 25;
Informante Feminino: 26 a 50

Informante 01- (R. O)

Persistência do racismo no Brasil é um problema muito presente, de fato, sim, o Brasil é um país racista, começando pela hierarquia mais alta, até as pessoas mais desprovidas. Racismo não se refere somente a cor de pele, o racismo pode ser praticado mentalmente, fora vários atos em que a pessoa nem percebe, como: Ficar com medo de ser assaltado apenas pela cor ficar falando sobre cabelo crespo, deduzir que uma pessoa é pobre, e um dos erros mais comuns de uma pessoa é esperar que alguém eduque sobre racismo. Falando estatisticamente, 70% das pessoas em situações de pobreza extrema são negros, apenas 8% dos jovens até 24 anos têm acesso à universidade são negros, e 59% das mulheres negras sofrem com violência doméstica. O racismo sendo um assunto “polêmico” e considerado um dos maiores males da humanidade. Tendo vários tipos de prevenção, o Brasil necessita de alguém podendo trabalhar e debater para prevenir o racismo no Brasil.

Informante 02 – (J. F)

O Brasil é conhecido pela sua grande cultura e uma população predominantemente miscigenada entre pretos, brancos e índios. Com uma porcentual de 46% de pessoas que não se consideram brancos, o preconceito e racismo com outras etnias e raças são comuns, presentes em piadas habituais, expressões diárias. Mesmo após a abolição da escravidão no Brasil no século XIX, o racismo é comum e, tragicamente, causa a morte de pessoas apenas por suas étnicas e religiões. A origem do racismo, vem desde os tempos da colonização europeia, onde os primeiros escravizados eram nativos da colônia e depois veio os africanos trazidos em navios tumbeiros da África. Os escravos eram usados nas lavouras como não de obra. Visto como mercadorias, eram expostos nos mercados de escravos, na qual eram

expostas nos mercados de escravos, na qual eram negociados e comprados para trabalhar em plantios. Sempre tratados como animais pelos seus senhores, recebiam péssimas condições alimentícias e higiênicas, sempre sofrendo punições severas se fizessem algo errado. Depois de três século de escravidão foi assinada a Lei Áurea, em que abolia totalmente a escravidão no país. Mas isso não ajudou a antiga população escravizada liberta, porque após o fim desse evento traumático que ocorreu a século não receberiam suporte do governo e vista ainda como "escravos" pela sociedade. Constantemente sofreriam preconceito, violência e falta de acesso a e que levaria infelizmente a criminalidade para sobreviver. Continuando sendo tratados como seres inferiores após a libertação, surgiram movimentos sociais em busca de igualdade racial e acabar com o racismo e serem aceitos. E que evoluiu ao decorrer do tempo. Nos dias de hoje o movimento antirracista cresce cada vez mais, mesmo apresentando falhas, conquistou inúmeras coisas a favor dos desfavorecidos socialmente. A introdução de cotas, o aumento de pretos e indígenas em universidades, etc., porém ainda a casos de racismo na sociedade, em que em questão de criminalidade um preto é bandido, ser parado pela polícia para ser revistado e ver não carrega objetos iligais, de estática, o preto tem cabelo duro de sua pele ser preta, de ser alguém com necessidade higiênica, ser comparado com um animal. Algo irreal para fazer a um humano, e infelizmente ser morto por ser o que é. Portanto, sim, o Brasil é um país racista. Mesmo tendo uma população majoritariamente miscigenada entre diversos tipos de etnias o racismo é presente na sociedade. O racismo no Brasil é algo inaceitável e deve ser combatido a todo custo, mesmo alguns considerando uma pequena piada ou expressão racista uma "brincadeira" ela pode incomodar e ferir alguém, como por exemplo a expressão "chuta que é macumba" uma expressão intolerante religiosa contra religiões de matriz africana.

Informante 03- (F. F)

O Brasil foi um dos últimos países a erradicar a escravidão como mão-de-obra trabalhista, e o que acontece em meio de 1888, somente à partir da

intervenção da Inglaterra. Nesse contexto demora para abolição deixou valores racistas e preconceituosos, que são persistentes hereditariamente, o que indica o racismo estrutural no Brasil. Segundo dados dos altos da violência, em 2017, 75,5% das pessoas assassinadas no país eram pretas e pardas. A chance de alguém negro ser vítima de homicídio no Brasil 2,5 vezes maior que um jovem branco, assim como a taxa de desemprego é mais elevado entre negros. A partir disso, demonstrasse que o legado histórico dos colonizadores nunca foi enfrentado, uma voz que essa situação só aumenta com o passar dos anos. A hereditariedade de valores também é um fator indicativo para ideias claramente racistas. De acordo com a Teoria Determinista de Friedrich Ratzel, o ambiente de convivência do individuo, determina seus valores e pensamentos, o que pode ser atribuído a uma parcela da população que penosa ser superior quando comparado com negros.

Portanto, medidas são necessários para resolver o impasse. A participação da escola e dos meio comunicação é de suma importância para um maior acesso de informações sobre como impedir o aumento do racismo uma vez que ainda vive-se, infelizmente, em um país racista.

Informante 04 – (L. A)

As pessoas crescem vendo uma grande diversidade de pessoas ao seu redor, cada uma diferente da outro, com a sua cor, raça e religião. O Brasil possui pessoas de diversos lugares do mundo, é muitas vezes ocorrem brigas entre as pessoas por não aceitarem o jeito diferente do seu próximo, nos dias atuais tratamos as pessoas negras como se fossem animais ou escravos, tudo apenas por sua cor. Isso ocorre também no dia a dia de diversas crianças que muitas vezes sofrem bullying dos colegas por sua cor, aparência, peso e altura. Mas as crianças não nascem racista, elas são influenciadas pelas pessoas que convivem ao seu redor. Através da sua criação desde de (*sic*) pequeno as pessoas são moldadas para se torna alguém no futuro, sendo ele bom ou ruim. Todos nós deixamos entender que cada um possui uma característica especial, e que isso não é um defeito é algo para termos orgulho. Não e porque a pessoa tem uma cor diferente da sua que ela deixa de ser humano, devemos

parar de julgar as pessoas só pela sua aparência, pois nem sempre a pessoa bonita aos olhos, e bonita por dentro.

Informante 05 – (J. S. P)

O Brasil está melhorando, no quesito igualdade racial, mesmo com essa melhora ainda há muitos casos de racismo, casos esses, muitas vezes omitidas da população. O Brasil em si, não é racista, mais as pessoas que o governam, essas sem, na maioria das vezes são racistas. Mesmo sendo um país, sem grande parte mestiço, existem pessoas que acham-se melhores do que outros, só por conta do tom de pela do nível social e etc..(*sic*) Cota racial, visa acabar com desigualdade social, e outros, mas a própria cota é desigual, poque (*sic*) cria cota para negros e pessoas de deferentes etnias? Isso mostra da desigualdade, pois não são apenas negros que tem dificuldades para conseguir emprego, forma se uma faculdade publica e etc...(*sic*). Todos enfrentam essas dificuldades, todos de classe média ou baixa.

Informante 06 – (A. P.)

O Brasil é, de fato, um país racista? Esse é sem dúvidas um assunto muito delicado, afinal de contas, devemos sempre olhar os diferentes pontos de visão em relação ao conteúdo, isso sem falar nos inúmeros icognitas que existem, são tantos fatores que existem que podem influenciar no resultado de uma opinião, ou seja, não tem como ter uma resposta definitivo sobre isso, mas, caso vermos apenas e minha opinião baseada no que eu sei podemos sim ter uma resposta resposavel (*sic*). Viu? Sem o contesto parecia racismo, mas com o contesto agora é só questão de raiva, é claro isso não é algo legal, mas, não é mais questão de pele. E claro, existem sim muitos casos de racismo no Brasil, mas existem sim casos no qual as pessoas apenas olham a superfície e ignoram os detalhes, não é sem que alguém é agredido que a justifica vai ser a cor da pele, ainda mais falando de Brasil. Nosso país é um dos países mais difersificados nesse mundo, passamos por enormes mixegenações (*sic*), somos que alguém e agredido que a justificou só a cor da pele, ainda mais falando do Brasil. Nosso pais é um dos países mais

diversificados nesse mundo, passamos por enormes mixagenações (sic) somos um povo tão misturado, que, idependente (*sic*) de nossas peles, conseguimos ser um povo muito amigável, o Brasil definitivamente não é um país racista, não muito pelo contrário, temos uma ótima situação social, principalmente quando paramos para olhar para outros países que se orgulham de sua pouca difersificação (*sic*), ainda tem outros que dividem as pessoas em comunidade de. Brancos e negros. Olhando tudo isso concluímos que o Brasil não é racista, diferente, o que temos em nosso país são casos de racismo, mas o Brasil em se não é nem um pouco racista.

Informante – 07 – (L. Q. M.)

O Brasil é um país racista? Sim. Na primeira novela do Brasil, os negros eram visto como inferior, e também não podiam ter papel de destaque e eram visto nas novelas como empregada doméstica morador da favela e como escravos e outros. No Brasil muito negros são discriminados e violentados. Na eleição muitas pessoas que são negras querem vender seus votos não sabem que um ajuda ter um mundo melhor e feliz

Informante – 08 – (G. M. A.)

Racismo é uma forma de preconceito contra pessoas por causa da sua etnia ou cor, e essa forma de discriminação pode ser direto ou indireta. O racismo possui

vários tipos que são: crime de ódio social caracteriza-se por ser uma forma direto de racismo com violência física ou verbal. Racismo institucional caracteriza-se por ser uma forma menos direto e a sua manifestação ocorre por meio de instituições publicas ou privada. O racismo estrutural caracteriza-se em uma forma mais fraco, pois esse racismo é produto atravéz (sic) de hábitos, costumes e falas podendo ser direta ou indiretamente. Esses tipos de racismo acontecem todos os dias no Brasil e isso acontece por vários motivos, o principal desses motivos foi a abolição tardio da escravidão e falta de amparo que fez com que ocorresse a marginalização dos negros fazendo eles irem morar em cortiços e favelas. Outros motivos é que racismo só foi vira crime no

Brasil em 1989 com a lei 77/6 e por essa lei ser tão recente a população ainda tem traços marcantes de racismo estrutural e ainda não entendeu que racismo é crime. Hoje em dia graça a internet a população negra tá tendo mais voz na sociedade ainda existe muitos casos de racismo, a solução para acabar de vez com o racismo é ensinar as gerações que não existe raça pura e que todos são iguais só assim podemos acabar com o racismo.

Informante 09 – (C. E. S. M.)

Apesar desse assunto ser bastante discutido na sociedade atualmente, É muito comum uma pessoa negra sofrem esse tipo de preconceito. Num país onde a maioria da população é negra, a realidade era pra ser diferente, afinal, todos nós somos iguais. Mesmo assim ainda quem jugue as características física de uma pessoa como se aquilo definisse ela é. Pessoas negras tem que conviver, desde o seu nascimento, com olhar estranhos e brincadeiras de mau gosto, como se já não bastasse todo o sofrimento que seus antepassados tiveram no tempo da escravidão. Pessoa são mortas diariamente devido sua cor, não só no Brasil como no mundo. Portanto, para diminuir os casos de racismo, é necessário orientar e conscientizar as pessoas da importância que essa causa tem na vida dos negros. Só assim fazemos um mundo melhor.

Informantes 10 – (K. D. C. B.)

É de conhecimento geral que, muitas pessoas no país e no mundo vem sofrendo racismo, afinal o que é isso? Racismo é uma série de preconceitos praticados contra uma pessoa pela sua cor ou raça. Eles são descriminados humilhados e frequentemente vítimas de violência são vários os que morrem assassinados por racistas ou até policiais. Hoje em dia são muitos os que lutam contra este ato. Pensando nisso a ONU (Organização das Nações Unidas). Na luta contra a discriminação racial no mundo foi criado o dia internacional de luta pela eliminação da discriminação racial que é comemorado no dia 21 de março. Foram muitos os que lutaram e os que lutam até hoje para que essas pessoas que sofrem isso sejam protegidos desses ataques. Para acabarmos com o preconceito racial temos que nos unirmos e estamos juntos nessa Batalha

como disso uma vez Barack Obama “A mudança não chegará se esperamos outra pessoa ou outro tempo. Somos nós mesmo que estávamos esperando. Somos a mudança que crescamos (sic) vamos vencer esta adversidade, basta mudarmos.

Informante 11 – (I. V. C. S.)

Para abordarmos um assunto tão delicado como o racismo precisamos primeiramente entender o que ele é, no conceito ele é a discriminação ou preconceito contra um determinado grupo, por causa de sua etnia ou cor, ele existe há muito tempo no Brasil e incita a desiguale social e a violência. Ele é só mais uma prova de que o respeito ainda não é comum, nesse país. Discriminação com povos como os negros e, índios ainda é vista somado com o julgamento da população, sem conhecimento nem base tirar conclusões, acabam por excluir e separar esses povos com o único pensamento de que eles são “margem” da sociedade. É um grande problema a ser enfrentado, considerando que boa parte da população brasileira, sofre ou já sofreu racismo. Um povo que sempre é lembrado, quando se fala neste assunto são os negros, pois vivem sob isso a século, desde os períodos coloniais, quando eram escravos e até mesmo depois de sua liberdade, quando de forma irresponsável se tornaram livres o governo não deu a devida atenção a sua educação resultado na marginalização que dura até hoje. Portanto, percebe-se a total falta de controle sobre isso desde os tempos passados até os dias de hoje. São necessários para que isso venha a ter um fim: políticas de aceitação, acolhimento as familiar excluídos, interesse pela causa e, acima de tudo respeito, empatia e muito amor ao próximo.

Informante 12 – (D. A. B. R.)

É comum vermos, transmitidos pela imprensa, multidões de brasileiros unidos na luta contra o racismo. Entre tanto, quando se observa quantidade de casos e os fatos geradores dessa conjuntura, percebe-se que o ideal defendido por essas respectivas pessoas que prezam pelos direitos iguais em protestos coletivos, não é visto na prática e procura-se entender de que maneira a

colonização histórica e a Ética hereditária influenciam na existência do racismo no Brasil. A escravidão no Brasil advinda da colonização portuguesa em meados do século XVI, influencia o caráter social dos brasileiros, especialmente dos brancos devido sua postura hierárquica, pondo, principalmente, negros africanos e índios como inferiores eles, nesse período histórico. Paralelo a isso está a ética hereditária que, basicamente, é o conhecimento moral passado, de geração em geração, pelo país, do que é certo e do que é errado. Nesse sentido, a sociedade tende a herdar um instinto de superioridade a outras raças como consequência de um passado no Brasil estão relacionados a negros, e os autores da discriminação, na maioria das vezes, são brancos. Este fato ocorre por diverso meios (verbalmente/redes sociais e outros) e em diferente lugares, como escolas, hospitais, ônibus, e o que mais afeta a vida do sujeito: em empresas e no trabalho (negar a contratação) O Brasil é, de fato, um país racista, porém, em grau inferior a outro países (como os Estados Unidos, por exemplo) visando estabelecer um equilíbrio social dos direitos iguais, é preciso, primeiramente, que a população ignore o passado e olhe para o futuro da nação , os país eduquem seus filhos adequadamente ensinando valores morais (todos somos iguais). O governo deve adotar punições mais rigorosas aos autores (ampliar condenação) e criar projetos escolares alimentam os direitos iguais e o respeito mútuo. Esses projetos funcionariam como uma disciplina, desde o primeiro ano nas escolas, ministradas pelos professores orientados e supervisionados por um profissional qualificado para esta causa. Portanto, criança e jovens cresceriam cientes de tal importância e posteriormente lutariam para fortificar, ainda mais a ausência do racismo no Brasil.

Informante 13 – (K. V.)

O racismo não é uma invenção que surgiu recentemente no Brasil. É um mal que sempre esteve presente na historia humana, seja na América do Norte ou do Sul, o racismo afetou muitas pessoas tanto no passado quanto no presente. É que agora ressurgiu e abalou novamente as Américas e consequentemente o mundo. Acredito que o Brasil não seja um país racista,

mas sim que há racismo no Brasil, assim como há o preconceito com outras diferenças das pessoas, como os gordos e os baixos. Também há o preconceito com a cor e a origem étnica de um grupo pessoas, os negros, que no passado enfrentaram barreiras que a sociedade os colocava. Eles foram agredidos humilhados, desprezados e alguns chegaram até a serem mortos apenas por ter a pele mais escura, ou seja, apenas por serem diferentes. Depois de tantas lutas tiveram seus direitos reconhecidos e o racismo enfim foi abolido. Mas atualmente o racismo que havia ficado calado por tanto tempo, não foi completamente extinto e mesmo havendo leis que o proíbem, ainda há pessoas que o praticam. Se ainda há pessoas racistas, então por que Brasil não é um país racista para responder essa pergunta é necessário analisar duas opiniões diferentes: a primeira delas é a opinião das pessoas que nunca sofreram racismo ou nunca ouviram falas de um caso de racismo envolvendo pessoas próximas a elas, e por não sofrerem ou não conhecerem ninguém que tenha sofrido elas acreditam que o mesmo não exista em nosso país, pois pensem ser algo que só acontecem nos Estados Unidos onde é muito frequente o racismo. E já a segunda, trata-se de pessoas que sofrem constantemente com o racismo e afirmam a sua existência, de acordo com os seus depoimentos é possível notar as injustiças sofridas por eles até mesmo por perto dos policiais (não todos, só alguns!) que deveriam garantir a sua segurança e não o contrário. Concluo que de acordo com as informações citada e principalmente o depoimento das pessoas negras vítimas do racismo existe, e está presente no Brasil. Não são todos e muito menos a maioria dos brasileiros que o praticam, por isso afirmo que o Brasil não é um país racista, mas que há racismo no Brasil! Para completar a minha afirmação posso citar a seguinte comparação: imagine que o Brasil é um paciente gripado e o racismo é o vírus que causou a gripe, se a doença não for trabalhada da maneira correta o paciente só irá piorar, e mesmo que o paciente se cure o vírus continuará a existir em seu corpo. O que quero dizer é que se o Brasil não temos medidas para lidar de maneira correta em relação racismo a situação do país pode piorar, e mesmo que o Brasil tome providências, o racismo

continuará a existir enquanto a ignorância existir no coração das pessoas. Seria esta ignorância, a doença que afeta o Brasil?

Informante 14 – (L. V. S. S.)

No Brasil, o racismo é um grande problema desde o memento que os portugueses chegaram ao Brasil. Tem o termo apartheid, que se refere a uma política racial que, tem sido utilizado para descrever diversos aspectos da desigualdade econômica, entre outros no Brasil, enrolado um paralelo com a separação de pessoas brancas e pessoas negras, sob o regime do apartheid. Com isso, temos o resultado da pesquisa que foi elaborada em 2008, que demostra, apesar de compor metade da população brasileira, os negros são mais do que 8% dos 513 representantes escolhidos nas eleições anteriores. Com os dados de pesquisa mensal de emprego em 2015, os trabalhadores negros ganharam, em média, 59,2% do rendimento que os brancos ganharam, o que também pode ser explicado pela diferença de educação entre os dois grupos.

Informante 15 – (S. C. M.)

Um dos maiores problemas sociais que o Brasil enfrenta atualmente é o racismo, que vem sendo acontecimento com mais frequência na sociedade. O racismo vem da ideologia que pessoas negras são inferiores, conceito vindo há mais de 3 séculos durante o período da escravidão e após o mesmo (*sic)*. O racismo é o preconceito com a cor da pele e a raça, pessoas racistas muitas vezes associam as características físicas de pessoas negras o algo negativo, discriminando e dificultando a integração de pessoas negras na sociedade. O Brasil têm (*sic*) aprimorado suas maneiras de amenizar a falta de inclusão de pessoas negras como exemplo. Em universidades, com a criação de cotas raciais que reservam vagas em vestibulares para pessoas negras, pardas e indígenas. Com isso, temos que há racismo no Brasil e que o dever como cidadãos é abolir essa prática, tendo que o racismo e a injuria racial são caracterizados como crime, além de ser um ato de ignorância e antipatia.

Informante 16 – (G. T. S.)

Sim, o Brasil é um país racista. Principalmente porque é composta por diversas culturas, religiões e raciais. O racismo no país está ficando cada vez mais preocupante, já que vêm causando violência e até mortes. A violência e morte por racismo cresceu muito nesses últimos anos e são causado (sic) principalmente por pessoas brancas e pardos com isso a população negra vêm sofrendo bastante em relação a emprego e varias outras oportunidades. A desigualdade de um ser humano para outro não está no aspecto físico e sim no psicológico, pelo motivo de pessoas brancos ainda em chegar pessoas negras como “escravos”. A palavra que define o fim do racismo no Brasil e no mundo é “igualdade”.

Informante 17 – (A. A. O. M.)

Todos sabem a resposta para essa pergunta, infelizmente o Brasil é sim um país racista, cheio de preconceito e discriminação. Os jornais e a internet sempre abordam sobre esse assunto, onde é possível ver tantos casos de racismo aqui no Brasil, como também em outros países, na verdade no mundo todo. Então surgem as perguntas: “o por que (sic) de tudo isso?”, “por que as pessoas agem dessa forma”?, “quando que isso vai acabar”?. E por conta de todos, esses casos, surgem as graves e manifestações, onde pessoas unem forças nas esperanças de acabar com toda a violência.

Informantes 18 – (A. L. Q. S.)

O racismo é algo que infelismente (sic) recorrente vermos. Mas no Brasil não é muito deferente (sic), nesses últimos meses podemos observar casos de racismo. O racismo com diferentes grupos etnícos (sic) – raciais existe. O Brasil é um país miscigenado, há uma mistura de raças. Quando nós deparamos com isso logo vem ideia de sermos uma nação que respeitam as diferenças etenica (sic) raciais, porém não é assim, pois nem todos tem esse mesmo pensamento, vindo tem o homem branco que se acha superior por ter uma pele branca, para ele o homem negro é visto de uma maneira inferior. Assim com esse pensamento surgi casos de racismo, que eles as vezes levam

a morte. Um país que há tantos negros e diferentes étnicos-raciais ainda tenham que sofrer racismo por pessoas ingnorantes (sic), pois afinal vidas negras importam.

Informante 19 – (J. K.C. S.)

O Brasil é um país racista. Por mais que o racismo no Brasil tenha diminuído bastante com o decorrer dos tempos, ainda são vários os casos de violência, seja física ou verbal, que as pessoas negras sofrem diariamente hoje em dia. Exemplo de casos em que negros são menosprezados pela sociedade brasileira, são nas oportunidades de emprego, em que menos da metade das pessoas contradas (sic) são negras. Além desse exemplo, existem outras situações gritantes em que claramente os negros são desvalorizados, como na. Saúde pública e privada, em que brancos são os privilegiados. Dentre esses vários casos, se manifestam não só o preconceito e a injuria racial, mas também a existência de uma estrutura que gera a violência policial, a desigualdade social e as destoantes oportunidades reservadas a brancos e negros no país. O bom é que, finalmente, esses tipos de casos começaram a gerar, dentro da sociedade, repúdio por esses atos, e houve também o aumento da consciência coletiva a respeito do fato de que o racismo existe e precisa ser combatido de forma urgente.

Informante 20 – (W. B.)

O racismo é só mais um de diversos problemas no Brasil. Mesmo com muitos acreditamos na inexistência é trato como se fosse algo que foi tratado no passado. O racismo se manteve de pé sempre, infelizmente. A última nação ocidental a conceder aos escravos, a lei Aurea de 1888, buscou construir respeito das diferenças (sic), só que essa lei não pós fim no sofrimento dos negros, aquela só era o começo de tudo, assim ficaram extremamente desnaturado sendo forcados e trabalha sem dinheiro nenhum em troca para sobreviver. Automaticamente o país tentou criar uma autoimagem mais a realidade mostra que não conseguiram. Só lembrando que no Brasil os maiores números de pessoas mortas ou desempregadas são negros e isso é um

absurdo e do jeito que vem sendo tratado está bem longe de um fim. Em um país onde o seu tom de pele é mais importante que o seu caráter. Em um país que os negros sofrem e os brancos são previlegiado (sic), sim, os brancos são previlegiados (sic)

Informante 21 – (V. B. M. L.)

O racismo é um problema social enfrentado mundialmente desde os tempos mais primitivos da humanidade. No Brasil, mesmo após a abolição da escravidão, em 1888, o preconceito racial ainda é existente, e conseguimos enxerga-la (sic) em diversos ambientes e situações, todos os dias na nossa sociedade. O termo racismo está diretamente ligado a escravidão, com isso percebemos que o termo em si tem ligação cultural e histórica, onde os pretos eram vistos como inferiores e esse legado é levado até os dias atuais e está presente em diversos brasileiros e no Brasil em si, resultado do Brasil colônia. Podemos afirmar que o Brasil é um país racista e podemos perceber que ele está presente na nossa sociedade diariamente, com diversas informações, como a internet, fica mais fácil perceber que esse cenário existe e há diversos fatos que comprovam isso. O racismo pode ser resolvido de modo fácil através da conscientização, por meio de acompanhar e por meio de leis, todas essas coisas são necessárias para tentarmos solucionar esse problema, a sociedade precisa abandonar essa problemática e começar a mudar rapidamente.

Informante 22 – (J. N. L.)

O racismo é um dos principais problemas sociais enfrentados nos séculos causando, diretamente a exclusão, a violência e a desigualdade social. Manifesta-se de diferentes maneiras, fazendo vítimas todos os dias. O fato é que sim, ele existe e se mostra cada vez mais presente em nossa sociedade. Ele tem sido um grande problema desde os tempos da escravidão e a era colonial. Hoje em dia muitas pessoas lutam contra racismo, mas mesmo assim (sic) encontro alguns fatos que comprovam a persistência dele no Brasil. Como a injuria racial e o preconceito nas redes sociais, muitas pessoas usam por meio da internet exibir e publicar postagens com conteúdos ofensivos e discriminatórios. Outro fato para refletir é a quantidade de líderes negros, pois

em certas situações apenas eles poderiam atentar e entender. Existem outros fatores que comprovam o quanto nosso país ainda é racista, não só em nosso país mais em vários lugares ainda à este (sic) problema. Mesmo assim não devemos desistir e continuar na luta, pois todos somos iguais e merecemos respeito.

Informante 23 – (H. B. N.)

O racismo no Brasil é reflexo do passado escravocratas. Sendo assim atualmente ocorre um processo racismo estrutural assim acarretando: violência e desigualdade entre as raças. Dentro desse contexto cabe estudar profundamente essa problemática e buscar mecanismo para resolver. O racismo no Brasil inicia-se na colonização tendo em vista que os escravos africanos eram vistos de forma preconceituosa e subjugada pelos senhores de egenho (sic) a questão histórica permanece presente nos dias atuais (sic), sendo assim a diferença salarial entre negros e brancos. A diferença de acesso em universidades e empregos isso se chama o racismo estrutural porque embora tenha igualdade jurídica existem mecanismos informais de discriminação que dificultaram o acesso a oportunidades de qualificação e isso pode causar o resultado de um país restrito de valores escravocratas apesar de que 50% da população são pobres e negros. O ataque físico e verbal sem a pessoa negra ter feito nada chama-se racismo direto, isso tem acontecido diariamente no Brasil e tanto no racismo estrutural ou racismo direto muito das vezes. Tem brigas as vezes até morte. Portanto vivemos em um país que tantas pessoas são ignorantes, não por falta de estudo mais por ignorância quanto ao respeito com as pessoas que vivem e trabalham ao seu redor, humilhando as mesma (sic) por sua raças, cores. Cabe a cada um sabe respeitar e valorizar as pessoas porque todos merecem igualdade, emtão (sic) sim na minha opinião o Brasil é um país racista.

Informante 24 – (M. K. B. S.)

O Brasil é, de fato, um país racista? Na minha opinião não o Brasil em si, mais a maioria da população sim, o Brasil tem leis que serve tanto para

pessoas com pele clara tanto para pessoas com pele escuras. A lei brasileira não descrimina (sic) o negro do branco, a lei é para todos, não importa se é negro ou branco, amarelo ou azul não importa, a lei diz que os direitos são iguais tanto para pessoas com pele escura e clara. Mas a maioria da população são sim racista ficam fazendo brincadeiras de mal gosto com as pessoas de pele escura, até mesmo com as pele clara. Mais (sic) os negros são que mais sofre, são os que mais são julgados pela sua cor, eles são chamados de ladrão, bandido, assassino, negro, seu preto e etc (sic). O Brasil não é de fato um país racista, mais a maioria da população é. Eles (a) descriminado (sic) os negros de toda formas (sic), brincadeira, zoação (sic) no trabalho, em casa, com os amigos etc...

Informante 25 – (H. S. A)

O Brasil é de fato ainda é um país racista, o racismo na sociedade brasileira vem de muitos anos e sua principal raiz é a escravidão, as pessoas Negras estão mais expostas a violência e são minoria entre formados no ensino superior. No documentário “o caso do homem errado” o documentário brasileiro conta sobe a história de um operário negro que foi confundido com um assaltante e executado por policiais militares essa história evidencia a desigualdade ainda presenta no cenário brasileiro e representa a invisibilidade da formulação negra. Segundo o fórum brasileiro 70% da vítimas (sic) de homicídios são negras essa porcentagem mostra o quão o racismo ainda esta presente na sociedade brasileira. Os negros ainda são minoria entre formados no ensino superior, a política de cotas ajudou muito a integrar pessoas de outras raças, essa política é muito usada em vestibulares e concurso público. Levando-se em consideração esses aspectos é perceptível que o Brasil é sim de fato um país racista e ele ainda esta muito presente na sociedade atual.

Informante 26 – (D. I. P. M.)

Racismo é o nome a discriminação e preconceito com um indivíduo devido a sua etnia ou cor. No Brasil, as manifestações racistas atingem principalmente negros, indígenas e asiáticos. Algumas racistas foram tão

repetidas ao longo do tempo, que passaram a ser vistas como algo normal do cotidiano. O racismo está presente desde a fundação do nosso país e o chamado “Racismo estrutural” nos mostra isso. Expressões como “Lista negra”, “A coisa tá preta”, “Mercado negro”, “Denegrir” e “Cor do pecado” são expressões de termos, frases e piadas racistas tão antigas que nem sabemos de onde viemos e como começamos a se espalhar. Frases que são usadas até hoje para de forma sutil, espalhar um discurso de ódio que não pode mais ser aceito nos dias atuais (sic). A primeira coisa que podemos fazer para tentar mudar essa situação é falar sobre isso e dar voz aos negros, pretos e pardos, para todo o país consiga ouvi-lo e reconhecer o racismo estrutural presente em nossas atitudes e, então muda-las.

Informante 27 – (T. P.)

O racismo no Brasil infelizmente, ainda persiste, todavia muitas vezes camuflado. É um grande problema desde a era colonial e escravocrata, onde milhares de negros e indígenas foram executados ou escravizados pelos próprios colonizadores portugueses por simplesmente terem suas culturas, cor de pele aparência física ou religião diferentes (preconceito). No Brasil, a população se resulta em uma mistura de Etnias e Raças, isso contribui com que tenhamos uma cultura diversificada. Dentre essa diversificação cultural temos os negros que constituem estimotivamente (sic) 56%da população (incluindo pardos). Segundo demasiadas pesquisas ainda são maioria nos índices de alfabetismo, desemprego e menor renda mensal. Isso ainda é restilado da escravidão, aspectos passados infelizmente acabam interferindo atualmente. Existem diversas campanhas realizadas pelos brasileiros (geralmente influenciadores digitais) contra o racismo, com o intuito de conscientizar-nos sobre isso mesmo com todos esses fatos ele ainda não chegou ao fim (sic) completamente em nosso país, apesar. De ter sido um dos países destaques do racismo na era colonial. Contudo essas campanhas, manifestações e leis contribuem para que inexista qualquer respectiva relação negativa ao racismo.

Informante 28 – (A. L. R. S)

Bom, como vemos, não existe só nas reportagens, nos jornais ou na internet, e sim, existe em todos os alugares, inclusive no nosso dia a dia, o racismo está presente no Brasil e nas pessoas, porém o fato de as pessoas, ou seja, os brasileiros serem racistas, é o que leva o Brasil a ser considerado um país racista. O fato de uma pessoa ser de outra raça, de outra cultura, ou o fato de ela. Ter a pele escura, e certo essa pessoa ser olhada com diferença por onde passa? É certo ser tratado com desigualdade? É certo ela ser xingada, ser agredida, o até mesmo ser morta, apenas pelo fato de ela ser quem ela é? Assim é o Brasil. Na minha opinião, com diferença ou não, todos somos seres humanos iguais, e devemos ser tratados de maneira igual, sendo respeitados, podendo ser livres e despreocupados em andar nas ruas sem ser espancados ou mortos por pessoas que não aceitam a cor ou a cultura das outras. Pois é a diferença que nos faz ser quem somos, e devemos respeitar as diferenças de todas as outras pessoas.

Informante 29 – (M. P.)

O Brasil tem uma sociedade a qual tem-se uma estrutura racial, sua principal raíz (sic) é a escravidão em pleno século XXI, as pessoas têm atrocidade de cometer o racismo, que por lei é crime. Pessoas negras são desfavorecidas por sua cor muitas delas são mortas, agredidas e humilhadas, apesar da lei ter ido criado em 1989, muito dessas pessoas não são aparadas como deveriam. Por conta de seus desfavorecimentos (sic) econômico ou até mesmo por medo de denunciar seu agressor. São visíveis os avanços ocorridos devido as políticas que pretendem promover a igualdade racial. Porém, ainda fica evidentes a necessidade. O governo deveria investir no ensino escolar público, no qual a maioria dos alunos é negra, além de conscientizar as pessoas sobre não prática o racismo e respeito à (sic) todos.

Informante 30 – (A. C.)

Sim, o Brasil é um país racista. Não tem como abordar essa questão. Nem discutir soluções aos problemas sem que ela assuma isso de forma clara

e direto, há vários exemplos brasileiros de como o racismo opera no Brasil, casos em que se manifestam não só o preconceito e a injuria racial, o racismo no Brasil é conformado por mais de três séculos de escravidão e por teorias realistas que fizeram parte de construção idade nacional. O racismo é o ato de discriminar, ou seja, fazer distinção de uma pessoa e por associar suas características físicas e étnicas, segundo o IBGE metade da população, são pardos e negros, os brasileiros são hipócritas, e o racista é sempre o outro. O racismo só vem crescendo cada vez mais em nossa sociedade, existem atos de violências, tanto físicas quanto verbais. Mesmo existindo leis contra essa maldade, mais ainda sim, não esta totalmente combatido, pessoas que sofrem racismo precisam de apoios psicológicos, pois as pessoas se sentem mal a ponto de desenvolver a depressão e ansiedade, tudo isso como já disse nãos é de agora, vem desde a época do Brasil colônia, onde os escravos e africanos já sofriam preconceitos por causa de suas etnias e assim tudo isso gera um bom debate e discussão sobre belas leis a serem cumpridas.

Informante 31 – (A. Y. S. L.)

O Brasil é um país com uma enorme diversidade que se deve tanto ao seu processo de colonização quanto as imigrações que ocorreram até os dias atuais. Porém, mesmo com tamanha diversidade é um país racista. Ao analisar o contexto social do Brasil, pode-se perceber que há uma divisão muito forte e clara dos grupos sociais, onde um grupo é mais favorecido e privilegiado do que outros, e dentro desses grupos de minorias desfavorecidos, pode-se conter com as pessoas que sofrem por questões étnicas e raciais. É possível enumerar diversos contextos onde ocorre uma distinção dessa minoria em relação a outros grupos. Como em casos de violência policial, onde negros são os maiores alvos. Na população carcerária, onde quase 70% dos presidiários são negros, entre diversos outros casos. Conclui-se que, apesar do Brasil ser um país com tamanha diversidade, ele é um país de origens e estruturas racistas.

Informante 32 – (K. V. F. L.)

O racismo é um assunto que tem sido muito debatido e fundamentado no Brasil. contudo ainda há uma grande intolerância quanto ao racismo entre as pessoas. Infelizmente eles ainda não aprenderam a lição de casa que é em primeiro momento ter respeito para com os nossos próximos, sendo assim a coisa possa a ter outros rumos bem diferentes do que seja necessário e legal para a comunidade local ou regional. Vivemos em um país que são tantas pessoas ignorantes, não por falta de estudos, mas por ignorância quanto ao respeito com as pessoas que vivem ao redor, humilhando as mesmas por suas raças, cores, talentos ou até mesmo as suas funções que exercem dentro de suas comunidades, criticam os mesmos diariamente, com isso há muitas confusões, porque tem gentes que não vão ocutar (sic) tais deboches mesmo à toa. Cabe a cada cidadão fazer a sua lição de casa, saber a respeitar as pessoas da forma que são idependente (sic) de suas escolhas pessoas de vidas. Cada pessoa tem seu ponto de vista de mundo diferente, nesse caso seja necessário, que entendamos as suas particularidades em geral. Todos nasceram com seu destino diferente, com isso devemos nos despertar mais atenção a esses casos e valorizar mais a cada um, ninguém pode passar igual na vida, todos são livres em suas escolhas e ações, desde que não passa atrapalhar o seu próximo, viva a sua vida da maneira que achar que deve ser vivida. Vamos nos valorizar a cada individuo da maneira que eles vão. Vamos nos unir para termos um mundo bem melhor a cada dia e não sou racista e detesto que é...

Informante 33 – (K. S. L.)

O racismo é uma forma de preconceito maldoso que atinge uma grande parte da população. O preconceito pode ser de pretexto para motivar agressões físicas ou verbais. Com a chagada do século XIX e a abolição da escravidão; o racismo não acabou. Ex-escravos que, do dia para noite perderam condições mínimas sendo a moradia e a comida. Contudo, no século XX foi aplicado a lei da discriminação conhecida como “lei antirracismo e em pleno século XXI, ainda existe pessoas racistas. Grandes exemplos como:

cabelo, intolerância religiosa; deduzir que uma pessoa é simples ou pobre; tratar um negro como exótico, desigualdade nas cotas. O objeto “Brazil” (sic) não é racista e sim as pessoas; o combate ao racismo deve ser uma luta diária.

Informante 34 – (M. S.)

É notório que o racismo faz parte da estrutura da sociedade brasileiro. Diante disso, foram criadas políticas que procuram combater a desigualdade social dos negros, uma delas é a lei contra o racismo. É valido ressaltar a participação dos negros na política que segundo a Revista Congresso em Foco, apenas 3% dos políticos eleitos em 2014 se declaram negros. Significa dizer que a política brasileira, ainda é dominada por indivíduos brancos. Por conta dessa grande, são ignoradas algumas vivencias nos quais somente a população negra se atentaria. Ademais, destaca-se a concepção da mídia em aos personagens negros que na maioria das vezes, estão ocupando papeis de bandidos. Favelados, domésticas, entre outros. Esse fato propõe que os negros tem (sic) menores oportunidades em relação aos brancos em todos os setores, como segurança e saúde. Dessa forma, são visíveis os fatos que demonstram bem o racismo no Brasil. É necessários investimentos do governo em propagandas sobre o tema, com o objetivo de conscientizar a população sobre racismo, assim diminuindo os casos pelo país. Ademais, é necessário a modificação da lei tornando os crimes de Injuria Racial mais graves as incluindo esses crimes, como racismo.

Informante 35 – (J. N. L.)

O racismo é um dos principais problemas sociais enfrentados nos séculos, causando, diretamente a exclusão, a violência e a desigualdade social. Manifesta-se de diversas maneiras, fazendo vítimas todos os dias. O fato é que sim, ele existe e se mostra cada vez mais presente em nossa sociedade. Ele tem sido um grande problema desde os tempos da escravidão e a era colonial. Hoje em dia muitas pessoas lutam contra o racismo, mas mesmo assim (sic) encontro alguns fatos que comprovam a persistência dele no Brasil. Como a injuria racional e o preconceito nas redes sociais, muitas

pessoas usam por meio dá internet exibir e publicar postagens com conteúdo ofensivos e discriminatórios. Outro fato para refletir é a quantidade de líderes negros, pois em certas situações apenas eles poderiam atentar e entender. Existem outros fatos que comprovam o quanto nosso país ainda é racista, não só em nosso país mais em vários lugares ainda a este problema. Mesmo assim não devemos desistir e continuar na luta, pois todos somos iguais e merecemos respeito.

Informante 36 – (S. L. S.)

O racismo consiste no preconceito e na discriminação com base em percepções sociais baseados em diferenças biológicas entre os povos. Desde o tempo colonial brasileiro, os portugueses já buscavam nas pessoas negros a mão de obra escreva para exerceram tais ações de trabalho. Logo após isso o tráfico negreiro veio a tona. No Brasil os negros eram obrigados a trabalharam com abusos e violências, e isso, estabelecia uma condição de vida deplorável a eles. Em meio a essa exploração a mão de obra negra foi exageradamente utilizada em atividades como a mineração e outras atividades agrícolas. Do século XV ao século XIX, a escravidão foi responsável por todo continente americano. Vários indivíduos não sobrevivem devido aos maus tratos da época e ainda hoje esse acontecimento deixa marcas em nossa sociedade e disso podemos destacar como o princípio do racismo. Até os dias de hoje, ainda presenciamos atos de pessoas que rebaixam aqueles com cor de pele escura. Vão desde comentários maldosos até agressões e humilhações publicas. Em uma entrevista Tamie Delsin fala: “Eu fui tratada como negra antes que eu pudesse entender o que isso significa, a negritude da nossa fisionomia chega aos racistas antes de nós e sempre é custo como algo ruim...” Contudo, sobretudo isso, podemos perceber que sim, o Brasil, de fato, é um país racista. E precisamos lutar contra isso, pois todas somos iguais e temos os mesmos direitos de igualdade.

Informante 37 – (R. L. F. N.)

Isso é uma questão que ainda deve-se levar em conta, principalmente pela forma como ocorreram os fatos nos últimos casos envolvendo o racismo, desde o Brasil até países afora, como no caso de George Floyd, a forma pela qual morreu, conseguiu pautar uma questão muito importante referente a atitudes racistas contra negros. Por muitos anos, negros lutam pela igualdade, perdendo-se muitas vidas até conseguir respeito, mesmo em dias como os de hoje, tudo ainda mais moderno e até mesmo mais "liberal", digamos assim, contudo isso não anula as expectativas do preconceito acontecer, desde a forma como vê-se uma pessoa vestida com tal roupa até a violência física, chegando até mesmo a matar. O racismo pode-se ser denominado uma forma de pré-conceito, ocorrendo de uma raça acima das demais, para muitos é ocorrente apenas a pessoas negras, o que não deixa de ser verdade, contudo, é sempre bom saber como é sua definição. De todo modo, apesar de suas diferenças com relação ao que pessoas negras sofrem todos os dias, a luta pela igualdade entre as raças continua fortalecendo-se ainda mais a cada dia.

Informante 38 – (L. Y. P. C.)

O racismo é um problema social que existe desde a fundação do nosso país (Brasil). É um legado da era colonial estabelecida pelos colonizadores portugueses. Na colonização portuguesa, a escravidão de negros era algo frequente e que gerou grandes lucros aos portugueses. O que findou a escravização foi a lei áurea, criada pela princesa Dona Isabel, que concedia liberdade total aos escravos que ainda existiam no país. O preconceito racial persiste na sociedade brasileira, porém, é um assunto na maioria das vezes ocultado. Os negros no Brasil são os que mais morrem assassinados e são as maiores vítimas de violência, devido a cor de sua pele e até mesmo pela sua situação socioeconômica. Há várias situações em que o racismo é presente, como por exemplo: nas entrevistas de empregos; nas abordagens policiais; pouca quantidade de negros na política; a falta de pesquisadores negros nos quadros das principais universidades públicas e centros de pesquisas do país; ect. No Brasil, há várias expressões racistas comumente utilizadas pelas

pessoas, como: “lista negra, ovelha negra, mercado negro, magia negra”, nessas expressões a palavra “negra” significa algo desagradável, prejudicial e ilegal “cor. Do pecado” utilizada como elogio, se associa ao imaginário da mulher negra sensualizada; “a coisa tá preta”, a fala racista se reflete na associação entre “preta”, a fala racista se reflete na associação entre “preto” e uma situação difícil; “Denegrir” é o mesmo que difamar, possui na raiz o significado de tornar negro, como algo maldoso e ofensivo. É preciso lutar para colocar um fim definitivo nessa prática criminosa que vitima muitas pessoas no Brasil e no mundo todos os dias. A alternativa e empatia tem ser algo mais presente no nosso cotidiano, uma das maneiras mais simples de se lidar com o racismo no dia a dia é escrever mais simpatia pelo próximo, independentemente da cor da pele. Essa é uma forma de se atentar para as negligências e sofrimentos vivenciados pelo outro e então refletir sobre suas próprias atitudes.

Informante 39 – (G.P. S.)

Com frequência, debate-se muito a respeito ao racismo não apena no Brasil mas no mundo. De fato, algo muito questionável, pois pela historia o Brasil sempre foi ocupado pelos negros então como cheguemos a esse ponto e como as próprias pessoas negras se sentem em relação a isso. Primeiro de tudo, a palavra “negra” em si é uma forma é uma forma onde se refere a estas pessoas, pois se buscar nessa palavra remete a coisas ruins (magia negra, peste negra) com isso o certo seria o adjetivo “preto (a)”. Recentemente, tem acontecido diversas ondas de manifestações em luta da vida dos pretos, de acordo com o instituto brasileiro de geografia estatística (IBGE) é muito ver pretos sendo juízes, advogados, engenheiros e etc. Claramente, mesmo sendo maioria, se não fosse essa luta das pessoas pretas, por conta da supremacia branca, eles não estariam mas neste meio, e a minoria que tivesse seria menosprezado. A filósofa e escritora Djamila Ribeiro define assim o comportamento do brasileiro em relação ao racismo: todo mundo sabe que existe, mas niguém (sic) acha que é racista. Com isso ela quis dizer que mesmo sabendo a causa, sabendo sua luta, pequenos atos racistas que você

pratica você se torna um dos ignorantes que você e intolerantes dizendo por fora que “não foi nada”, o que leva a violência de bullying, mais tarde exclusão e mais tarde a violência. Para evitar esse tipos de situação, a educação, saber o porquê de suas lutas, conhecer, apoiar causas e manifestações, levam muito mais pessoas a se juntarem porque o que eles querem não é superioridade, mas sim igualdade. Com isso, vemos que as pessoas pretas apesar de toda sua trajetória de tempos passados sofrendo com racismo e escravidão, ainda são pessoas boas, batalhadoras e que apenas buscam pelo direito de viver bem, pelo direito de serem quem são e serem livres. Respondendo a pergunta o Brasil é sim um país racista e com pessoas que veem essas situações e agem de cegos perante ela, porém ainda há uma grande maioria de pessoas pretas lutando para eliminar todo e qualquer tipo de pensamento ruim e o preconceito.

Informante 40 – (M. T. P.)

Em uma pesquisa feita por impresa (sic)competentes, dizia que 61% das pessoas acham que o Brasil é sim, racista. E no nosso país o racismo é visado por muitas pessoas, por serem, pardos negros e mertiços (sic), assim como os descendentes afro-descendentes (sic) que lutam para ter o espaço no mundo e o direito de viver sem racismo, sem guerra. Porém, nesse século muitos negros são ainda espancados, torturados, menosprezados ou até mortos, e de fato, várias ocorrências de pessoas, principalmente (negras) sendo maltratadas por pessoas do alto escalão (brancas) acontecem todos os dias em todos os lugares do mundo, isso não é mais novidade. Antigamente no Brasil, as causas do racismo poderiam ser pela longa escravização de povos de origem africana que aconteceu na era colonial, assim naquele tempo alguns anos depois a escravização acabou e foi aí que o racismo nasceu. Mas também, não existiam racistas que falavam apenas da cor da pele é, sim imigrantes que vinham de outros países e que sofrem alguns ataques. Devemos ter bonsenso (sic) para combatermos estes desrespeitos a essas pessoas pois somos todos iguais e eles não tem (sic) culpa de terem nascido assim. Se ame primeiro antes de julgar os outros.

Informante 41 – (N. S. S.)

O Brasil é de fato uma país racista? A população brasileira é composta por uma rica miscigenação, fazendo parte desta miscigenação indígenas, portugueses, europeus, e povos africanos, negros. Porém, há não só no Brasil, mundo todo, há um grande problema que afeta bastante a população negra, o racismo. O racismo é a descriminação e/ou exclusão devido a cor de pele e classe social. No Brasil, o racismo está presente de diversas maneiras infelizmente, há desigualdade social, preconceito racial, racismo institucional, dentre outros semelhantes. Por muito tempo, antes das leis de cotas, haviam (sic) locais que eram exclusivamente elite, as universidades por exemplo, era baixíssimo o número percentual de negros que tinham acesso a um curso superior ou qualquer outra especialização. Segundo o IBGE, em 2016 os autodeclarados pretos e pardos ainda eram maioria nos índices de analfabetismo, desemprego e extrema pobreza. Devido a isso e avarias outros fatores isso acabou trazendo problemas e contribuindo para as diferenças em vários aspectos. Principalmente vindo de instituições privadas do Estado, exemplo que podemos citar são as abordagens policiais, desconfiança de índole e dentre outras. Hoje em dia existem várias leis em defesa dos negros, leis que por vezes funcionam, como a lei Federal de 1988 que tornou o racismo um crime inafiançável, a lei Afonso Arinos (1951) que torna contravenção penal de recusar a receber, hospedar, atender, servir, receber cliente, comprador ou aluno por discriminação racial. Contudo os negros sofrem diariamente e lutam constantemente por respeito, o ideal seria a conscientização de todos os atos racistas contra eles e o respeito que é obrigatório a qualquer pessoa, independentemente de cor, classe social, religião, sexualidade e etc.

Informante 42 – (G. T. F.)

O racismo no Brasil é só mais de diverso outros problemas que o país trata com invisibilidade. Mesmo com muitos acreditando na inexistência e tratando com algo que ficou no passado, o racismo se manteve enraizado e bem visível no nosso coitidiano (sic). Primeiramente, verifica-se que a lei Áurea

não pós fim ao sofrimento dos negros e sim ao começo, pois ficaram totalmente desnaturados sendo forçados a trabalhar sem ganho em troca de suprimentos para sobreviver. A partir disso iniciou-se a luta por direitos iguais tantos para negros quanto para brancos. Apesar de anos debatendo esse assunto nos dias atuais (sic) continua sendo um enorme desafio. Ademais o país busca criar uma autoimagem (sic) mas a realidade mostra ideias contrárias, com isso acaba de destruindo cada vez mais. É importante lembrar que o maior número de pessoas mortas, presas e desempregadas é da população negra. O Brasil é sim um país racista e tudo isso está interligado as exclusões, preconceito e inferioridade. É triste pensar que a injuria racial nos modos que vem sendo tratado está longe de um fim. Portanto, em um país onde negros, pardos, mestiços e afrodescendente sempre estão ocupando papel de bandido e doméstico; onde possuem oportunidades menores em relação a brancos; onde a cor da pele é sempre vista com algo ruim. Ignora esse debate antigo e quanto é mais uma manifestação do próprio preconceito, por esse motivo a sociedade chora em busca de políticas juntas para todos.

Informante 43 – (H. G. S.)

Promulgada pela ONU em 1948, a Declaração Universal dos Direitos Humanos garante a todos os indivíduos o direito à seguranças e ao bem estar (sic) social. No entanto, a extrema discriminação racial presente na sociedade brasileira dificulta que boa parte da sociedade brasileira desfrute desse direito universal na prática. Diante disso, não há dúvidas de que essa injustiça é um desafio no Brasil, o qual ocorre, infelizmente, pelo péssimo contexto histórico do país. O termo “racismo” ficou conhecido nacionalmente entre os anos de 1539 e 1545, com a chegada de cerca de cinco milhões de africanos traficados pelos portugueses. Em 1888, foi promulgada a lei Áurea, que dava, finalmente, liberdade aos escravos de toda região nacional, porém, a lei apenas. Proibia o uso de mão de obra escravo, não os incluindo na sociedade. Apenas em 1989, pouco mais de cem anos depois, foi sancionada uma lei que tipifica como crime qualquer manifestação, direto ou indireto, de segregação, exclusão e preconceito com motivação racial. Ainda assim, há quem digo que o

preconceito contra pessoas negras não é um problema ou até inexiste como algo que fere os valores dessa população. O Brasil é considerado um dos países mais racistas do mundo, mesmo com tantas misturas de etnias. De acordo com uma pesquisa feita entre 2017 a 2018 pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 75% da pessoas mortas em intervenções policiais na última décadas eram negras, e dados de IBGE divulgada em 2019 mostram que trabalhadores brancos possuem renda aproximadamente 74% superior em relação a pardos e pretos. Diante de fatos históricos e dados apresentados, é inadmissível aprovar comentários que contrariem a existência da extrema desigualdade racial que mancha o Brasil, tornando, de fato, um país racista. Convém, portanto, a todos nós como sociedade, aceitarmos sem negacionismo a realidade sócio racial em que ouvimos, tendo assim consciência em fazer diferença, e influenciar outras pessoas ao mesmo, buscando interromper o cenário racista em que vivemos.

Informante 44 – (E. S. B.)

Sim, o Brasil é um país racista, pois nele é o que mais acontece casos de racismos. Em 2020, foi um ano em que eu mais vi esse tipo de ato, foram muitos acontecimentos. Pessoas sendo humilhadas, mortas e espancadas, a maioria desses casos acontecem com as pessoas negras e pardas, pelo fato da cor ser diferente ou classe social ser mais estável do que de outros, acham que podem fazer esse tipo de coisa. Aconteceu um fato bem triste com um rapaz, que estava trabalhando, sua função era de entregador de delivery. Um certo dia ele foi fazer uma entrega em um condomínio, chegando ao ponto da sua entrega, foi recebido por um homem sem escrúpulos, ele foi humilhado com palavras ofensivas, foi agredido e o cara (sic) ainda teve a audácia de cuspir no rosto do rapaz, a pessoa se sentiu magoada, não tinha nenhuma justificativa para o cara (sic) fazer isso. Em Porto Alegre, um senhor acompanhado de sua esposa foi espancado por dar seguranças do supermercado Carrefour. Ele discutiu com o caixa do estabelecimento, por isso foi conduzido até o estabelecimento pelas seguranças. Funcionários dizem que foi o senhor chamado Freitas quem começou a briga, para se defender os

seguranças agridem ele (sic) na tentativa de contê-lo com tantas porradas o senhor morreu. Existem outros fatos de racismo, é muito triste ver esse tipo de coisa, de alguma forma o racismo sempre vai estar presente em nossas vidas. Alguns atos de racismo pode (sic) ter um final bom ou ruim. O primeiro caso, o jovem teve um bom final ganhou apoio de muitas pessoas, ganhou um novo emprego, uma moto, entre outras coisas, porém nem sempre o final e feliz. Um caso do senhor Freitas, perdeu sua vida, deixou sua esposa e talvez filhos. É uma coisa que não podemos evitar, porém combate, tipo o racismo acontece há décadas, nunca foi uma grande novidade isso, porém existem formas de concientizar (sic) as pessoas a não serem tão desumanos. Já vivi esse tipo de experiência, não desejo isso pra ninguém. Espero que os seres humanos possam repensar suas atitudes e ver que nem tudo é como eles querem, que eles passam repassar suas atitudes mais amor.

Informante 45 – (T. K. P. N.)

Primeiro, o que é racismo? É a característica de uma pessoa que tem preconceito com pessoas de cor de pele escura. O racismo no Brasil vem desde muito tempo, basicamente, a constituição do território brasileiro foi pela escravidão dos negros que foram trazidos a força da África. O trabalho mais pesado era feito por eles, que eram considerados e tratados como escravo por causa da sua pele escura. Com o tempo, evolução tecnológica, evolução da sociedade e do mundo e protestos, o Brasil parou com a escravidão, mas, mesmo assim a desigualdade era bem visível. Com o tempo eu diria que o racismo saiu da nossa realidade. As leis mudaram: você recebe punição pelo ato de racismo. Na internet é o lugar que mais militam esses comentários. Porém, nas redes sociais é meio superficial, é claro, que há pessoas que verdade abominam esse tipo de preconceito. Se alguma pessoa negra posta uma foto, vídeo e alguém comenta insultando a essa pessoa por ser negra (o), vem várias pessoas xingarem o que insultou, mesmo algum sendo da boca para fora. A internet é um ótimo lugar o que quer anonimamente sem ter consequências. Há vários casos de pessoas que morrem por ser negro, uns tem justiças, outros não. Ainda há pessoas que tem pensamentos antigos que

se pode julgar a pessoa por ser negra e suas características. Concluindo, o Brasil não é racista, ele tem pessoas racistas, e também pessoas que não são, além de pessoas que dizem não ser, mas depois estão falando mal e maltratando os outros por causa que sua cor de pele é negra.

Informante 46 – (I. F. H.)

Atualmente existe muitos casos de racismo no Brasil e não é de hoje, tudo isso vem acontecendo desde muito tempo trás, desde que nossos antepassados, europeus/portugueses decidiram trazer africanos ao Brasil para ser escravos, desde lá tem se uma visão de que negros só servem para fazer trabalho braçal e serem aos olhos da maioria branca, subordinados e empregado. Mas não deveria ser assim, a escravidão já foi abolida há muito tempo atrás e mesmo assim existem pessoas que se acham no direito de rebaixar a outra pela sociedade por termos a pele mais bronzeadas em vez de verem nosso caráter ou coração, eles julgam pela cor da pela. E no Brasil não é diferente, o brasileiro gosta muito de falar que somos um povo miscigenada, mais quando são colocados a prova, vemos que tudo isso é hipocrisia. Injuria racial continua sendo crime, mais existe uma cultura no Brasil que está tão 'impregnado' que não conseguimos tirá-la, que é o racismo! Você pode ser racista de várias formas, como quando você chama uma pessoa de "mulato", "criolo", "mudo". "Não sou tuas negras", "Denigrir", "A coisa tá preta", "Inveja branca" e a pior na minha opinião "Da cor do pecado". Eu sei que existem pessoas que não fazem por mal, mais acabam sendo racistas, temos que nos por no lugar uns dos outros e respeitar todos independentes da cor da pele, o Brasil precisa melhorar muito neste quesito. Muitos perdem oportunidades de emprego, de estudo e muitas vezes suas próprias vidas, por conta de uma coisa "banal" que é a cor da pele, em vez disso deveríamos olhar para a qualidade, capacidade, coração e o caráter de cada pessoa. O racismo deveria ser um crime com pena maior, pela pessoa que cometeu a crime não ter amor ao próximo. Essas pessoas precisam. Ser reeducadas, nenhuma pessoa deveria ser julgada pela cor da sua pele. O governo também deveria intervir em casos mais graves, os problemas é que o governo nunca deu voz para esse tipo de assunto. Antes de qualquer pessoa se sentir superior a outra só por ser

branca e a outra negra, saiba que todos somos seres humanos e a única coisa que muda é a cor da pele, mais antes de tudo devemos olhar para nós mesmos e concertar nossos defeitos e nunca julgar os outros (ser negro não é defeito!!!). Aliás a pele negra/bronzeada tem vantagens, nós de pele negra/bronzeada somos mais resistentes ao sol, sem contar que envelhecemos mais devagar do que a pele branco, por conta da nossa pele ser mais firme. Então respondendo a pergunta: “O Brasil é, de fato, um país racista? “a responder é: sim, por mais que sejamos miscigenados, mais temos menos do que outros países que não são miscigenados e tem a cultura mais fechada do que a nossa. Mais se o Brasil trabalhar nessa questão conseguimos melhorar e eliminar cada vez mais o racismo do Brasil.

Informante 47 – (R. T. S.)

O racismo existe sim e no Brasil ele é um trauma social. Após um século da abolição da escravatura, a população negra manteve o prestígio na maior parte do tempo. E para entender como o racismo atua na estrutura social e como superar o racismo, ele enfrenta o trauma que marca a nação. E não é só a população negra que sofre com isso, existe variados tipos de racismos com etnias diferentes. Como a historia do Brasil foi delineado pela pressão racial no passado. O racismo produziu violência, ódio e discórdia e se tornar um fator cultural extremamente previolento (sic) no país, por isso deve ser interrompido imediatamente. As evidências mostram que a maior problema do preconceito é insultar na sociedade a aversão o pluralismo. Podemos provar que o racismo se manifestou em muitas formas de dominação na historia como escravidão, apartheid, massacre, colonialismo, imperialismo, branqueamento enfatizado por ditadores, e assim por diante. É evidente a criação das políticas de promoção da igualdade racial. Além dos projetos, o governo deve insistir na evolução pública, deve conscientizar as pessoas sobre a igualdade social, afim de promover a integração das minorias étnicas na sociedade.

Informante 48 – (J. S. L. R.)

No Brasil, segundo os dados do IBGE de 2018, cerca de 56,10% da população declara-se preto ou pardo. Isso significa que a maioria da população tem maior chance de ser descriminada (sic), ter a desigualdade nos direitos sociais, que é um absurdo. A taxa de desemprego dos declarados brancos é muito menor comparado com ao dos pretos ou pardos. O Brasil não assume ser racista. Quando o IBGE lança os dados da taxa de mortalidade, de desemprego, analfabetismo e outro, quem sempre está em desvantagem são os pretos e pardos. Se um adolescente preto sair na rua com roupas rasgadas, um policial, um guarda e até seus amigos vão chama-lo de marginal, mas se um adolescente branco sair com a mesma veste, vai poder passar facilmente por um guarda, por um policial, e seus amigos deviam que isso é moda. O Brasil só se diz não racista quando se depara com uma situação igual a de George Flayd, isso porque vem de um outro país, na sua população, situação assim acontecem o tempo todo e ninguém se importa, ninguém se manifesta. Os telejornais desde país acham que se eles entrevistarem mais pretos somente no dia da cosciencia (sic) negra, não estão sendo racistas, mas mal percebem eles. Fora isso, eles, o que mais fazer é uma reportagem abordando essas pessoas comentando algum crime. O brasileiro não nasce racista, mas se torna racista. O grande problema do Brasil é não assumir ser racista diante destas e de várias outras informações. No Brasil, ter mais professores, empresários, advogados e políticos pretos no poder, ajudaria a situação e influenciaria a sua população a melhorar de vida. As crianças tem que aprender a não praticar o racismo desde bem pequenas, e ser influenciadas pelas pessoas que estão no seu dia a dia ajudaria bastante. O brasil precisa reconhecer que é racista de fato e, lutar para que o racismo seja eliminado de dentre da sua sociedade.

Informante 49 – (S. D. R. S.)

Que pergunta impactante não é mesmo!?, mas antes de respondê-la é preciso saber o que é o racismo e a sua origem! Bom, o racismo é uma forma de preconceito ou discriminação motivado pela cor de pele ou origem étnica, e

as origens modernas do preconceito ideal remontam aos séculos XVI e XVII, no período de expansão marítima e comercial, além da colonização do continente americano. Nesse momento foram marcados na história a escravização dos africanos e o genocideo (sic) de povos indígenas; os europeus criaram teorias baseadas na suposição de que havia uma hierarquia das raças, inferiorizando todas outras raças que não fossem brancos, inclusivos os negros. Agora sabemos que o racismo ocorre contra a classe historicamente oprimida, e que infelizmente ainda sim está presente de diferentes formas na sociedade atual, ocorrendo de 3 maneiras: Quando há crime de ódio ou discriminação racial direta - trata-se de situações em que pessoas são difamadas, violentadas ou têm o acesso a algum tipo de serviço ou lugar negado; Quando há racismo institucional: abordagens mais violentas da politica contra das pessoas negras e a desconfiança de agentes de seguranças e de empresas contra pessoas negras, sem justificativas; Quando há o racismo estrutural poucas pessoas negras ou de origem indígena ocupam cargos de chefia em grandes empresas, nos cursos da melhores universidades, a maioria de estudantes é branca, ou quando há a utilização de expressões linguísticas e piadas racistas. Todas essas situações ocorrem com muita frequência no Brasil, há diversos registros de racismo todos os dias! Recordando o tema “O Brasil é, de fato, um país racista?”, de acordo com um documentário muito interessante chamado: Quebrando o Tabu, percebi que não há muitas opiniões diferentes e que pessoas que nunca sofreram racismo acreditam que este não existe em nosso país, pois pensam ser apenas uma questão social, e já as pessoas negras dizem que o sofrem constantemente e afirmam a sua existência. Concluo que de acordo com os depoimentos das pessoas negras que são vítimas do racismo, este existe sim no Brasil!! Pois para responder a pergunta proposta é necessário ouvir as vitimas (os oprimidos); à vista disso posso citar o seguinte exemplo: imagine perguntar a um chefe do campo de concentração se ele acha o lugar confortável, ele diria: sim, pois tenho comido abundante, uma cama aconchegante e poder total, e agora perguntar a um prisioneiro do campo, certamente ele responderia: não, pois passo fome, sede, frio...

Informante 50 – (S. C. A. P.)

Recentemente um dos assuntos mais comentado na sociedade brasileira, de forma generalizada, e a diversidade. A diversidade é nada mais nada menos do que a função de várias raças, formas, padrões de beleza e de vida, a diversidade é a porta para a representatividade a maior aliada contra o racismo. O que é realmente racismo? Se pararmos para pensar de forma diferente do conceito do qual nos é imposto percebemos que o tal racismo não passa de cultura. Como assim? “você deve ter se perguntado, porém é essa realidade desde o início na criação humana. Naturalmente tudo o que é considerado diferente atrai a atenção de todos, sendo ela positiva ou negativa, um traço físico ou comportamental pode dizer muito sobre a origem de um individuo, ou melhor dizendo, essas são as coisas que o incluem ou excluem em um grupo social. O Brasil pode sim ser considerado um país racista, porém essa não passa de cultura brasileira. Quando falamos a palavra “racismo” automaticamente ela é associada ao “povo preto” de forma generalizada é claro, mas também há racismo com povo amarelo, povo indígena e o povo branco. O ato do racismo é basicamente o prejulgamento para com um individuo apenas se baseando em suas origens e traços físicos, já é parte da cultura brasileira associar a preto a favela e pobreza e isso se deve a atos horrendos na formação do Brasil como país, mas é também uma forma popular de tratamento afetivo para antes queridos quando usado a frase “meu preto”, “minha nega” etc se torna sinônimo de querida ou querida. Para esclarecer mais ainda irei impor os povos e suas respectivas denominações, do ponto de vista racista: o povo negro é chamado de preto favelado, é associado ao marginalismo, ao vandalismo e a miséria, o povo amarelo é chamado xing ling (sic) e é associado a genialidade, exotismo e machismo; o povo indígena é chamado de tikuna (sic) é associado à selvageria à ignorância e a intolerância, o povo branco é chamado de burguês e é associado a riqueza, a arrogância e a ganância. Podemos então chegar a conclusão que o Brasil não é um país racista, porém culturista e diverso, portanto a diversidade cultural traz o atrito

entre ambos povos e é por isso a representatividade e a melhor solução contra o racismo. Por fim das contas a normalidade é o anormal.